

OS LIVROS DA FUVEST

*ANGÚSTIA*

GRACILIANO RAMOS

Análise da obra, seleção de textos e questionário

**MARIA DE LOURDES DA CONCEIÇÃO CUNHA**



## 1. CRONOLOGIA

- 1892 – A 27 de outubro, nasce Graciliano Ramos em Quebrangulo, Alagoas.
- 1895 – Com a compra da Fazenda Pintadinho, o pai de Graciliano, Sebastião Ramos, muda-se com a família para Buíque, sertão pernambucano. A seca mata o gado e Sebastião abre uma loja de tecidos na vila.
- 1898 – Graciliano Ramos inicia-se na leitura de livros.
- 1899 – Família Ramos muda-se para Viçosa, Alagoas.
- 1904 – Graciliano Ramos é colocado num internato alagoano, onde publica o conto “Pequeno pedinte” no jornal da escola, *O Dilúculo*.
- 1905 – Graciliano muda para Maceió e passa a frequentar o colégio Quinze de Março.
- 1906 – O periódico *Echo Viçosense* é redigido por Graciliano que, concomitantemente, publica sonetos na revista *O Malho* (RJ) sob pseudônimo de Feliciano de Olivença.
- 1909 – Graciliano Ramos publica o soneto “Céptico” no *Jornal de Alagoas* com o nome Almeida Cunha. O autor passa a colaborar com esse jornal, escrevendo textos assinados por diversos pseudônimos.
- 1910 – Família Ramos muda-se para a cidade alagoana de Palmeira dos Índios. Graciliano gerencia a loja de tecidos do pai e leciona português no período da noite.
- 1914 – Início da Primeira Guerra Mundial.  
– Graciliano Ramos muda-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha como revisor de textos no *Correio da Manhã*, além de colaborar com os jornais *Paraíba do Sul*, *Jornal de Alagoas* e *A Tarde*.
- 1915 – Uma epidemia de peste bubônica vitima três irmãos e um sobrinho de Graciliano Ramos e, por isso, ele retorna a Palmeira dos Índios. Nesse mesmo ano, o autor casa-se com Maria Augusta, trabalha em jornais e no comércio.
- 1917 – Revolução Russa.  
– Graciliano Ramos administra a loja de tecidos, chamada A Sincera.
- 1918 – Fim da Primeira Guerra Mundial.

- 1920 – Maria Augusta, esposa de Graciliano Ramos, morre por complicações no parto. O autor cai em depressão e precisa cuidar de seus quatro filhos: Márcio, Júnio, Múcio e Maria Augusta.
- 1921 – Graciliano Ramos colabora no semanário *O Índio*, com os pseudônimos de J. Calisto e Anastácio Anacleto.
- 1922 – Realização da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo.
- Fundação do Partido Comunista no Brasil.
- 1925 – Graciliano Ramos inicia a escritura de *Caetés*.
- 1927 – A população de Palmeira dos Índios elege Graciliano Ramos prefeito.
- 1928 – *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, marca o início do romance nordestino.
- Mário de Andrade publica *Macunaíma*.
  - Graciliano Ramos é empossado prefeito, casa-se com Heloísa Leite de Medeiros, com quem terá quatro filhos (Ricardo, Roberto, Luíza e Clara), e termina de escrever *Caetés*.
- 1929 – Os relatórios de Graciliano Ramos ganham destaque pela qualidade de suas redações. Augusto Frederico Schmidt procura o autor, interessado em publicar seus escritos.
- 1930 – Washington Luís é deposto pela Revolução.
- Raquel de Queirós publica *O Quinze*.
  - Graciliano Ramos escreve artigos para o *Jornal de Alagoas*, renuncia à Prefeitura de Palmeira dos Índios e muda-se com a família para Maceió, onde será diretor da Imprensa Oficial de Alagoas.
- 1931 – Graciliano demite-se da Imprensa Oficial de Alagoas.
- 1932 – Revolução Constitucionalista em São Paulo.
- Jorge Amado publica *Carnaval*.
  - José Lins do Rego lança *Menino de Engenho*.
  - Graciliano Ramos inicia a escritura de *São Bernardo* e volta para Palmeira dos Índios.
- 1933 – Graciliano é nomeado diretor de Instrução Pública de Alagoas, regressa para Maceió, publica *Caetés* e inicia a composição de *Angústia*.

- 1934 – O autor lança *São Bernardo*.
- 1935 – Intentona Comunista sob orientação de Luís Carlos Prestes.
- 1936 – Graciliano Ramos é demitido por razões políticas, preso em Maceió e levado ao Rio de Janeiro. *Angústia* é publicado sem a última revisão do autor.
- 1937 – Implantação do Estado Novo.
- Graciliano Ramos é libertado no Rio de Janeiro, onde passa a residir.
  - O autor escreve para jornais cariocas e compõe *A Terra dos meninos pelados*, agraciado com o prêmio Literatura Infantil do Ministério da Educação.
- 1938 – *Vidas Secas* é publicado.
- 1939 – Início da Segunda Guerra Mundial.
- Graciliano Ramos é nomeado inspetor-geral de Ensino Secundário do Rio de Janeiro.
- 1940 – *Memórias de um negro*, de autoria do norte-americano Booker Washington, é traduzido para o português por Graciliano Ramos.
- 1942 – O Brasil entra na Segunda Guerra Mundial.
- Graciliano Ramos publica o romance *Brandão entre o mar e o amor*, com Raquel de Queirós, José Lins do Rego, Jorge Amado e Aníbal Machado.
- 1944 – Publicação de *Histórias de Alexandre* de Graciliano Ramos.
- 1945 – Fim da Segunda Guerra e da ditadura do Estado Novo.
- Graciliano Ramos ingressa no Partido Comunista, publica *Infância e Dois Dedos*.
- 1946 – Assembleia Nacional elabora a nova Constituição brasileira.
- Graciliano Ramos publica *Histórias Incompletas* e inicia a redação de *Memórias do Cárcere*.
- 1947 – O livro *Insônia* é publicado.
- 1949 – Vitória da Revolução Chinesa.
- *São Bernardo* é adaptado por Amaral Gurgel para novela de rádio.
- 1950 – Graciliano Ramos traduz *A peste*, romance de Albert Camus.
- Getúlio Vargas é eleito presidente.

- 1951 – Graciliano Ramos torna-se presidente da Associação Brasileira de Escritores.
- 1952 – Reeleito presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), Graciliano viaja à União Soviética, Tchecoslováquia, França e Portugal.
- 1953 – Graciliano Ramos morre no dia 20 de março, vítima de câncer pulmonar.
  - *Memórias do Cárcere* é publicado postumamente.
- 1954 – Publicação de *Viagem* de Graciliano Ramos.
- 1962 – *Linhas Tortas*, *Viventes das Alagoas* e *Alexandre e Outros heróis* são publicados.
  - *Vidas Secas* recebe o prêmio da Fundação William Faulkner.
- 1963 – Filme *Vidas Secas*, sob direção de Nelson Pereira dos Santos, é lançado.
- 1964 – Festival de Cannes de Cinema premia o filme *Vidas Secas*.
- 1972 – Leon Hirszman lança o filme *São Bernardo*.
- 1980 – Heloísa de Medeiros Ramos, esposa de Graciliano Ramos, doa manuscritos, documentos pessoais, cartas, fotografias e alguns livros para o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.
- 1983/4 – Lançamento do filme *Memórias do Cárcere* sob direção de Nelson Pereira dos Santos.
- 1992 – Publicação de *Cartas de Amor a Heloísa* de Graciliano Ramos.
- 2011 – Edição comemorativa dos 75 anos de *Angústia* (publicado pela Editora Record).
- 2018 – Edição comemorativa dos 80 anos de *Vidas Secas* é publicada pela Editora Record, com um projeto gráfico inspirado na 2ª edição do livro de 1947.

## 2. OBRAS DO AUTOR

- *Caetés* – 1933.
- *São Bernardo* – 1934.
- *Angústia* – 1936.
- *Vidas Secas* – 1938.
- *A Terra dos Meninos Pelados* – 1939.
- *Histórias de Alexandre* – 1944.
- *Dois Dedos* – 1945.
- *Infância* – 1945.
- *Histórias Incompletas* – 1946.
- *Insônia* – 1947.
- *Memórias do Cárcere* – 1953.
- *Viagem* – 1954.
- *Contos e Novelas* (Organização) – 1957.
- *Linhas Tortas* – 1962.
- *Viventes das Alagoas* – 1962.
- *Alexandre e Outros Heróis* – 1962.
- *Cartas* – 1980.
- *Cartas de Amor a Heloísa* – 1992.
- *O estribo de Prata* – 2012.
- *Garranchos* – 2012.

### 3. ANGÚSTIA E O ROMANCE DE 1930

O romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, escrito entre 1933 e 1936, é o terceiro livro publicado pelo autor, cujos manuscritos foram entregues para a datilografia no mesmo dia em que ele foi preso (3 de março de 1936), pela força policial do Exército de Vargas, o qual, em represália à Intentona Comunista (23 de novembro de 1935), praticava arbitrárias e indiscriminadas detenções.

Sem qualquer acusação formal, Graciliano Ramos foi conduzido para a Colônia Correcional de Dois Rios (RJ) e, de lá, viu *Angústia* ser publicado sem a última revisão, na qual o autor certamente faria alterações e suprimiria alguns excessos, conforme afirmou em carta a Antônio Cândido:

– Não se conferiu a cópia com o original. Imagine. E a revisão preencheu a lacuna metendo horrores na história. Só mais tarde o vi. (Cândido, 2006, p.11)

Em janeiro de 1937, com envolvimento de alguns amigos, como José Lins de Rego e Augusto Frederico Schmidt, Graciliano Ramos ganha novamente a liberdade. Ao romance *Angústia* foi concedido o Prêmio Lima Barreto pela *Revista Acadêmica* em 1936, mesmo a obra não agradando o próprio autor, como ele declara em passagens de cartas escritas à esposa Heloísa de Medeiros Ramos:

*Ló: Estou comendo como um cavalo. Helena de ontem para hoje tem arranjado uns almoços formidáveis. Acabo de almoçar e, como é natural, bebi um bocado de aguardente. Vou dormir. Em seguida retomarei o trabalho interrompido há cinco meses. Julgo que continuarei o Angústia, que a Rachel acha excelente, aquela bandida. Chegou a convencer-me de que eu devia continuar a história abandonada. Escrevi ontem duas folhas, tenho prontas 95. Vamos ver se é possível concluir agora esta porcaria. Abraços do Graciliano. 22 de março de 1935. (Maceió). (RAMOS, 1994, p. 140-41)<sup>1</sup>*

O romance psicológico, repleto de monólogos interiores, de enredo caminhando ao fluxo da consciência da personagem, associado às questões sociopolíticas dos anos de 1930, e os acontecimentos anteriores garantindo

---

<sup>1</sup> Encontram-se, no final deste trabalho, mais alguns fragmentos de cartas em que Graciliano Ramos cita o romance *Angústia* e algumas de suas personagens.



o alicerce à lógica narrativa, são ingredientes característicos dos romances de Graciliano Ramos.

A narrativa intimista, no caso de *Angústia*, no entanto, ganha aspecto dominante na referida obra, evidenciando-se, nos elementos da enunciação, o momento angustiante vivido pelo personagem principal, Luís da Silva. No entanto, para o crítico Antonio Candido, *Angústia* é um romance de “desespero oriundo do sentimento de um drama não só pessoal, mas também coletivo” (Candido, 2006, p. 50), partindo o autor de um relato particular para o retrato geral de uma sociedade mergulhada no caos e no declínio.

Desse modo, o romance, embora elaborado na primeira pessoa e centrando-se no relato de um indivíduo perturbado pelos seus fracassos pessoais, volta-se também para o retrato de uma sociedade em que a violência se faz frequente. O Determinismo de meio, portanto, é ilustrado a partir do retrato de Luís da Silva, Marina, seu Ramalho, Ivo, Vitória, dentre outras personagens, mergulhadas na influência do ambiente alagoano das primeiras décadas do século XX.

Considere-se, no entanto, que a narrativa é construída a partir do subterrâneo psicológico de Luís da Silva, o que classifica *Angústia* como romance intimista ou de ação interiorizada, sendo todos os acontecimentos filtrados pelo olhar do narrador, de sua intimidade, de seu mundo particular e inconscientemente cicatrizado pelas opressões que ele vivenciou. Assim, a narrativa é fragmentária, uma confissão atormentada pelas frustrações na vida amorosa, financeira e social de Luís da Silva e, por isso, passíveis de dúvida no que concerne à verdade absoluta dos fatos.

O monólogo interior, ou fluxo da consciência do protagonista, atormentado pela frustração generalizada é passível de questionamentos quanto à veracidade dos fatos relatados. Como Luís da Silva é parte interessada no que narra, não seria confiável considerar como verdadeiro o retrato feito por ele de Marina, fútil e interesseira; Julião Tavares, bacharel papudo, designador de moças inocentes; D. Mercedes, mulher vulgar; e de tantas outras personagens, como perfis verdadeiros dentro do enredo ficcional de um romance em primeira pessoa. Numa reflexão mais questionadora: teria Luís da Silva cometido realmente o assassinato de Julião Tavares, ou seria o crime apenas usado pelo narrador como mola propulsora à realização de seu desejo de escrever um livro e salvá-lo do anonimato social?

Conspirações interpretativas quanto à realização do crime serão, no entanto, deixadas de lado, em favor de uma análise dominante do romance *Angústia*, a partir do principal interesse da obra, que é o universo psíquico de Luís da Silva, uma vez que o enredo simples serve como alicerce para a construção da personalidade do narrador.

O Neorealismo, ou romance de 1930, caracteriza-se como uma expressão artística em que a literatura do século XX era um instrumento por meio do qual os críticos denunciavam os principais problemas do Brasil. Os autores, portanto, buscavam retratar a realidade do País a partir da análise das relações sociais e valiam-se de heróis problemáticos que, muitas vezes, resistiam às pressões do meio e aos conflitos pessoais que emergiam dele.

Historicamente, o Brasil e o mundo passam por mudanças radicais: a ascensão nazista e fascista na Europa, a Segunda Guerra Mundial, a convulsão da economia capitalista, a Revolução de 1930, os sucessivos golpes de Getúlio Vargas e a instalação do regime militar brasileiro. Economicamente, o Brasil sofre com os reflexos decorrentes de diversas mudanças sociais e econômicas: fim da escravatura, transição do regime monárquico para o republicano e consequente deposição do Imperador, decadência da cultura cafeeira, deslocamento do capital nordestino para o Sudeste do País, ruína do patriarcado rural e crise capitalista com a quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929.

O crescimento da urbanização e da mão de obra, principalmente operária, estabelecem-se e, mesmo havendo a repressão do Estado, ocorrem atividades grevistas de trabalhadores de São Paulo e do Rio de Janeiro, sob liderança anarquista, entre 1917 e 1920, representando, assim, o operariado urbano uma potencial ameaça.

A Revolução de 1930 põe fim às hegemonias radicalizadas no Brasil, inserindo-se o País no sistema capitalista internacional em crise, mergulhando ainda mais a população brasileira num período com graves problemas políticos, econômicos, sociais e culturais. A instalação de um regime autoritário parecia inevitável, logo, Getúlio Vargas implementa o Estado Novo, inicialmente de simpatia nazi-fascista, mas, depois, aliando-se aos Estados Unidos e declarando oposição à Alemanha, Itália e Japão.

Em meio a essas mudanças políticas, históricas e econômicas, surge o romance de 1930 como alternativa para a formação de uma consciência nacional, de registro quase documental das injustiças e dos atrasos do Brasil, além do relato dos impactos causados pela ruína do patriarcado rural na vida nordestina.

A partir de um ponto de vista intensamente crítico, os romancistas desse período preocupam-se com a abordagem do retrato do homem brasileiro, pressionado pelos problemas sociais, políticos e econômicos e, também, perturbado psicologicamente por não conseguir resolver os conflitos de ordem pessoal.

Assim, a figura do herói problemático, ou anti-herói, ganha dimensão dominante nas narrativas, e fatos sociais, problemas econômicos e crises políticas são usados como motor dos enredos de Graciliano Ramos, Jorge Amado e Raquel de Queirós.

Em *Angústia*, por exemplo, o declínio dos senhores rurais e os pactos das classes dominantes, com o poder governamental, ganham destaque quando Luís da Silva relata a ruína de seu avô e das oligarquias agrárias que ele simbolizava. O fim do período em que o proprietário de terras gozava de privilégios, alicerçados pelos representantes do poder, leva o velho Trajano a uma demência galopante, à ruptura com a acomodação e com o poder dos coronéis, que tinham garantida a impunidade dos crimes cometidos.

A autoridade inquestionável do avô de Luís da Silva entra em declínio, juntamente com a situação econômica, mas a violência ainda se mantém, associada à capacidade que Trajano tem de lidar com as palavras, embora fosse semiletrado. Por isso, o seu mando ainda resiste um certo tempo, conseguindo, por exemplo, pressionar o juiz, ou, ainda, mandar, soltar um cangaceiro que lhe era apadrinhado.

No entanto, a decadência da família era inevitável e o reflexo dela afeta Luís da Silva, que não se posiciona de forma determinada na hierarquia social, mas transita e convive com duas camadas distintas, as quais não o reconhecem como integrante de nenhuma delas, pois, os mais pobres veem-no como um homem remediado, com emprego, salário e moradia, enquanto os mais ricos consideram Luís da Silva um coitado, quase um pobre-diabo. Desse modo, o narrador representa a classe média nordestina e conforma-se aparentemente com essa condição, buscando no passado justificativas para seu estado econômico e emocional no presente.

Curiosamente, até conhecer Marina, Luís da Silva parece conviver acomodado à falta de *status* social relevante, mas, depois de ele se apaixonar por ela, o dinheiro, ou melhor, a falta dele, começa a atormentá-lo e a ausência de recursos, objetos e um lar decente passa a ser insuportável e seu destino se altera.

O dinheiro, então, passa a agir como personagem coadjuvante e a comandar o comportamento de Luís da Silva, o qual ambiciona casar-se com Marina, que lhe consome as economias guardadas. Os empréstimos, o atraso no pagamento do aluguel e das prestações, que fez com o tio de Moisés, afligem o narrador, que passa a observar a diferença entre o conforto das residências dos mais abastados e a degradação das casas dos pobres. A riqueza de outrora da família de Luís da Silva e sua pobreza atual retornam constantemente em seus pensamentos, preenchendo suas alucinações decorrentes, o mais das vezes, dos reflexos das crises econômicas enfrentadas pelo narrador ao longo de sua vida.

Desse modo, a riqueza de Julião Tavares, opositor de Luís da Silva, causa inveja e repugnância ao narrador, que vê nele tudo aquilo que desejava ter, isto é, a realização econômica, sexual e, até mesmo, comunicativa. A gordura física do bacharel é associada à sua riqueza e, paradoxalmente, coloca Julião Tavares à parte da sociedade nordestina marcada pela fome, pela desnutrição, pela pobreza, faltas que Luís da Silva também vivenciou e, por isso, matar seu opositor é mister para livrar-se da maldição de ser um pobre nordestino miserável.

#### **4. PERSONAGENS DE ANGÚSTIA**

A apresentação das personagens, traços físicos, personalidade, linguagem, hábitos, aspectos morais, é toda filtrada a partir do olhar do narrador, e, tal como seu estado psicológico perturbado, as características dos indivíduos, com os quais Luís da Silva conviveu, aparecem de maneira fragmentária e subjetiva, uma vez que o narrador conduz todo o enredo e, talvez, reproduza-o de maneira distinta do que seria a realidade. Assim, vejamos como Luís da Silva descreve a si próprio e às demais personagens do romance:

##### **4.1 Personagens principais**

**Luís da Silva** – narrador e protagonista, 35 anos, solteiro, funcionário público na Diretoria da Fazenda de Maceió, trabalho que lhe rende quinhentos mil réis de salário mensal. Segundo ele mesmo, é tímido, feio, inseguro, marcado pelo complexo de inferioridade e baixa autoestima. Intelectual frustrado, escreve artigos para jornais (alguns sob encomenda de poderosos da cidade), e deseja redigir um livro de qualidade literária. Odeia os ricos, despreza os falsos intelectuais e não consegue administrar suas frustrações

sociais, econômicas e sexuais. Inveja a sexualidade que percebe nas outras pessoas e, mesmo chegando a julgar o ato sexual sórdido e animalesco, vive carregado de desejos frustrados, o que o leva a pensar em indecências. Perseguido por pesadelos, irrita-se com facilidade com os ruídos que lhe são frequentes companheiros, sejam dos animais (os ratos, gatos e galos) com que convive, sejam dos objetos que o cercam (relógios, armadores de redes), ou, ainda, dos barulhos produzidos pelas pessoas (tosses, cochichos, gemidos). O ciúme lhe é uma arma pronta a ser disparada e evolui com a certeza de que Marina trocou-o por Julião Tavares. Além disso, a falta de perspectivas positivas futuras e a impossibilidade de alterar o rumo de seu destino, deixam o narrador tomado pela neurose e pela angústia existencial, cujos conflitos o levam à certeza de que os obstáculos devem ser eliminados e a morte de seu opositor iminente, concretizando-se a vingança contra os infortúnios da sorte:

*Sou tímido: quando me vejo diante de senhoras, emburro, digo besteiras. Trinta e cinco anos, funcionário público, homem de ocupações marcadas pelo regulamento. O Estado não me paga para eu olhar as pernas das garotas. E aquilo era uma garota. Além de tudo sei que sou feio. Perfeitamente, tenho espelho em casa. Os olhos baços, a boca muito grande, o nariz grosso. (Angústia<sup>2</sup>, 1998, p. 34)*

**Julião Tavares** – oriundo de família abastada, negociantes de secos e molhados, era bacharel em Direito, literato, reacionário e católico. Gordo, vermelho, sempre com um sorriso cínico no rosto, falador pegajoso, extremamente patriótico, era um grande hipócrita, preocupado com os destinos do país, mas desencaminhador da sorte das mulheres virgens, esteriótipo tropical de Dom Juan. Inútil, preguiçoso e discursador, esconde por trás das palavras a canalhice de sua moral corrupta:

*Julião Tavares não tinha nenhuma das qualidades que lhe atribuíram. Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor. No relógio oficial, nos cafés e noutros lugares frequentados cumprimentava-me de longe, fingindo superioridade:*

*— Como vai, Silva?*

*À noite chegava-me a casa, empurrava a porta e, quando eu menos esperava, desembocava na sala de jantar, que, não sei se já disse, é o meu gabinete de trabalho. E lá vinham intimidades que me aborreciam. Linguagem arresvada, muitos adjetivos, pensamento nenhum. (Angústia, 1998, p. 43)*

<sup>2</sup> Todos os fragmentos do livro *Angústia* foram extraídos da Edição de 1998, Editora Record, RJ.

**Marina** – vizinha de Luís da Silva, de olhar sedutor e cabelos cor de fogo. Jovem pobre e fútil, influenciada pelas leituras de livros de conteúdos fracos, é ambiciosa, vaidosa e interesseira na mesma proporção de sua superficialidade e vazio mental. Insensível ao interesse de Luís da Silva por ela e aos sacrifícios que ele faz para deixá-la feliz, provoca desejos sexuais nele, mas não os concretiza, despertando no narrador fantasias que habitam sua psiquê obscura, o que culmina na certeza de que Marina merece o sofrimento pelo qual passa ao ser abandonada grávida por Julião Tavares. A relação entre Marina e Luís da Silva gira em torno do bifrontismo amor/ódio, levado às últimas consequências de um ciúme descontrolado e possessivo do narrador, que resulta na morte de Julião Tavares:

*Preguiçosa, ingrata, leviana. Os defeitos, porém, só me pareceram censuráveis no começo das nossas relações. Logo que se juntaram para formar com o resto uma criatura completa, achei-os naturais, e não poderia imaginar Marina sem eles, como não a poderia imaginar sem corpo. Além disso ela era meiga, muito limpa. Asseio, cuidado excessivo com as mãos. Passava uma hora no banheiro, e a roupa branca que vestia cheirava. Nos nossos momentos de intimidade eu sentia às vezes uma tentação maluca: baixava-me, agarrava-lhe a orla da camisa, beijava-a, mordida-a. Isto me dava um prazer muito vivo. (Angústia, 1998, p. 67-68)*

## 4.2 Personagens secundárias

**Acrísio** – conhecido de Camilo Pereira da Silva:

*O velho Acrísio, de cachimbo na boca, chegava à janela para conversar com meu pai. Não entrava: dava umas notícias, esfregando as mãos, aguentando aqueles pinguinhos que não molhavam, apenas lhe umedeciam o capote e o cachênê de lã vermelha. (Angústia, 1998, p. 14)*

**Adélia (D.)** – mãe de Marina, mulher robusta e sardenta. Aceita o envolvimento da filha com Julião Tavares porque ele é um homem de posses:

*D. Adélia, bamba, a voz sumida, os olhos assustados, parecia viver escondendo-se. (Angústia, 1998, p. 51)*

**Albertina** – parteira praticante de abortos:

*Mas por que era que d. Albertina, parteira diplomada, com longa prática, deveria ser assim e não de outra forma? Talvez fosse diferente. Os anúncios não valem nada, papel aguenta tudo, como dizem os matutos. D. Albertina era uma velha gorda e mole, sem diploma nem prática, de óculos ordinários e hálito desagradável, mal-educada, resmungona. (Angústia, 1998, p. 170)*

**Amaro** – vaqueiro da fazenda:

*Amaro vaqueiro era uma espécie de sol trepado num mourão. O laço que girava em redor dele era a terra. De repente essa terra esquisita caía sobre a novilha careta e prendia-lhe os chifres. Quando havia poucas reses, o exercício era brincadeira. Mas em tempo de pega o curral se enchia, os cornos se chocavam, e mal se distinguia a cabeça do animal visado. O laço rodava no ar uma eternidade, descia, passava perto do alvo, tornava a subir. Amaro aboiava, e os animais agitavam-se, batendo as pontas. Sentado no último pau da porteira, eu tinha o coração aos baques e torcia desesperadamente. As minhas mãos umedeciam-se de suor. Por que era que Amaro não acabava logo aquilo? Subitamente o aboió estacava, o laço caía, o zunido da corda continuava um instante no ouvido da gente. O animal estava preso. (Angústia, 1998, p. 150)*

**André Laerte** – barbeiro do local:

*Mas a figura de André Laerte tem bastante nitidez. Parece um gato: anda em redor do outro como se estivesse preparando um salto para agarrá-lo. Tem um avental manchado de sangue, um bigodinho ralo e faz “Pfu!” (Angústia, 1998, p. 20-22)*

**Antônia** – empregada de Dona Rosália:

*Antônia, a criada de d. Rosália, passou bamboleando-se, foi até a esquina da Rua Augusta e esteve algum tempo conversando com um soldado de polícia. Voltou, sempre se rebolando e com as pernas abertas. É uma criatura ingênua, meio selvagem. Acredita em tudo quanto lhe dizem e tem grande necessidade de machos. Quando pega um, entrega-se inteiramente. Não escolhe, é uma rede. (Angústia, 1998, p. 54)*

**Antônio Justino** – mestre da escola onde Luís da Silva estudava na infância:

*Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita. Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação dos verbos. O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra. Eu ia jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio. Sempre brinquei só. (Angústia, 1998, p. 13)*

**Aurora (D.)** – proprietária da pensão:

*D. Aurora, que tinha sobrenome inglês, às seis horas encostava-se ao guarda-louça e rosnava, agitava os caracóis brancos, pregava os óculos nos hóspedes que comiam demais e nos que estavam em atraso. Havia um rapaz de Minas, dispéptico, que ela adorava e queria casar com a neta. (Angústia, 1998, p. 10)*

**Basílio (Dom)** – pároco local.

**Batista (Seu)** – os reisados passavam em frente à sua casa:

*Os reisados cantavam defronte da casa de seu Batista. Os mateus gritavam: – “Abra a porta, ioiô.” E as figuras todas: – “Aqui estou na vossa porta como um feixinho de lenha.” Seu Batista não abria: esperava a cantiga que fazia as janelas se escancararem. E as figuras, o embaixador, o rei, a burrinha, os mateus, ficavam na calçada como um feixinho de lenha, fedendo a suor, gemendo os versos, até que seu Batista, importante, abria a sala, surgia vistoso, baixinho, vestido em robe-de-chambre. (Angústia, 1998, p. 223)*

**Berta** – personagem a quem Marina é comparada por Luís da Silva, uma prostituta de ingenuidade aparente:

*Berta, uma alemãzinha bonita que antigamente conheci, também tinha as unhas pintadas e pontiagudas. Aquilo arranhava docemente. A primeira mulher de jeito com quem me atraquei. (Angústia, 1998, p. 36)*



**Camilo Pereira da Silva** – pai de Luís da Silva. Homem inativo que amedronta o narrador desde a infância, despertando nele o mais profundo medo:

*Em dias de pega Camilo Pereira da Silva desenroscava-se, vestia o gibão, calçava as pernas. O barbicacho do chapéu de couro terminava debaixo do queixo numa borla que lhe fazia uma barbinha ridícula. Assim paramentado, Camilo Pereira da Silva andava emproado como um galo, e as rosetas das esporas de ferro tilintavam. (Angústia, 1998, p. 76)*

**Carcará** – homem que se destaca pela risada frequente:

*Debaixo de um mamoeiro de folhas torradas, Carcará assava milho verde na fogueira e largava risadas enormes. Meu pai dizia: – “Hi! parece um papa-lagartas.” Eu não sabia que espécie de bicho era o papa-lagartas nem por que meu pai se lembrava dele ouvindo as gargalhadas de Carcará. (Angústia, 1998, p. 186)*

**Chico Cobra** – curandeiro da Vila:

*Lembrei-me de Chico Cobra, um curandeiro que na vila andava sempre com um cabaço cheio de jararacas. Quando Chico Cobra matou um homem na feira, entrou na mata, fez um rancho de palha e cercou-se de surucucus e outros viventes semelhantes. Todas as diligências da polícia para prendê-lo falharam. Nunca ninguém chegou ao rancho do criminoso: à distância de quinhentas braças o que se via eram barrocas com enormes rodilhas de serpentes. (Angústia, 1998, p. 144)*

**Chico (Seu)** – carteiro da região:

*Seu Chico, o carteiro, que sabe cortar cabelos de senhoras. (Angústia, 1998, p. 112)*

**Cirilo de Engrácia** – cangaceiro morto em 1935:

*Pensei em Cirilo de Engrácia, visto dias antes em fotografia – um cangaceiro morto, amarrado a uma árvore. Parecia vivo e era medonho. O que tinha de morto eram os pés, suspensos, com os dedos quase tocando o chão. (Angústia, 1998, p. 174)*

**Conceição (D.)** – esposa de Teotoninho Sabiá:

**Currapaco** – papagaio de Vitória:

*Vitória dizia a lista dos passageiros. Tentara fazer Currapaco decorar uma das listas, mas Currapaco não dera conta do recado e ficara nos versos da mulher do macaco, que fia e cose e toma tabaco há muitos anos. (Angústia, 1998, p. 160)*

**Dagoberto** – colega de quarto na pensão de D. Aurora:

*Aborrecia-me o estudo cacete de Dagoberto. Mas quando ele empurrava a porta, jogava na cama a cesta e o compêndio, acovardava-me, sorria, abria o livro ou pegava o osso e começava a amolação.  
– “Perfeitamente, Dagoberto.” (Angústia, 1998, p. 216)*

**Datilógrafa** – moça com quem Luís da Silva flerta:

*Uma datilógrafa que me aparecia em toda a parte era bem engraçada. Bonitinha, com olhos verdes e rosto de santa. Eu ia dobrar uma esquina – dava de cara com ela; tomava o bonde – ela era minha companheira de viagem. Depois de tantos acasos, a gente se cumprimentava, embora sem saber que rumo cada um ia tomar. (Angústia, 1998, p. 91)*

**Domingos (Mestre)** – comerciante, ex-escravo do avô de Luís da Silva:

*Mestre Domingos, que havia sido escravo dele e agora possuía venda sortida, encontrava o antigo senhor escorado no balcão de Teotoninho Sabiá, bebendo cachaça e jogando três-setes com os soldados. O preto era um sujeito perfeitamente respeitável. Em horas de solenidade usava sobrecasaca de chita, correntão de ouro atravessado de um bolso a outro do colete, chinelos de trança, por causa dos calos, que não aguentavam sapatos. Por baixo do chapéu duro, a testa retinta, úmida de suor, brilhava como um espelho. Pois, apesar de tantas vantagens, mestre Domingos, quando via meu avô naquela desordem, dava-lhe o braço, levava-o para casa, curava-lhe a bebedeira com amontáco. (Angústia, 1998, p. 12)*

**Evaristo** – homem trabalhador que fica na miséria na velhice:

*Seu Evaristo sofria necessidades. Tinha vivido em boas condições, fora eleitor, jurado, dera dinheiro para festas de igreja. E as pessoas que o encontravam nas ruas da vila tocavam no chapéu.  
Homem de poucas palavras, trabalhador, o sujeito mais sério do mundo. Dedicava-se a vários ofícios, era agricultor, redigia procurações e petições. Beirando os setenta, começou a vender macacos. Os olhos*

*cansaram, a memória emperrou, os braços descarnados não tiveram força para manejar a enxada, a garlopa, o martelo de ferreiro e a tesoura de cortar metais. Seu Evaristo fabricava muitas coisas, mas não se ajeitava em nenhuma profissão. E quando a velhice chegou, sentiu-se fraco, uma tremura nos dedos, que seguravam mal o cajado. Andando, formava dois arcos: um por detrás, nas pernas, outro adiante, no peito; sentado, firmava as mãos na extremidade do cacete, e sobre as mãos, duras e peludas, de veias enormes, assentava o queixo, donde pendiam pelancas escuras que balançavam como teias de pucumã. Foi baixando, baixando, e na casinha que se escondia no fim da rua da Cruz o fogo se apagou. Nos meses compridos daqueles invernos de serra seu Evaristo e a mulher tremiam e começavam a tresvariar, porque a fome era grande. (Angústia, 1998, p. 150)*

**Fabrício** – cangaceiro amigo de Camilo Pereira da Silva:

*Recordei-me da morte de Fabrício, amigo e compadre de meu pai. Nunca tinha visto um homem assassinado. Assoando-se e gemendo, sentada na prensa de farinha que apodrecia no quintal, Quitéria falava de Fabrício como de uma criatura extraordinária, narrava façanhas maravilhosas dele. (Angústia, 1998, p. 146)*

**Fernando Inguítai** – figura fantasmagórica que permeia a alucinação de Luís da Silva:

*Fernando Inguítai, o braço carregado de voltas de contas, andava pela rua do Comércio, fumando, sorrindo. Haveria alguém neste mundo que se chamasse Inguítai? (Angústia, 1998, p. 223)*

**Filipe Benigno** – negociante local:

*Filipe Benigno é um pouco nebuloso: só percebo dele claramente as barbas brancas e os olhos miúdos. (Angústia, 1998, p. 20)*

**Germana** – avó de Luís da Silva:

*Sinha Germana nunca havia trastejado: ali no duro, as costas calejando a esfregar-se no couro cru do leito de Trajano. — “Sinha Germana!” E sinha Germana, doente ou com saúde, quisesse ou não quisesse, lá estava pronta, livre de desejos, tranquila, para o rápido amor dos brutos. Malícia nenhuma. Como a cidade me afastara de meus avós! (Angústia, 1998, p. 101-102)*

**Gouveia (Dr.)** – advogado, senhorio de Luís da Silva. Exibia-se como escritor por ter elaborado um artigo no passado:

*Dr. Gouveia é um monstro. Compôs, no quinto ano, duas colunas que publicou por dinheiro na seção livre de um jornal ordinário. Meteu esse trabalhinho num caixilho dourado e pregou-o na parede, por cima do bureau. Está cheio de erros e pastéis. Mas dr. Gouveia não os sente. O espírito dele não tem ambições. Dr. Gouveia só se ocupa com o temporal: a renda das propriedades e o cobre que o tesouro lhe pinga. (Angústia, 1998, p. 8)*

**Inácio (Padre)** – padre da vila:

*Ponho-me a vagabundear em pensamento pela vila distante, entro na igreja, escuto os sermões e os desaforos que padre Inácio pregava aos matutos: — “Arreda, povo, raça de cachorro com porco.” (Angústia, 1998, p. 15)*

**Ivo** – bêbado, mendigo faminto, costuma comer na casa de Luís da Silva e, eventualmente, pratica pequenos furtos. Presenteia o narrador com uma corda que lhe será uma tentação. Assim como Vitória, metaforiza o povo sofrido e esquecido pelo governo, ambos desumanizados, ocupados com atividades de pouca valia e vivendo praticamente em silêncio:

*Seu Ivo, silencioso e faminto, vem visitar-me. Faz agrados ao gato e ao papagaio, entende-se com Vitória e arranja um osso na cozinha. Não quero vê-lo, baixo os olhos para não vê-lo. (Angústia, 1998, p. 20)*

**José Baía** – cangaceiro e assassino que mata profissionalmente, sem se importar com a vítima. Representa uma forma de herói para Luís da Silva, que desejava ser capaz de também matar sem ter raiva:

*José Baía vinha contar-me histórias no copiar, cantava mostrando os dentes tortos muito brancos. Era bom e ria sempre. Dava-me explicações a respeito de visagens, mencionava as orações mais fortes. Não me ensinou as orações, para não quebrar a virtude delas, mas ofereceu-me conselhos, que esqueci. Tão bom José Baía! O clavinote dele tinha vários riscos na coronha. Ninguém falava alto a José Baía, ninguém lhe mostrava cara feia. E ele ria, exibindo os dentes acavalados, e quando avistava o vigário ou outro hóspede importante, a aba do chapéu de couro varria o pátio da fazenda. Não me seria possível imaginar José Baía*

*atacado de uma crise de ódio como a que me fazia pregar as unhas nas palmas. Provavelmente ele ficava sossegado na capoeira, tirando um trago do cigarro de palha, que apagava logo com saliva e guardava atrás da orelha, para a fumaça não denunciar a emboscada. O ouvido atento a qualquer rumor que viesse do caminho estreito, o joelho no chão, em cima do chapéu de couro, o olho na mira, a arma escorada a uma forquilha, com certeza não pensava, não sentia. (Angústia, 1998, p. 188 - 189)*

**José da Luz (Cabo)** – soldado da época da chegada de Luís da Silva à vila:

*Cabo José da Luz, à porta do quartel, espalha tristezas:  
Assentei praça. Na polícia eu vivo  
Por ser amigo da distinta farda... (Angústia, 1998, p. 22)*

**Juiz de Direito** – administrador da justiça local:

*O doutor juiz de direito, que mentia demais, contava casos do Amazonas. Como o Amazonas era longe e ninguém ia apurar a veracidade das narrações, o doutor juiz de direito mentia à vontade. (Angústia, 1998, p. 148)*

**José Inácio** – dono da padaria da vila:

*Seu José Inácio gritou uma praga que ofendeu os ouvidos de seu Evaristo.  
— Estou pedindo uma esmola pelo amor de Deus, rosnou o velho espantado, sem saber que aquele despropósito era com ele.  
Tinha auxiliado muito mendigo, nunca fora grosseiro. Chegava num momento em que o dono da padaria estava zangado.  
— Estou pedindo uma esmola pelo amor de Deus, repetiu baixinho.  
Seu José Inácio apontou um cesto de pães dormidos e gritou brutalmente:  
— Tira ali. (Angústia, 1998, p. 151)*

**Lobisomem** – vizinho de Luís da Silva:

*Lobisomem continuava como tinha chegado, indiferente, a cara enferrujada, tão distraído que esbarrava com as pessoas, e os choferes paravam os autos violentamente para não atropelá-lo. E as filhas, coitadas, amarelas, feias, nem se penteavam. Saberiam alguma coisa? Talvez não soubessem. Ao mudar-se para ali, certamente já traziam uma carga de infelicidades. (Angústia, 1998, p. 64-65)*

**Macedo** – colega de quarto de Luís da Silva na pensão:

*Um dia, na pensão de d. Aurora, o meu vizinho Macedo começou a elogiar um desses sonetos, que por sinal era dos piores, e acabou oferecendo-me por ele cinquenta mil-réis. Nem foi preciso copiar: arranquei a folha do livro e recebi o dinheiro, depois de jurar que a coisa estava inédita. Macedo transigiu comigo umas vinte vezes. Infelizmente voltou para São Paulo sem concluir o curso. (Angústia, 1998, p. 45)*

**Maria e Teresa** – meninas de D. Conceição.

**Mercedes (D.)** – moradora do mesmo bairro em que Luís da Silva reside:

*D. Mercedes é uma espanhola madura da vizinhança, amiga em segredo com uma personagem oficial que lhe entra em casa alta noite. Possui mobília complicadíssima, passa os dias olhando-se ao espelho e polindo as unhas, metida num peignoir de seda, e quando mergulha na banheira, sente-se de longe o cheiro da água-de-colônia. (Angústia, 1998, p. 40)*

**Moisés** – amigo judeu de Luís da Silva. Tem os ombros estreitos, sorriso parado e é corcunda. Socialista de voz silabada e com sotaque, é conhecido pelas ideias revolucionárias. Pequeno comerciante que não sabe cobrar as dívidas do amigo e fica constangido na frente dele:

*Moisés comenta o jornal. Nunca vi ninguém ler com tanta rapidez. Percorre as colunas com o dedo e para no ponto que lhe interessa. Engrola, saltando linhas, aquela prosa em língua estranha, relaciona o conteúdo com leituras anteriores e passa adiante. É um dedo inteligente o do Moisés. O resto do corpo tem pouca importância: os ombros estreitos, a corcunda, os dentes que se mostram num sorriso parado. O que a gente nota é o dedo. O dedo e a voz sibilada, descontente, sempre a anunciar desgraças. Moisés é uma coruja. Acha que tudo vai acabar, tudo, a começar pelo tio, que esfola os fregueses. E eu acredito em Moisés, que não escora as suas opiniões com a palavra do Senhor, como os antigos: cita livros, argumenta. Prega a revolução, baixinho, e tem os bolsos cheios de folhetos incendiários. (Angústia, 1998, p. 25)*

**Pimentel** – amigo de Luís da Silva, jornalista que emenda constantemente os artigos que redige:

*Pimentel concordava distraído. Não desgosta ninguém. Escrevendo, agarra uma opinião e, sinta quem sentir, sapeca tudo no papel. Saem artigos furiosos, agressivos como uma peste. Mas em conversa aprova o que a gente diz. (Angústia, 1998, p. 162)*

**Quitéria** – cozinheira da fazenda:

*Até a preta Quitéria se esquecera de mim. Ao passar pela cozinha, encontrei-a mexendo nas panelas e lastimando-se. Sentei-me na prensa, cansado, o estômago doendo. Que iria fazer por aí à toa, miúdo, tão miúdo que ninguém me via? (...) Quitéria, coitada, era bruta demais e por isso insensível. (Angústia, 1998, p. 18-28)*

**Ramalho (Seu)** – pai de Marina, trabalha como eletricitista na Nordeste, homem de poucas palavras e sério. Tinha o hábito de contar histórias, mas sempre repetia uma delas com dúvidas quanto à data e alterando alguns dados. Considera que filha não é grande coisa e censura o comportamento dela:

*Seu Ramalho era uma criatura seca por natureza e humilde por ofício. Tinha um sorriso franzido, um ombro alto e outro baixo. (Angústia, 1998, p. 51)*

**Rosália** – moradora da vizinhança de Luís da Silva:

*Reside ali uma d. Rosália, que tem o marido sempre ausente. Mulher antipática, amarela, muito faladora. Quase nunca a encontro. Felizmente há o muro que nos afasta. (Angústia, 1998, p. 39)*

**Rosenda** – lavadeira:

*Rosenda fazia adivinhações consultando uma bacia de água. (Angústia, 1998, p. 186)*

**Teotoninho Sabiá** – proprietário do bar da vila.

**Terta (Sinha)** – parteira e rezadeira da fazenda:

*Sinha Terta rezava novenas e fazia partos pela vizinhança. (Angústia, 1998, p. 29)*

**Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva** – avô de Luís da Silva, fazendeiro valente e decadente econômico, morre esclerosado. Sua demência é agravada pelo declínio da conjuntura econômica em que os senhores de terras mantinham privilégios em decorrência da proximidade com os representantes do poder, a ponto de ser-lhe possível mandar libertar criminosos e favorecer cangaceiros:

*Trajano possuía escravos, prendera cabras no tronco. E os cangaceiros, vendo-o, varriam o chão com a aba do chapéu de couro. Tudo agora diferente. (Angústia, 1998, p. 101)*

**Vitória** – empregada da casa de Luís da Silva, 50 anos, um pouco surda, cheia de pelancas, pelos no buço e pescoço engelhado. É caracterizada como uma velha decrépita em franca decadência física. Possui um papagaio e tenta fazê-lo aprender a falar. Tem mania de enterrar o dinheiro que recebe no quintal e apoderar-se de moedas que Luís da Silva deixa perdidas pela residência. Lê nos jornais as notícias que informam sobre os navios que aportam em Maceió:

*A minha criada Vitória anda em cinquenta anos, é meio surda e possui um papagaio inteiramente mudo, que pretende educar assim:  
Currupaco, papaco,  
A mulher do macaco  
Ela fia, ela cose,  
Ela toma tabaco  
Torrado no caco. (Angústia, 1998, p. 29)*

## 5. RESUMO DO ENREDO

Luís da Silva inicia seu relato revelando:

*Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios. Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, não vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tornar-se qualquer coisa. (Angústia, 1998, p. 7)*



O narrador identifica-se como um homem cheio de medos e tremores nas mãos. Durante a noite, seus pensamentos distanciam-se do artigo, que lhe fora encomendado pelo jornal, distraíndo-se com o resmungo da empregada Vitória na cozinha e o barulho dos ratos remexendo latas e pacotes. Apenas consegue escrever o nome Marina e as variantes a partir dele: “ar, mar, ria, arma, ira” (*Angústia*, 1998, p. 8)

Pela mente de Luís da Silva passam as dívidas que precisa quitar: o aluguel para Dr. Gouveia, a conta de luz, as prestações para Moisés, pendências que o incomodam muito. O narrador sente, então, vontade de abandonar tudo e viajar, para afastar-se da monotonia de sua vida, mas acaba refugiando-se nos vícios, álcool e cigarro, acompanhados do fantasma de Julião Tavares que o persegue.

Luís da Silva, imaginando-se um cadáver muito magro e com os dentes à mostra, antevê seu enterro:

*Penso no meu cadáver, magríssimo, com os dentes arreganhados, os olhos como duas jabuticabas sem casca, os dedos pretos do cigarro cruzados no peito fundo.*

*Os conhecidos dirão que eu era um bom tipo e conduzirão para o cemitério, num caixão barato, a minha carcaça meio bichada. Enquanto pegarem e soltarem as alças, revezando-se no mister piedoso e cacete de carregar defunto pobre, procurarão saber quem será o meu substituto na Diretoria da Fazenda. (*Angústia*, 1998, p. 9)*

O narrador recorda-se de que, há 15 anos, sua vida era muito diferente: morava num quarto na pensão de estudantes de Medicina de propriedade de Dona Aurora, onde Dagoberto colocava a cesta despejada de ossos na cama, e trabalhava no Tesouro recebendo 15000 réis de salário.

Luís da Silva passou a infância na fazenda do avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, idoso e proprietário decadente. Seu pai, Camilo Pereira da Silva, era quase inativo, lia Carlos Magno, deitado na rede, e passava o dia fazendo cigarros na palha de milho.

Trajano vivia bêbado e dando escândalos, sempre trazido de volta para casa pelo ex-escravo, Mestre Domingos. O avô costumava vomitar na roupa de Mestre Domingos e chamar por sinha Germana que já havia morrido.

Luís da Silva recorda-se da primeira vez em que viu Marina e a lembrança acende-lhe o desejo.

*Se Marina tivesse a ideia de se banhar ali àquela hora da tarde, eu não lhe veria o corpo. Talvez visse apenas uma sombra, como acontece no cinema quando se apresentam mulheres nuas. Este pensamento esquisito – Marina despida, arrepiada, coberta de carocinhos – bole comigo durante alguns minutos. (Angústia, 1998, p. 14)*

O narrador vai misturando o passado e o presente, mentalmente perturbado e desequilibrado. Ele relembra o poço da Pedra, onde aprendeu a nadar na infância:

*Quando eu ainda não sabia nadar, meu pai me levava para ali, segurava-me um braço e atirava-me num lugar fundo. Puxava-me para cima e deixava-me respirar um instante. Em seguida repetia a tortura. Com o correr do tempo aprendi natação com os bichos e librei-me disso. Mais tarde, na escola de mestre Antônio Justino, li a história de um pintor e de um cachorro que morria afogado. Pois para mim era no poço da Pedra que se dava o desastre. Sempre imaginei o pintor com a cara de Camilo Pereira da Silva, e o cachorro parecia-se comigo. Se eu pudesse fazer o mesmo com Marina, afogá-la devagar, trazendo-a para a superfície quando ela estivesse perdendo o fôlego, prolongar o suplício de um dia inteiro... (Angústia, 1998, p. 15)*

Luís da Silva ouve vozes saídas das paredes e dos móveis, confundindo sons de patos e sapos, e retoma a cena em que seu pai morto estava coberto por um lençol branco, enquanto ele, ainda muito jovem, não conseguia chorar pela morte de quem o afogava no poço. A única emoção positiva, sentida pelo narrador no dia da morte de seu pai, veio de Rosenda, acordando-o, no fundo do quintal, levando-lhe uma xícara de café:

*– Muito obrigado, Rosenda.  
E comecei a soluçar como um desgraçado.  
Desde esse dia tenho recebido muito coice. Também me apareceram alguns sujeitos que me fizeram favores. Mas até hoje, que me lembre, nada me sensibilizou tanto como aquele braço estirado, aquela fala mansa que me despertava.  
– Obrigado, Rosenda.  
Iam levando o cadáver de Camilo Pereira da Silva. Corri para a sala, chorando. Na verdade chorava por causa da xícara de café de Rosenda, mas consegui enganar-me e evitei remorsos. (Angústia, 1998, p. 19)*

No dia seguinte, os credores de seu pai vieram buscar todos seus pertences, mobília e mercadoria, para a quitação de dívidas:

*No dia seguinte os credores passaram os gadanhos no que acharam. Tipos desconhecidos entravam na loja, mediam peças de pano. Chegavam de chapéu na cabeça, cigarro no bico, invadiam os quartos, praguejavam. Enterrar os mortos, obra de misericórdia. O morto estava enterrado. Padre Inácio e os outros sumiram-se. E os homens batiam os pés com força, levavam as mercadorias, levavam os móveis, nem me olhavam, nem olhavam Quitéria, que se encolhia gemendo “Misericórdia!”, como quando o trovão rolava no céu e os bichos iam abrigar-se no copiar da fazenda. (Angústia, 1998, p. 19)*

O narrador recorda-se de várias pessoas do passado, o negociante Filipe Benigno, André Laerte, seu Batista, D. Conceição, Teotoninho Sabiá, Carcará, o juiz de direito e o cabo José da Luz.

Luís da Silva ouve o sino da igreja batendo, mas não é o sino, e sim o relógio da sala de jantar anunciando as horas. Veste-se depressa, pois precisa chegar à repartição às nove horas, mas se confunde com o lugar onde está.

*(...) Estarei à porta de casa ou já terei chegado à repartição? Em que ponto do trajeto me acho? Não tenho consciência dos movimentos, sinto-me leve. Ignoro quanto tempo fico assim. Provavelmente um segundo, mas um segundo que parece eternidade. Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer. Mexo-me, atravesso a rua a grandes pernadas. Tenho contudo a impressão de que os transeuntes me olham espantados por eu estar imóvel<sup>3</sup>. (Angústia, 1998, p. 22)*

O aluguel continua atrasado, mas algumas prestações foram pagas a Moisés, um amigo judeu, que nunca cobrava as dívidas de Luís da Silva e fugia dele por ficar constrangido com a situação. Moisés lia com rapidez os jornais e pergava, em tom de voz baixo, suas ideias revolucionárias.

---

<sup>3</sup> Percebe-se, nesta passagem do romance, que o narrador mistura dois tempos, pois, em sua memória, no passado ele estaria correndo para chegar ao trabalho, mas, no presente dela, está parado em sua casa.

No café, Luís da Silva se incomoda com a chegada de Dr. Gouveia e retira-se para a Praça Montepio com o amigo Moisés, onde, no banco, conversam sobre os políticos reacionários e a perseguição aos judeus na Europa. O narrador fala ao amigo sobre seu tempo na escola, período no Exército, sua vida de revisor de textos, mas omite a fase de penúria:

*E coisas piores, que me envergonham e não conto a Moisés. Empregos vasqueiros, a bainha das calças roída, o estômago roído, noites passadas num banco, importunado pela guarda. Farejava o provinciano de longe, conhecia o nordestino pela roupa, pela cor desbotada, pela pronúncia. E assaltava-o:*

*– Um filho do nordeste, perseguido pela adversidade, apela para a generosidade de v. exa.*

*Valorizava a esmola:*

*– Trago um romance entre os meus papéis. Compus um livro de versos, um livro de contos. Sou obrigado a recorrer aos meus conterrâneos. Até que me arranje, até que possa editar as minhas obras<sup>4</sup>. (Angústia, 1998, p. 27)*

Luís da Silva conta a Moisés um episódio, que não atrai a atenção do amigo, interessado apenas em histórias que envolvam tragédias:

*Um dia um cabra de Cabo Preto apareceu na fazenda com uma carta do chefe. Deixou o clavinote encostado a um dos juazeiros do fim do pátio, e de longe ia varrendo o chão com a aba do chapéu de couro. Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva soletrou o papel que o homem lhe deu e mandou Amaro laçar uma novilha. O cabra jantou, recebeu uma nota de vinte mil-réis, que naquele tempo era muito dinheiro, e atravessou o Ipanema, tangendo o bicho. Dia de Natal meu avô foi à vila, com a mulher, e encontrou no caminho o grupo de Cabo Preto, que se meteu na capoeira para não assustar a dona, sinha Germana, de saias arregaçadas, escanchada na sela, um mosquetão na maçaneta, não viu nada, mas meu avô fez um gesto de agradecimento aos angicos e aos mandacarus que marginavam a estrada. Quando a política de padre Inácio caiu, o delegado prendeu um cangaceiro de Cabo Preto. O velho Trajano subiu à vila e pediu ao doutor juiz de direito a soltura do criminoso. Impossível. Andou, virou, mexeu, gastou dinheiro com habeas corpus – e o doutor duro como chifre.*

*– Está direito, exclamou Trajano plantando o sapatão de couro cru na palha da cadeira do juiz. Eu vou soltar o rapaz.*

---

<sup>4</sup> Observe-se, na passagem, o desejo de Luís da Silva de publicar uma obra literária de sua autoria.

*No sábado reuniu o povo da feira, homens e mulheres, moços e velhos, mandou desmanchar o cercado do vigário, armou todos com estacas e foi derrubar a cadeia. (Angústia, 1998, p. 27-28)*

O narrador recorda-se do avô, caduco, de José Baía, Quitéria, sinha Germana e sinha Terta, mas afirma que “difícilmente poderia distinguir a realidade da ficção”. (Angústia, 1998, p.28)

Vitória, a criada de 50 anos, é meio surda e seu papagaio, mudo. Ela gosta de ler os nomes dos navios que aparecem nos jornais, informando quais deles chegam ou partem, embora ela mesma nunca tenha saído de Maceió. Vitória guarda seu dinheiro enterrado perto da horta e não gasta nada do que recebe.

Certa vez, Luís da Silva percebe a falta de algum dinheiro. Cautelosamente, ele diz à Vitória que talvez tivesse perdido a quantia pela casa e, se ela encontrasse-a, deveria guardar para ele. Vitória, então, pega as moedas disfarçadamente e entrega-as ao narrador, alertando-o para ser mais atento, pois vivia perdendo dinheiro. Ele guarda as moedas receoso de que Vitória tenha lhe devolvido um valor maior do que havia tirado.

Às vezes, Pimentel e Moisés visitam Luís da Silva, pedindo-lhe que escreva artigos e composições poéticas, as quais rendiam algum dinheiro para o pagamento do aluguel.

O narrador tem o hábito de ler muito e, certa vez, numa interrupção de suas leituras debaixo da mangueira, nota a presença de uma nova vizinha, de olhos azuis e cabelos amarelos, nada interessante.

*E mergulhei na leitura, desatento, está claro, porque o livro não valia nada. Virava a página muitas vezes, e quando isto acontecia, olhava, fingindo desinteresse, a mulher dos cabelos de fogo. Tinha as unhas pintadas.  
– Lambisgoia! (Angústia, 1998, p. 33)*

No dia seguinte, um sábado sem expediente, Luís da Silva, lendo à sombra da mangueira, interrompe sua atenção com a “coisinha loura” (Angústia, 1998, p. 34), cortando ramos secos da roseira na companhia de uma mulher sardenta, sem notar a presença do narrador, “um sujeito feio: os olhos baços, o nariz grosso, um sorriso besta e a atrapalhão, o encolhimento que é mesmo uma desgraça”. (Angústia, 1998, p. 34)

Luís da Silva recorda-se da ocasião em que convidou D. Aurora, a dona da pensão em que morara, e a neta para irem ao cinema:

*E contava mentalmente o dinheiro suado e mesquinho. Na sala de projeção a neta de d. Aurora abriu um leque enorme em cima das coisas e meteu a minha perna entre as dela. Subitamente o rato deixou de roer-me. O que eu estava era indignado. E calculava. Três passagens de bonde – mil e duzentos. Três sorvetes – três vezes cinco, quinze. E entradas no cinema. As coxas da moça eram frias. Com certeza fazia aquilo por hábito. Naquele tempo eu andava como um bode. Mas esfriei também. Cinco mil-réis por seis horas de trabalho à noite, suspensões, multas, o jornal indo para cima e para baixo. Era um sofrimento a ideia de que no fim da quinzena ficaríamos sem o cobre que estava enganchado. (Angústia, 1998, p. 35)*

### A memória leva Luís da Silva a lembrar-se de

*Berta, uma alemãzinha bonita que antigamente conheci, também tinha as unhas pintadas e pontiagudas. Aquilo arranhava docemente. A primeira mulher de jeito com que me atraquei. Eu levava no bolso uns dinheiros curtos ganhos no jogo e a carta de recomendação que um deputado, depois de muitos salamaleques e muitas viagens, me havia dado na Câmara para o diretor de um jornal. Cada solecismo horrível. Metia a mão no bolso e certificava-me de que as pelegas machucadas e os solecismos existiam. Já de cabeça baixa, ruminando projetos. (Angústia, 1998, p. 36)*

O narrador revela que mora na rua do Macena, próximo à usina elétrica, numa casa velha, alugada do Dr. Gouveia por cento e vinte mil réis mensais. Mas, segundo Luís da Silva, para a história que está escrevendo, o que mais vale é o quintal da casa, pois foi nele que começou a ser mais íntimo da vizinha.

Marina parece ao narrador ser uma mulher frívola, safada e de ideias imbecis, pois dizia a ele, por exemplo, que deveria fazer um *smoking*, já que um homem que ganha dinheiro, deve viver bem vestido. Além disso, para reforçar sua teoria, Marina elogia as roupas de D. Mercedes, uma espanhola vizinha, que, segundo ela, parecia uma artista. Luís da Silva não concorda com Marina e, referindo-se ao leitor, diz:

*Vejam que miolo. E que tendências. Eu, se não fosse um idiota com fumaças de homem prático, lido e corrido, teria cortado relações com aquela criatura. Admirar uma estrangeira que vive só, tem filha no colégio e sustenta marido ausente. (Angústia, 1998, p. 40)*

Vitória alerta Luís da Silva sobre a vizinha: “Franguinha assanhada. Cochichando com um homem no escuro! Cabrita enxerida”. (*Angústia*, 1998, p. 40), mas o narrador não parece levar em consideração o comentário, embora concorde que estava escuro.

Nessa época, Julião Tavares começa a frequentar a casa de Luís da Silva. Ele “era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota e escrevedor” (*Angústia*, 1998, p. 43). Os dois se conheceram numa festa de arte no Instituto Histórico, onde Julião Tavares fez um discurso patriótico e, na saída, deu um encontrão no narrador, pedindo-lhe desculpas e partindo ambos do local conversando, momento em que Luís da Silva fica sabendo da origem familiar de Julião: “Família rica. Tavares & Cia., negociantes de secos e molhados, donos de prédios, membros influentes da Associação Comercial, eram uns ratos” (*Angústia*, 1998, p. 44). Despediram-se e o narrador, não conseguindo se livrar de Julião Tavares, apresenta-se nominalmente, Luís da Silva, acrescentando seu endereço.

Para juntar algum dinheiro, o narrador relata que compôs cerca de duzentos sonetos, a maioria vendidos a estudantes, trabalha para um jornal escrevendo artigos, traduzindo e revisando livros que considera idiotas.

Alguns dias depois, Julião Tavares, o bacharel reacionário e católico, visita Luís da Silva em sua casa. A chegada dele, altera o comportamento dos amigos Moisés e Pimentel, os quais estavam proseando com o narrador.

*– Que diabo vem fazer este sujeito? murmurei com raiva no dia em que Julião Tavares atravessou o corredor sem pedir licença e entrou na sala de jantar, vermelho e com modos de camarada.*

*Soltei a pena, Moisés dobrou o jornal, Pimentel roeu as unhas. E assim ficamos seis meses, roendo as unhas, o jornal dobrado, a pena suspensa, ouvindo opiniões muito diferentes das nossas. As de Moisés são francamente revolucionárias; as minhas são fragmentadas, instáveis e numerosas; Pimentel às vezes está comigo, outras vezes inclina-se para Moisés. (*Angústia*, 1998, p. 47)*

Julião Tavares torna-se inconveniente, refutando as ideias revolucionárias de Moisés e estragando a liberdade das conversas entre Luís da Silva, Moisés e Ivo, este último, um alcoólatra de alguma inteligência perdida por causa do vício. O narrador começa a “odiar Julião Tavares. Farejava-o, percebia-o de longe, só pelo modo de empurrar a porta e atravessar o corredor”. (*Angústia*, 1998, p. 50)

Luís da Silva aproxima-se de D. Adélia e seu Ramalho, pais de Marina. Certa vez, a mãe da moça reclama do preço dos remédios, do mercado, do aluguel, e pede ao narrador que arrume um emprego para a filha. Seu Ramalho, no entanto, afirma que Marina só quer saber de pintar o rosto e comprar sapatos.

Antônia, empregada de D. Rosália, passa rebolando, dirige-se a um soldado na esquina e volta com o mesmo caminhar insinuante. Ela se entrega com facilidade aos amantes, chegando a sustentar alguns homens e, assim, perdendo tudo o que possui.

Luís da Silva empenha-se em encontrar emprego para Marina e, depois de muitas respostas negativas, consegue uma vaga de balconista para ela. Ao saber do emprego, Marina desmerece o trabalho:

*– Numa loja. Cem mil-réis por mês. Um princípio. Depois a gente cava serviço mais fácil e mais rendoso. O que é preciso é começar.*

*– Numa loja? disse Marina com um risinho mau. Obrigação de aturar pilhérias e até descomposturas dos fregueses. E beliscões dos empregados. Muito bem.*

*– Oh! Marina!*

*– Julgo que minha mãe está com intenção de me ver na rua. E você também está.*

*– Oh! Marina! Que horror! Se você não quer, acabou-se. Meti-me nisso porque sua mãe me pediu, compreende? E porque lhe quero muito bem. Marina sensibilizou-se.*

*– Obrigada, Luís. (Angústia, 1998, p. 61)*

Ao estender a mão para Luís da Silva, a fim de agradecer o emprego que lhe fora arrumado, o narrador aperta e morde a mão de Marina, puxando-a para perto de si, beijando-lhe a boca e o colo, enquanto as mãos percorrem o corpo dela. Marina, perturbada com o assédio, e esquecendo-se de guardar o seio que havia saltado para fora da roupa, começa a chorar, alegando ser pura.

Luís da Silva, então, fala em casamento, ouvindo de Marina apenas um seco “É” (Angústia, p. 1998, p. 62), seguido do chamado de seu Ramalho para que ela fosse lavar os pratos. O narrador pede a Marina que volte à meia-noite, quando todos já estivessem dormindo e, depois de ela se retirar, pensa:

*– É uma dos diabos. Eu queria dar a ela alguma independência. Acabou-se. Gosto da pequena, amarro uma pedra no pescoço e mergulho. (Angústia, 1998, p. 63)*



Uma família estranha muda para a vizinhança. Eram três filhas, “amarelas, sujas, malvestidas, ruivas e arrepiadas” (*Angústia*, 1998, p. 63), e o pai barbudo que não falava com ninguém. Os boatos logo surgem e a população começa a chamar o homem de Lobisomem, sendo D. Mercedes a resumidora das versões para o mistério: o pai relacionava-se sexualmente com as filhas.

Os amigos de Luís da Silva consideram absurda a relação incestuosa, o que faz o narrador lembrar-se de um episódio:

*(...) Lembrava-me de outro indivíduo infeliz, um sertanejo que vi há muitos anos, quando ele saía da prisão depois de cumprir sentença. Era um cearense esfomeado que tinha aparecido na vila em tempo de seca. Esmolambado, cheio de feridas, trazia escanchada no pescoço uma filhinha de quatro anos. Tinham ido morar na rua das putas e viviam de esmolas. Um dia as vizinhas ouviram gritos na casinha de palha e taipa que eles ocupavam. Juntaram-se curiosos, olharam por um buraco da parede e viram o homem na esteira, nu, abrindo à força as pernas da filha nua, ensanguentada. Arrombaram a porta, passaram o homem na embira, deram-lhe pancada de criar bicho – e ele confessou, debaixo do zinco, meio morto, que tinha estuprado a menina. Processo, condenação no júri. Anos depois os médicos examinaram a pequena: estava inteirinha. O que havia era sujidade e um corrimento. Tratando a doença da filha com remédios brutos de medicina sertaneja, o homem tinha sido preso, espancado, julgado e condenado. (*Angústia*, 1998, p. 66)*

Marina e Luís da Silva continuam se encontrando tarde da noite, às escondidas, nos fundos do quintal, mas ele não consegue avançar muito em suas investidas, pois a moça protege sua virgindade, o que faz o narrador decidir-se definitivamente pelo casamento.

Quando ouve de Marina que ela não tem um enxoval para casar, Luís da Silva oferece o dinheiro de suas economias para comprá-lo, mas adverte que não haveria extravagância nas aquisições. Ele entrega alguma quantia para Marina, embora haja divergências quanto ao casamento com modéstia, defendido pelo narrador, e com decência, alegado pela noiva.

Ao sair da casa de Marina, Luís da Silva encontra Julião Tavares, sente um “estremecimento desagradável” (*Angústia*, 1998, p. 71) e finge não o ter visto. No café, o narrador vê um cego vendendo bilhetes da loteria, anunciando o número 16. 384, e pensa em que, se fosse premiado, poderia dar à Marina o enxoval de luxo desejado por ela.

Passados alguns dias, Marina mostra a Luís da Silva o que comprara para o casamento: calças e camisas de seda e outras bobagens. Para agradar um pouco mais a noiva, o narrador adquire algumas roupas para si próprio e ela sugere-lhe também a compra de um sapato novo. Assim, o dinheiro de Luís da Silva vai se esgotando, mas, com uma pequena quantia que lhe resta, ele adquire um relógio-pulseira e um anel para presentear a noiva, pensando em pedir dinheiro emprestado a Moisés para pagar as contas do mês .

No entanto, quando o narrador ia se aproximando de sua casa, a decepção toma conta de sua alma:

*(...) À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. Empurrei a porta brutalmente, o coração estalando de raiva, e fiquei em pé diante de Julião Tavares, sentindo um desejo enorme de apertar-lhe as goelas. O homem perturbou-se, sorriu amarelo, esgueirou-se para o sofá, onde se abateu.*

*– Tem negócio comigo?*

*A cólera engasgava-me. Julião Tavares começou a falar e pouco a pouco serenou, mas não compreendi o que ele disse. Canalha. Meses atrás se entalara num processo de defloramento, de que se tinha livrado graças ao dinheiro do pai. Com o olho guloso em cima das mulheres bonitas, estava mesmo precisando uma surra. E um cachorro daquele fazia versos, era poeta.*

*Aprumava-se, as palavras corriam-lhe facilmente, mas continuei a ignorar o que significavam.*

*– Tem negócio comigo? repeti sem pensar que o tipo já havia provavelmente dado resposta. (Angústia, 1998. p. 74-75)*

Julião Tavares desconversa, fala de política, enquanto Luís da Silva recorda-se da fazenda do avô e do episódio em que uma cobra enrolou-se ao pescoço de Trajano, o qual esperneou muito até conseguir se livrar do animal. O bacharel continua a tagarelar e o narrador afirma:

*Tornei a baixar a cabeça, desanimado, continuei a olhar os pés dos raros transeuntes que passavam na rua. Ia e vinha. Um, dois, um, dois – meia-volta. Este exercício era irritante. A porta escancarada convidava-me a abandonar tudo, a sair sem destino – um, dois, um, dois – e não parar tão cedo. Nenhum sargento me mandaria fazer meia-volta. Os meus passos me levariam para oeste, e à medida que me embrenhasse no interior,*

*perderia as peias que me impuseram, como a um cavalo que aprende a trotar. Tornar-me-ia de novo meio cigano, meio selvagem, andaria numa corrida vagabunda pelas fazendas sertanejas, ouviria as cantigas dos cantadores e as conversas das velhas nas fontes, veria à beira dos caminhos estreitos pequenas cruces de madeira, as mesmas que vi há muitos anos, enfeitadas de flores secas e fitas desbotadas. Indicaria uma delas, estirando o beijo. Quem teria morrido ali? E alguém me informaria, repetindo as histórias dos cantadores e as conversas das velhas nas fontes: – “Um sujeito que namorou a noiva de outro”. (Angústia, 1998, p. 77)*

Julião Tavares pergunta a Luís da Silva se estava doente:

*Suponho que a minha resposta foi despropositada. O rapaz levantou-se, aproximou-se, e eu me desviei dele com um palavrão. Não me lembro do que disse, mas sei perfeitamente que terminei com um palavrão obscuro. Julião Tavares apurou-se. – Puta que o pariu, resmunguei. (Angústia, 1998, p. 77)*

O bacharel sai da casa do narrador fingindo não ter ouvido o palavrão. Luís da Silva bebe duas doses de aguardente, vai para a rua e passa por Marina, que diz: “Não matei seu boi não, moço. Me largue”. (Angústia, 1998, p. 78)

O narrador vai ao cinema, não presta atenção no filme, retira-se e encontra com Moisés lendo o jornal, alertando o amigo para não dar atenção a essa literatura, pois “a linguagem escrita é uma safadeza que vocês inventaram para enganar a humanidade, em negócios ou com mentiras”. (Angústia, 1998, p. 79)

Ao entrar numa banca do Helvética, Luís da Silva convida uma prostituta para lhe fazer companhia à mesa. Depois, seguem para a casa dela, na rua da Lama, e, assim que entram na moradia, ela desnuda-se, revelando o corpo tomado pela sífilis.

O narrador conversa com a mulher sobre a vida que ela leva, põe-se a apalpar as caixinhas de veludo com os presentes de Marina ainda em seu bolso e canta: “Liberdade, liberdade/ Abre as asas sobre nós...” (Angústia, 1998, p. 82)

Ao sair da casa da prostituta, Luís da Silva entrega dez mil-réis à mulher, que rejeita o dinheiro, pois não haviam se relacionado sexualmente, o que faz o narrador afirmar exaltado: “A senhora é relógio para trabalhar de graça? A

senhora tem obrigação de andar nua diante de mim? Duas horas de chateação, de conversa mole! A senhora é relógio? A senhora não é relógio” (*Angústia*, 1998, p. 82). A mulher, assustada, recebe o dinheiro e o narrador parte.

Marina conversa com Luís da Silva, dizendo a ele que estava sem razão quanto à possível traição dela, chora e ele aceita as desculpas da noiva, que já se mostra distante e fria. Então, o narrador decide apressar o casamento, mas a noiva afirma que ainda faltam muitas coisas, o que leva Luís da Silva a endividar-se mais e comprar fiado do tio de Moisés:

*Assim, acabei de encalacrar-me. Marina recebeu os panos friamente, insensível ao sacrifício que eu fazia, aquela ingrata. Se eu não tivesse cataratas no entendimento, teria percebido logo que ela estava com a cabeça virada. Virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meias de seda. Que valiam os tecidos grosseiros comprados ao velho Abraão, ou Salomão, o tio de Moisés? Nem olhou os pobres trapos, que ficaram em cima de uma cadeira, esquecidos. (*Angústia*, 1998, p. 85)*

Marina não usa o relógio-pulseira, nem o anel que ganhara de Luís da Silva, e o namoro diminui de intensidade, caindo na rotina, embora ela continuasse a se oferecer e recuar no momento íntimo com o narrador.

Uma vez por semana Luís da Silva sai mais cedo do trabalho, para surpreender Julião Tavares com Marina. O bacharel passa a lhe dar as costas, pois as relações de amizade com ele estavam cortadas, ao mesmo tempo que a conversa sobre casamento entre Marina e Luís da Silva desaparece. D. Adélia diz ao narrador que, quando eles se casarem, tudo passará, pois eram coisas da mocidade, e Luís da Silva pergunta a ela: – “D. Adélia, olhe para a minha cara. A senhora me acha com jeito de corno?” (*Angústia*, 1998, p. 88)

O narrador deseja desligar-se da família de Marina, mudar de sua casa cheia de ratos, fedorenta e caindo aos pedaços. Os gatos miando no telhado faziam Luís da Silva pensar em Marina que, “quando se excitava, enrolava-se como uma gata e miava. Miava baixinho, para não acordar a vizinhança” (*Angústia*, 1998, p. 89). O barulho das redes rangendo fazem o narrador imaginar Marina dormindo, nua por causa do calor, e as banhas de Julião Tavares derretendo.

Um mês depois, Luís da Silva e Marina tornam-se inimigos. Ele pensa em se envolver com uma datilógrafa de olhos verdes com quem encontrava ocasionalmente, mas o desejo fica só na intenção.

Julião Tavares, então frequentador assíduo da casa de Marina, fica horas contínuas com ela, levando presentes para D. Adélia e sua filha, o que aborrece seu Ramalho.

Através das paredes, Luís da Silva ouve as conversas e risos nos jantares na casa de Marina, sem a participação de seu Ramalho. Mas o que preocupa o narrador são os momentos silenciosos, pois neles Julião Tavares e Marina estariam fazendo safadezas.

Luís da Silva tenta se distrair com outros assuntos como a Revolução de 1930, os pratos que Ivo lhe roubava, o sumiço da datilógrafa, a prostituta internada com sífilis, mas o pensamento sempre acaba voltando ao seu rival de “voz oleosa” (*Angústia*, 1988, p. 95), enquanto olha para os canos da casa que se alongavam pelas paredes como cordas.

Aos domingos, Julião Tavares leva Marina ao cinema:

*Mais algumas pernadas, e os dois estavam defronte do café. Julião Tavares passava como um pavão. E o pessoal se calava, arregalava os olhos para Marina, que não ligava importância a ninguém, ia fofa, com o vestido colado às nádegas, as unhas vermelhas, os beiços vermelhos, as sobranceiras arrancadas a pinça. Entravam no cinema, Julião Tavares comprava um jornal. Na sala de espera toda a gente se voltava, com uma pergunta nos olhos. Julião Tavares sentava-se, fingia ler os telegramas, vaidoso. – “Quem é?” Informações em voz baixa, muita inveja. Sim senhor. Que bicho de sorte! Marina fazia água na boca dos homens. (*Angústia*, 1998, p. 96)*

O narrador embaralha lembranças do passado e momentos do presente, refletindo sobre como pagar suas dívidas, a vida obscura do Lobisomem, a época na pensão de D. Aurora, por onde andava seu Ivo, mas as ideias fixas sempre eram Marina e o sexo não realizado.

Luís da Silva analisa a vida que D. Rosália leva, casada com um caixeiro-viajante que, quando volta para casa, relaciona-se barulhentosamente com a esposa. A vontade de reatar com Marina invade o narrador:

*Que me importava que Marina fosse de outro? As mulheres não são de ninguém, não têm dono. Sinha Germana fora de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, só dele, mas há que tempo! Trajano possuía escravos, prendera cabras no tronco. E os cangaceiros, vendo-o, varriam o chão com a aba do chapéu de couro. Tudo agora diferente. Sinha Germana nunca havia trastejado: ali no duro, as costas calejando*

*a esfregar-se no couro cru do leito de Trajano. – “Sinha Germana!” E sinha Germana, doente ou com saúde, quisesse ou não quisesse, lá estava pronta, livre de desejos, tranquila, para o rápido amor dos brutos. Malícia nenhuma. Como a cidade me afastara de meus avós! O amor para mim sempre fora uma coisa dolorosa, complicada e incompleta. (Angústia, 1998, p. 101-102)*

Luís da Silva deseja matar o homem que lhe “roubava o sono” (Angústia, 1998, p. 106) e sente-se perturbado:

*Há nas minhas recordações estranhos hiatos. Fixaram-se coisas insignificantes. Depois um esquecimento quase completo. As minhas ações surgem baralhadas e esmorecidas, como se fossem de outra pessoa. Penso nelas com indiferença. Certos atos aparecem inexplicáveis. Até as feições das pessoas e os lugares por onde transitei perdem a nitidez. Tudo aquilo era uma confusão, em que avultava a ideia de reaver Marina. (Angústia, 1998, p. 106)*

O narrador pensa em perdoar Marina, mas para isso era preciso que ela esquecesse Julião Tavares. À noite, Luís da Silva senta-se à calçada com seu Ramalho, que o aconselha a não se casar. O narrador afirma que a imoralidade é culpa do cinema, pois há muita sem-vergonhice nos filmes. Seu Ramalho, então, diz que, antigamente, honra era assunto sério e põe-se a repetir uma história que Luís da Silva já lhe ouvira repetidas vezes:

*O conto sensacional de seu Ramalho era o seguinte. Um moleque de bagaceira tinha arrancado os tampos da filha do senhor de engenho. Sabendo a patifaria, o senhor de engenho mandara amarrar o cabra e à boca da noite, começara a furá-lo devagar, com ponta de faca. De madrugada o paciente ainda bulia, mas todo picado. Aí cortaram-lhe os testículos e meteram-lhos pela garganta, a punhal. Em seguida tiraram-lhe os beijos. E afinal abriram-lhe a veia do pescoço, porque vinha amanhecendo e era impossível continuar a tortura. (Angústia, 1998, p. 108)*

Chega à cidade a companhia teatral e, no dia da estreia do espetáculo, Julião Tavares busca Marina numa *limousine* para irem à apresentação. Ela desfila com roupas bonitas, enquanto Luís da Silva afoga-se nas dívidas e bebidas. Durante cinco dias a cena se repete, e o narrador assiste a tudo humilhado e perseguido pelos fantasmas de sua vida infantojuvenil e pela solidão.

No último dia de espetáculos, Luís da Silva sente vontade de ir ao teatro também. Mas, como não tem dinheiro para isso, lembra-se das moedas de Vitória, enterradas no quintal e resolve pegá-las, prometendo a si mesmo devolvê-las em dobro, o que realmente faz quando recebe o salário. No entanto, a criada percebe que alguém tocara em seu dinheiro e fica abatida e triste, causando no narrador um grande mal-estar e sentimento de culpa: “Levei o desespero a uma alma que vivia sossegada. Toda a segurança daquela vida perdeu-se”. (*Angústia*, 1998, p. 127)

Julião Tavares frequenta menos a casa de Marina, o que faz seu Ramalho mais feliz. Certa vez, Luís da Silva encontra a moça vomitando perto do mamoeiro e pensa:

“– *Que diabo tem ela?*

*Desgovernada, cuspiendo-se.*

– *Ótimo! Está muito bem assim. Que se lixe.*” (*Angústia*, 1999, p. 128)

Caminhando pela rua, atordoado pelos pensamentos díspares, o narrador esbarra em uma mulher grávida, amarela e malvestida, e sente vontade de rir, mas se recupera e pede-lhe perdão pelo ocorrido. A imagem da mulher grávida funde-se à de Marina, motivo pelo qual Luís da Silva desejava rir:

*Agora havia duas imagens distintas: uma barriga que se alargava pela cidade e a mulher que mostrava apenas um pedaço de cara. Nessa parte visível, endurecida pelo sofrimento, pouco a pouco se esboçavam as feições de Marina. Os cabelos, que a mulher tinha grisalhos, tornavam-se louros. A bochecha era pintada, a metade da boca excessivamente vermelha, o olho único muito azul.*

*Eu fervia de raiva. Se tivesse encontrado Julião Tavares naquele dia, um de nós teria ficado estirado na rua.* (*Angústia*, 1998, p. 132)

Passados mais alguns dias, o narrador ouve barulhos vindos da casa de Marina:

*O banheiro da casa de seu Ramalho é junto, separado do meu por uma parede estreita. Senta-se no cimento, brincando com a formiga ou pensando no livro, distingo as pessoas que se banham lá. Seu Ramalho chega tossindo, escarra e bate a porta com força. Molha-se com três baldes de água e nunca se esfrega. Bate a porta de novo, pronto. Aquilo dura um minuto. D. Adélia vem decentemente, lava-se docemente e canta*

*baixinho: – “Bendito, louvado seja”. Marina entra com um estouvamento ruidoso. Entrava. Agora está reservada e silenciosa, mas o ano passado surgia como um pé de vento e despia-se às arrancadas, falando alto. Se os botões não saíam logo das casas, dava um repelão na roupa e largava uma praga: – “Com os diabos”! Lá se iam os botões, lá se rasgava o pano. Notavam-se todas as minudências do banho comprido. Gastava dez minutos escovando os dentes. Pancadas de água no cimento e o chiar da escova, interrompido por palavras soltas, que não tinham sentido. Em seguida mijava. Eu continha a respiração e aguçava o ouvido para aquela mijada longa que me tornava Marina preciosa. Mesmo depois que ela brigou comigo, nunca deixei de esperar aquele momento e dedicar a ele uma atenção concentrada. Quando Marina se desnudou junto a mim, não experimentei prazer muito grande. Aquilo veio de supetão, atordoou-me. E a minha amiga opôs uma resistência desarrazoada: cerrava as coxas, curvava-se, cobria os peitos com as mãos, e não havia meio de estar quieta. Agora arrancava os botões, praguejava, escovava os dentes, mijava. Abria-se a torneira: rumor de água, uns gritinhos, resfolegar de animal novo. A torneira se fechava – e era uma esfregação interminável. (Angústia, 1998, p. 133-134)*

Marina conta a mãe que está grávida e acusa-a de saber disso.

*– “Que horror, filha da minha alma! Santo Deus! Valha-me Nossa Senhora do Amparo.  
– Que Deus, que Nossa Senhora, que nada!” gritou Marina reduzindo a cacos as lamúrias e a religião da mãe. De quem é a culpa? A senhora não sabia? Para que fingir que não sabia? A senhora sabia. (Angústia, 1998, p. 137)*

Luís da Silva sente vontade de chorar e percebe que, naquele momento, ninguém citara o nome de Julião Tavares. O bacharel, que fizera um grande estrago à vida da família de Marina, afastara os amigos de Luís da Silva e roubara-lhe a noiva, desaparece da casa de seu Ramalho e D. Adélia com medo de ter a reputação dele estragada:

*(...) Era evidente que Julião Tavares devia morrer. Não procurei investigar as razões desta necessidade. Ela se impunha, entrava-me na cabeça como um prego. Um prego me atravessa os miolos. É estúpido, mas eu tinha realmente a impressão de que um objeto agudo me penetrava a cabeça. Dor terrível, uma ideia que inutilizava as outras ideias. Julião Tavares devia morrer. (Angústia, 1998, p. 140)*



Então, Luís da Silva conclui que a morte seria o castigo adequado a Julião Tavares, já que Marina e D. Adélia eram vítimas inocentes dele. Voltam à lembrança do narrador as imagens de seu avô, casado com sinha Terta; de José Baía, contando histórias de onças; e da cascavel enroscada ao pescoço de Trajano.

Seu Ivo, que, inesperadamente, aparece esfarrapado e pedindo comida a Luís da Silva, presenteia-o com uma corda. O narrador pede ao amigo que a leve embora, mas o objeto acaba ficando sobre a mesa o que faz Luís da Silva sentir-se tentado a usá-lo. Novamente situações do passado voltam à lembrança do narrador e fantasmas atormentam Luís da Silva:

*Recordei-me da morte de Fabrício, amigo e compadre de meu pai. Nunca tinha visto um homem assassinado. Assoando-se e gemendo, sentada na prensa de farinha que apodrecia no quintal, Quitéria falava de Fabrício como de uma criatura extraordinária, narrava façanhas maravilhosas dele. Rosenda escutava-a com interjeições, eu pensava em José Baía. Mais tarde fugi de casa e cheguei-me à cadeia pública, onde o corpo de Fabrício estava exposto, o tronco nu, os olhos vidrados. Esse cangaceiro tornou-se para mim excessivamente grande, e nenhum dos defuntos que encontrei depois, na vida e em livros, foi como ele. Comparei a Fabrício mortos ilustres, e Fabrício resistiu à comparação, porque foi o primeiro homem assassinado que vi, teve os elogios de Quitéria e era compadre de meu pai. No jornal, consertando a sintaxe na revisão ou escrevendo notas de polícia, quantos cadáveres passaram diante de mim! Nenhum deixou massa. Fabrício estava nu da cintura para cima, cosido de facadas, era horrível. Passei várias noites sem dormir direito, acordando agoniado e aos gritos. O segundo homem assassinado que vi impressionou-me, mas não me tirou o sono. Depois me habituei. (Angústia, 1998, p. 146)*

E mais histórias de crimes povoam a mente de Luís da Silva:

*Às vezes, horas depois de entrar na vila a rede coberta de vermelho, uma tropa de cachimbos invadia a praça, conduzindo o criminoso amarrado. Os cachimbos falavam alto e mostravam, cheios de suficiência, facões e lazarinhas; o matador tinha os braços presos, da barriga para cima estava todo embrado de cordas. A gente se alvoroçava. Os tabuleiros de gamão ficavam abandonados nos tamboretas. Seu Acrísio, quase cego, batia com o cajado no chão e pedia explicações às paredes. O doutor juiz de direito, que mentia demais contava casos do Amazonas. Como o Amazonas era*

*longe e ninguém ia apurar a veracidade das narrações, o doutor juiz de direito mentia à vontade. Seu Batista saía de casa vestido em robe de chambre, André Laerte com os bigodes tesos como um gato, andava à pressa sem rumor, como um gato. Padre Inácio sacudia o guarda-chuva e gritava: – "Canalha! Raça de cachorro com porco!". Cabo José da Luz, banzeiro, arrastava importância, marchava para a cadeia, bambo, os passos lerdos, o cinturão frouxo, cantando baixinho: – "Assentei praça. Na polícia eu vivo ...". E o criminoso, pisando com força, atravessava o quadro, a cabeça erguida, a testa cortada de rugas, o olhar feroz, trombudo, impando de orgulho. Algumas horas depois estaria acocorado a um canto da prisão, sem vontade como seu Ivo. Mas ali, diante dos curiosos que se empurravam, representava o papel de bicho: franzia a ventas, mordida os beiços, dava puxões na corda e grunhia. Olhavam para ele com admiração, e os cachimbos se envaideciam por havê-lo pegado vivo. Rosenda pasmava.*

*– Estamos costumados a amansar brabo, minha negra.*

*O carcereiro balançava as chaves, e o delegado dava encontrões no povo, carrancudo, quase tão importante como o preso. As três mulheres velhas que pareciam formigas chegavam à janela, em seguida escondiam-se precipitadamente. Seu Filipe Benigno alisava a barba e gastava palavras difíceis e compridas. O povaréu se apertava na calçada da cadeia. Os cachimbos iam matar o bicho no balcão de Teotoninho Sabiá. E o criminoso, entregue à polícia, furava a multidão, entrava no corpo da guarda, preto de poeira e azeitado de suor. Na escuridão do cárcere, depois que a chave tilintava na fechadura da grade, o juiz da cadeia recebia os duzentos réis do torno e desfazia os laços que deslocavam os ossos, entravam na carne do homem. Um ladrão de cavalos seria maltratado, aguentaria facão, de joelhos, nu da barriga para cima, um soldado segurando-lhe o braço direito e batendo-lhe no peito, outro segurando o braço esquerdo e batendo nas costas. Depois os presos se aproximariam, camaradas, de repente lhe afastariam as pernas. O corpo cairia na pedra negra, suja de escarros, sangue, pus e lama. O cipó de boi chiaria no ar, cortaria o lombo descoberto. Mas isto era com os ladrões, os vagabundos, os autores de delitos miúdos. Um criminoso de morte era diferente, merecia consideração. Quando ele chegava à calçada, toda a gente se espremia, abrindo caminho, e os olhos se arregalavam num pasmo quase religioso, mistura de aprovação e medo. Na presença da*

*personagem havia silêncio. Depois vinham as conversas cochichadas em que se exagerava o feito. As ações de outros criminosos empalideciam. Aquele, sim, era turuna. Contavam-se as facadas ou os tiros. Nas tarimbas sujas os soldados bocejavam, fartos de sangue. O sujeito representava o seu papel de brabo, a cara enferrujada, escuro de poeira e molhado de suor. Eu procurava descobrir nele semelhança com meu amigo José Baía. (Angústia, 1998, p. 148-149)*

E também episódios envolvendo cordas são retomados pelo narrador:

*(...) Amaro vaqueiro era uma espécie de sol trepado num mourão. O laço que girava em redor dele era a terra. De repente essa terra esquisita caía sobre a novilha careta e prendia-lhe os chifres. Quando havia poucas reses, o exercício era brincadeira. Mas em tempo de pega o curral se enchia, os cornos se chocavam, e mal se distinguia a cabeça do animal visado. O laço rodava no ar uma eternidade, descia, passava perto do alvo, tornava a subir. Amaro aboiava, os animais agitavam-se, batendo as pontas. Sentado no último pau da porteira, eu tinha o coração ao baques e torcia desesperadamente. As minhas mãos umedeciam-se de suor. Porque era que Amaro não acabava logo aquilo? Subitamente o aboiu estacava, o laço caía, o zunido da corda continuava um instante no ouvido da gente. O animal estava preso. (Angústia, 1998, p. 150)*

Até o suicídio de seu Evaristo é lembrado por Luís da Silva:

*Seu Evaristo sofria necessidades. Tinha vivido em boas condições, fora eleitor, jurado, dera dinheiro para festas de igreja. E as pessoas que o encontravam nas ruas da vila tocavam no chapéu. Homem de poucas palavras, trabalhador, o sujeito mais sério do mundo. Dedicava-se a vários ofícios, era agricultor, redigia procurações e petições. Beirando os setenta, começou a vender macacos. Os olhos cansaram, a memória emperrou, os braços descarnados não tiveram força para manejar a enxada, a garlopa, martelo de ferreiro e a tesoura de cortar metais. Seu Evaristo fabricava muitas coisas, mas não se ajeitava em nenhuma profissão. E quando a velhice chegou sentiu-se fraco, uma tremura nos dedos, que seguravam mal o cajado. Andando, formava dois arcos: um por detrás, nas pernas, outro adiante, no peito; sentado, firmava as mãos na extremidade do cacete, e sobre as mãos, duras e peludas, de veias enormes, assentava o queixo, donde pendiam pelancas escuras que balançavam como teias de pucumã. Foi baixando, baixando, e na casinha que se escondia no fim da Rua da Cruz o fogo se apagou. Nos meses*

*compridos daqueles invernos de serra seu Evaristo e a mulher tremiam e começavam a tresvariar, porque a fome era grande. À noite andavam tropeçando nos cacarecos, pois na casa não havia candeia, olhavam a rua triste sob a chuvinha impertinente que embaçava os vidros dos lampiões esmorecidos. Apertavam-se para enganar o frio, e os moleques que passavam na calçada metiam os olhos pelos buracos das janelas e gritavam:*

*– Velhos imorais! Abraçados, fazendo safadeza. (Angústia, 1998, p. 150-151)*

Seu Evaristo, homem sempre trabalhador, chegou a uma situação de miséria tão extrema que, ao pedir esmola ao dono da padaria, ouviu dele que tirasse os pães velhos do cesto. José Inácio,

*Mais tarde arrependeu-se, como disse a Teotoninho Sabiá, lembrou-se de que o velho nunca havia importunado ninguém. Ainda chegou à porta para chamá-lo e pedir desculpa, mas a rua estava deserta.*

*Nesse dia seu Evaristo entrou em casa arrastando-se como um aleijado e deu um pão seco à companheira. Ficou uns minutos vendo-a meter as gengivas na crosta dura, em seguida avizinhou-se da parede, onde havia uma corda pendurada a um torno. (Angústia, 1998, p. 152)*

Luís da Silva, finalmente, pega a corda, presenteada por seu Ivo, coloca-a no bolso e dirige-se ao café onde se encontrava Julião Tavares e o chefe de polícia. O narrador pensa:

*Que é que me podia acontecer? Ir para a cadeia, ser processado e condenado, perder o emprego, cumprir sentença. A vida na prisão não seria pior que a que eu tinha. Realmente as portas ali são pretas e sujas, as grades de ferro são pretas e sujas, os móveis são pretos e sujos. É o que me amedronta. Aquele bolor, aquele cheiro e aquela cor horríveis, aquela sombra que transforma as pessoas em sombras, os movimentos vagarosos de almas do outro mundo, apavoravam-me. Não posso encostar-me às grades pretas e nojentas. Lavo as mãos uma infinidade de vezes por dia, lavo as canetas antes de escrever, tenho horror às apresentações, aos cumprimentos, em que é necessário apertar a mão que não sei por onde andou, a mão que meteu os dedos no nariz ou mexeu nas coxas de qualquer Marina. Preciso muita água e muito sabão<sup>5</sup>. Viver por detrás daquelas*

---

<sup>5</sup> Destaque-se a necessidade de Luís da Silva de purificar-se por meio da água que o libertaria das sujeiras que o circundam.

*grades, pisar no chão úmido, coberto de escarros, sangue, pus e lama, é terrível. Mas a vida que levo talvez seja pior. Não tinha medo da cadeia. Se me dessem água para lavar as mãos, acomodar-me-ia lá. Podia o resto do corpo ficar sujo, podiam os piolhos tomar conta da cabeça e as roupas esfrangalhadas cobrir mal a carne friorenta. Se me dessem água para lavar as mãos, estaria tudo muito bem. Dar-me-iam água para lavar as mãos? A cara do doutor chefe de polícia era triste. Provavelmente ele vivia cheio de aborrecimentos, tinha uma necessidade qualquer e compreenderia a minha necessidade de lavar as mãos. Decididamente a polícia não me inspirava receio. (Angústia, 1998, p. 155-156)*

Os pensamentos criminosos de Luís da Silva só sossegam quando ele está trabalhando na repartição. Fora desse local, ele procura por Julião Tavares pela cidade, sempre acompanhado pela corda que carrega no bolso.

Certa vez, o narrador segue Marina e a vê entrar em uma casa com uma placa azul e os dizeres: “Albertina de tal, parteira diplomada” (Angústia, 1998, p. 165). Luís da Silva conclui, então, que o filho de Julião Tavares não nasceria. Na saída, Marina depara-se com o narrador, evita-o e ele se irrita:

*Marina estremeceu e olhou de esguelha para os lados, como se procurasse auxílio.*

*– Levanta a cabeça. Deixa de inocência.*

*Aqueles modos pudicos, aqueles movimentos quase imperceptíveis das pálpebras roxas que velavam olhos inúteis, irritaram-me. Lembrei-me dos armadores que rangiam, das cantigas, dos banhos ruidosos. E atirei-lhe à cara, com raiva:*

*– Puta!*

*Marina ouviu isto sem se revoltar. Apenas ficou mais branca, estirou o beijo quase chorando.*

*– Me largue, balbuciou.*

*– Está bem. Ninguém tem nada com isso, não é. Vamos andando. Puta! Dizia-lhe o insulto, mas estava cheio de piedade. Não sentia cólera, o que sentia era desgosto.*

*Marina estava como uma defunta em pé. Pensei em Cirilo de Engrácia, visto dias antes em fotografia – um cangaceiro morto, amarrado a uma árvore. Parecia vivo e era medonho. O que tinha de morto eram os pés, suspensos, com os dedos quase tocando o chão. Os pés de Camilo Pereira da Silva, ossudos, magros, eram assim desgovernados. Os de Marina estavam metidos na areia. E Marina parecia morta.*

*– Puta! (Angústia, 1998, p. 174-176)*

Só ao chegarem à cidade, Luís da Silva deixa Marina em paz. Por um mero acaso, o narrador descobre que Julião Tavares se envolvera com uma outra mulher, sua nova vítima,

*(...) uma criaturinha sardenta e engraçada que trabalhava numa loja de miudezas. Dentro de alguns meses estaria de barriga, visitando clandestinamente d. Albertina. Venderia as joias baratas, furtaria dinheiro na caixa para d. Albertina. Ou então haveria um espalhafato. Julião Tavares daria à mocinha sardenta quinhentos mil-réis para ela calar-se e passaria uns tempos aborrecido, ouvindo os sermões de Tavares pai. (Angústia, 1998, p. 181)*

Luís da Silva acompanha Julião Tavares de madrugada, pensando em Cirilo da Engrácia, no avô Trajano, em sinha Germana e no cangaceiro José Baía. A casa da mocinha fica em Bebedouro e Julião Tavares a visita tarde da noite, permanecendo lá por duas horas. O narrador aguarda o bacharel sair da casa e o segue, chegando a desejar que ele fugisse. Mas não. Julião Tavares anda tranquilamente e para acendendo um cigarro.

A imagem de José Baía inunda a alma de Luís da Silva, que retira a corda do bolso:

*Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Baía, estava ao pé de Julião Tavares. Tudo isto é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para a frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me. Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes, todos os moradores da cidade eram figurinhas insignificantes. Tinham-me enganado. Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros. Os mergulhos que meu pai me dava no poço da Pedra, a palmatória de mestre Antônio Justino, os berros do sargento, a grosseria do chefe da revisão, a impertinência macia do diretor, tudo virou fumaça. Julião Tavares estrebuchava. Tanta empáfia, tanta lorota, tanto adjetivo besta em discurso – e estava ali, amunhecando, vencido pelo próprio peso, esmorecendo, escorregando para o chão coberto de folhas secas, amortilhado na neblina. Ao ser alcançado pela corda, tivera um arranco*

*de bicho brabo. Aquietava-se, inclinava-se para a frente, os joelhos dobravam-se, o corpo amolecia. Eu tinha os braços doídos e as mãos cortadas. Enquanto Julião Tavares estivesse com a cabeça erguida, a minha responsabilidade não seria tão grande como depois da queda. Quando bebia demais, seu Ivo tinha aquele jeito de arriar, não havia conversa que o levantasse. A lembrança de seu Ivo enfiureceu-me.*

*– Com os diabos!*

*E larguei o corpo, que foi bater numa cerca, por baixo de uns galhos de árvore que aumentavam a escuridão. (Angústia, 1998, p. 191-192)*

Após matar Julião Tavares, Luís da Silva tem os sentidos perturbados e revê a cena de Evaristo morto e dependurado. Então, o narrador arrasta o corpo do bacharel até uma árvore para simular um suicídio. Passam algumas pessoas por ele e uma delas esbarra no cadáver, mas não percebem ser um homem morto. Luís da Silva pensa em trinta anos de prisão, mas decide erguer o corpo de Julião Tavares e dependurá-lo na árvore.

O narrador segue para a cidade e, no caminho, pede um cigarro a um mendigo. Luís da Silva volta para casa preocupado com a possibilidade de ser descoberto e pensa em confessar tudo à polícia. Mas desiste.

Já em casa, o narrador bebe, toma banho e elimina os vestígios do crime. Ao amanhecer, Luís da Silva pede à Vitória que avise a repartição de que está doente e não iria trabalhar.

Repentinamente, alguém bate à porta de sua casa e ele pensa ser a polícia. Era apenas um mendigo que foi xingado por Luís da Silva. Depois, arrependido, o narrador pede à Vitória que leve comida para algum pobre e feche as portas da casa.

Doente, Luís da Silva começa a delirar<sup>6</sup>:

*A réstia descia a parede, viajava em cima da cama, saltava no tijolo – e era por aí que se via que o tempo passava. Mas no tempo não havia horas. O relógio da sala de jantar tinha parado. Certamente fazia semanas que eu me estirava no colchão duro, longe de tudo. Nos rumores que vinham de fora as pancadas dos relógios da vizinhança morriam durante o dia. E o dia estava dividido em quatro partes desiguais: uma parede, uma cama estreita, alguns metros de tijolo, outra parede. Depois, a escuridão cheia*

---

<sup>6</sup> A parte final de *Angústia* registra os pensamentos confusos de Luís da Silva, aqui transcritos na íntegra devido à importância deles no contexto do romance. Observe-se o estado psíquico perturbado do narrador, que mistura os acontecimentos relatados anteriormente sem ordem cronológica linear. Em seu delírio, o narrador envolve personagens aleatoriamente, em uma espécie de transe decorrente da doença que o acomete após ter assassinado Julião Tavares.

*de pancadas, que às vezes não se podiam contar porque batiam vários relógios simultaneamente, gritos de crianças, a voz arrelhiada de d. Rosália, o barulho dos ratos no armário dos livros, ranger de armadores, silêncios compridos. Eu escorregava nesses silêncios, boiava nesses silêncios como numa água pesada. Mergulhava neles, subia, descia ao fundo, voltava à superfície, tentava segurar-me a um galho. Estava um galho por cima de mim, e era-me impossível alcançá-lo. Ia mergulhar outra vez, mergulhar para sempre, fugir das bocas da treva que me queriam morder, dos braços da treva que me queriam agarrar. O som de uma vitrola coava-se nos meus ouvidos, acariciava-me, e eu diminuía, embalado nos lençóis, que se transformavam numa rede. Minha mãe me embalava cantando aquela cantiga sem palavras. A cantiga morria e se avivava. Uma criancinha dormindo um sono curto, cheio de estremecimentos. Em alguns minutos a criancinha crescia, ganhava cabelos brancos e rugas. Não era minha mãe a cantar: era uma vitrola distante, tão distante que eu tinha a ilusão de que sobre o disco passeavam pernas de aranha. Um disco a rodar sem interrupção a noite inteira. Não. Estávamos na segunda parede, e eu subia a parede, acompanhava a réstia como uma lagartixa. Marasmo de muitas horas, solução de continuidade que se ia repetir. Cairia da parede, como uma lagartixa desprecatada, ficaria no chão, moído da queda. Quem teria entrado no quarto durante a inconsciência prolongada? Moisés e Pimentel teriam vindo? Seu Ivo teria vindo? Lembrava-me de figuras curvadas sobre a cama. Não eram os meus amigos. Eram tipos de caras esquisitas, todos iguais, de bocas negras, línguas enormes, grossas e escuras. Quantos dias ali no colchão áspero, como um defunto? Um homem sem rosto, sentado na cadeira onde tinha ficado o paletó, falava muito. Que dizia ele? Esforçava-me por entendê-lo, mas tinha a impressão que o visitante usava língua estrangeira. Era como se me achasse num cinema. Apenas compreendia de longe em longe algumas palavras. Cansava-me e desejava que o homem se fosse embora. Não percebia que me importunava, que me obrigava a esforços enormes para entender uma língua estranha? O desconhecido continuava a falar. Eu subia a parede novamente e corria atrás da réstia. Cairia no tijolo outra vez, achatar-me-ia ouvindo o monólogo incompreensível. Receava que o homem sem rosto me julgasse estúpido. Queria dormir, arregalava os olhos e abria os ouvidos. Certamente dizia coisas sem nexos, e o desconhecido me chamava imbecil, com palavras inglesas. Um buraco ao pé de uma cerca. Eu tombava no buraco, ia descendo lentamente. E, enquanto descia, encontrava no caminho muitas flores que desciam também, sem peso, como flocos de algodão. Subia, era como se o meu corpo se transformasse em nevoeiro. Tornava a descer, tornava a subir, as flores caíam sempre numa chuva silenciosa. As flores não me davam nenhum prazer. Desejava livrar-me*



*delas, interromper aquelas viagens para cima e para baixo, andar na terra. Escancarava os olhos. O homem sem rosto havia desaparecido, e eu tinha agora um livro aberto sobre o colchão. Não sabia quem me trouxera o livro, se ele surgira antes ou depois da visita. As letras saíam dos lugares, deixavam espaços em branco, espalhavam-se numa chuva silenciosa. Apertando as pálpebras, esfregando-as, aproximando e afastando o papel, conseguia conter a dispersão. Impossível adivinhar o sentido de uma palavra. Língua estrangeira, tão estrangeira como o solilóquio monótono. Sem memória, um idiota. Chorava. Batia com a cabeça no ferro da cama, puxava os cabelos. Olhava as mãos. As unhas crescidas e sujas, a escoriação da palma secando e cicatrizando, os dedos compridos, escuros, com uns nós muito grossos. Sem memória. Que teria acontecido antes? A confusão se dissipava, a réstia avançava no tijolo, trepava na cadeira onde o homem se tinha sentado, ganhava o paletó estendido no encosto. O paletó me espiava com um olho amarelo que mudava de lugar. A calça continuava dobrada sobre a mala coberta de poeira. A sentinela cochilava no portão do palácio, encostada ao fuzil; André Laerte andava como um gato; Amaro vaqueiro, aboiando, laçava a novilha careta; cabo José da Luz caminhava para a cadeia pública, todo pachola; Dagoberto punha na minha cama a cesta de ossos e o compêndio de anatomia. Eu negava o livro que estava aberto em cima do colchão. Tinham deixado ali aquele volume inútil. Lia-o pensando em ossos. Provavelmente fora Moisés que o trouxera para me distrair. As palavras iam-se tornando claras, mas não se reuniam. Bom camarada, Moisés. Dera-me um livro para me distrair. A réstia descia a cadeira, atravessava os tijolos e ganhava a parede. O cego dos bilhetes de loteria apregoava o número, batendo com o cajado no chão do café; a mulher da Rua da Lama cruzava os dedos magros nos joelhos; Lobisomem parecia um velho decrepito. Essas figuras vinham sem nitidez, confundiam-se. Antônia arrastava os chinelos, mostrava as pernas cobertas de marcas de feridas e cantava uma cantiga vagabunda. Mas a cantiga se transformava: "Assentei praça. Na polícia eu vivo..." E Antônia era o cabo José da Luz. Em pé, defronte da prensa de farinha, oferecia-me uma xícara de café. Antônia, cabo José da Luz, Rosenda – uma pessoa só. As vezes apareciam três corpos juntos com rostos iguais, outras vezes era um corpo com três cabeças. Afinal surgia um vivente que tinha três nomes. Agarrava-me ao livro, compreendia vagamente o que estava escrito, mas ficava-me a certeza de que havia ali vários trabalhos, feitos por muitos indivíduos. Chineses. Uns chineses brigões, revoltados. Lembrava-me dos chineses que lavam roupa, fabricam ventarolas, vendem bagatelas, juntam-se às caboclas. Muitos livros arrumados, formando um livro incompreensível. Fernando Inguítai andava pela Rua do Comércio, o braço carregado de voltas de contas, o cigarro babado no beíço que se*

arregaçava, descobrindo os dentes enormes num sorriso parado. O som da vitrola ia quase desaparecendo, a lagartixa subia a parede. Amaro vaqueiro, agitando o laço, mastigava o cigarro de palha e mostrava os dentes pretos num sorriso parado. A cadeira suja de poeira, a mala suja de poeira. A roupa havia desaparecido. Seria bom levantar-me, procurar qualquer coisa para me vestir. Pouco tempo antes a roupa estava ali, no encosto da cadeira e em cima da mala. De repente um sumiço. Quem me tinha dito aquele nome estranho? Fernando Inguítai, a lagartixa, a réstia, Amaro vaqueiro. A vitrola cantava baixinho: – "Fernando Inguítai." Tentava sentar-me. Se isto me fosse possível, procuraria roupa. Virava-me com dificuldade. Porque não entrava logo a pessoa que estava na sala? – "Obrigado, Vitória. Não quero comer. Traga um copo de água." Vitória afastava-se arrastando os pés, levando a bandeja com a comida que me dava engulhos. Minutos depois, lá vinha, chap, chap, resmungando, a cara fechada, e entregava-me o copo. Eu bebia, molhando as cobertas. – "Obrigado, Rosenda." Ficava suando e arquejando, a vista escurecia, estirava-me na prensa de farinha, junto ao muro. O barulho do descaroador de algodão não me deixava dormir, os passos de Vitória morriam no corredor. Meu pai estava deitado, muito comprido, envolto num pano que se dobrava entre as pernas e tinha no lugar da cara uma nódoa vermelha cheia de moscas. As moscas não se mexiam, mas faziam um zumbido horrível de carapanãs. O olho de vidro de padre Inácio estava parado, suspenso no ar, fora do corpo. A batina de padre Inácio, o capote do velho Acrísio, a farda de cabo José da Luz e o vestido vermelho de Rosenda estavam parados, suspensos no ar, sem corpos. As carapanãs zumbiam. Os pés de Camilo Pereira da Silva, escuros, ossudos, saíam por uma das pontas do marquesão, medonhos. Eu atravessava o corredor, ia à sala, voltava a deitar-me na prensa, abria o livro que tinha chineses revoltados. Mas as pálpebras cerravam-se, as carapanãs e o descaroador enchiam-me a cabeça. Que motivo tinha Fernando Inguítai para rir-se? Empurrava os travesseiros e tentava abrir os olhos. Se pudesse levantar-me, tudo aquilo desapareceria. Iria conversar com o homem que me esperava na sala. – "Não há chinês chamado Fernando." Onde tinha ouvido aquele nome de Inguítai? Se Vitória me trouxesse um copo de água... Ali com sede, morrendo, sem um diabo que me desse uma xícara de café, um copo de água! Embalava-me com isto: – "Sozinho, sozinho, morrendo à mingua, com sede." Era bom que todos estivessem longe. O contínuo da repartição, tão magro, tão velho, tão triste, movia-se trôpego. D. Adélia dançara como carrapeta, e agora era aquilo que se via, mole, acabada, uma lástima. Albertina de tal, parteira diplomada. Quando eu entrava na repartição, apressado e fora da hora, o contínuo velho tinha um sorriso doce e alguma informação útil. Os meus olhos abriam-se,

*fechavam-se, tornavam a abrir-se. Os caibros engrossavam, torciam-se, alvacentos e repugnantes como cobras descascadas. "Greve no caso de reação." Alguns letrados estavam raspados, outros desapareciam sob as manchas que as águas da chuva tinham produzido. Mas havia letrados novos. As crianças das escolas olhavam para eles. O homem cabeludo que vendia aguardente só cuidava da sua vida. Albertina de tal, parteira diplomada. Onde estava a minha roupa? Queria vestir-me, sair pela rua, ler os jornais. Que diziam os jornais? Subir o morro do Farol, entrar nas bodegas, beber cachaça. Seu Ivo me visitara, acocorara-se junto à parede. – "Leve a roupa, seu Ivo." Seu Ivo tinha vestido a calça rasgada e o paletó sujo. Talvez não tivesse vestido aquela imundície, talvez fosse tudo um sonho. Um homem na sala esperava com paciência que me restabelesse. Sair, entrar no café, viajar nos bondes. Onde estava a minha roupa? A cadeira perto da cama, o livro fechado sobre a palha. – "Leve isso daí, seu Ivo. A calça está rasgada. Cosa o rasgão com uma corda." Albertina de tal, parteira diplomada. Escuridão. Um estremecimento, uma queda. Ia cair da cama, o chão se abriria, eu rolaria pelos séculos dos séculos fora disto. O espírito de Deus boiava sobre as águas. Livrava-me do susto, pouco a pouco ia resvalando no entorpecimento. Os caibros faziam voltas, as telhas se equilibravam por milagre. Algumas dobras daquelas coisas brancas e moles desciam, aproximavam-se da minha boca, davam-me náuseas. A vitrola dizia: – "Fernando Inguítai." Os reisados cantavam defronte da casa de seu Batista. Os mateus gritavam: – "Abra a porta, ioiô." E as figuras todas: "Aqui estou na vossa porta como um feixinho de lenha." Seu Batista não abria: esperava a cantiga que fazia as janelas se escancararem. E as figuras, o embaixador, o rei, a burrinha, os mateus, ficavam na calçada como um feixinho de lenha, fedendo a suor, gemendo os versos, até que seu Batista, importante, abria a sala, surgia vistoso, baixinho, vestido em robe de chambre. O feixinho de lenha entrava e cantava, seu Batista recolhia os capacetes dos mateus, a coroa do rei, a espada do embaixador, os lenços das figuras, punha uns níqueis em tudo isso. O zumbido das carapanãs era insuportável. – "Um copo de água, Vitória." Vitória não ouvia, e a leseira recomeçava. Não havia escuridão, a réstia subia a parede. – "Leve a roupa, seu Ivo." Seu Ivo se acocorara a um canto, silencioso, babando-se. Pimentel não aparecia. Devia ter aparecido, mas não me lembrava dele. Com certeza viera num momento em que a febre era muito forte. Que doidices teria eu dito na presença de Pimentel? Um, dois, um, dois. Marchava – e não podia levantar-me da cama. Quatro paredes. As quatro paredes da repartição esmagavam-me. Algumas horas depois da função, o feixinho de lenha, composto de mateus, figuras, burrinha, rei, embaixador, suaria arrastando a enxada no eito. – "Parem essa vitrola." Fernando Inguítai, o braço carregado de*

*voltas de contas, andava pela Rua do Comércio, fumando, sorrindo. Haveria alguém neste mundo que se chamasse Inguítai? As cascavéis e as jararacas tomavam banho com a gente no poço da Pedra. Uma delas se enroscara no pescoço de meu avô. Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva sapateava no chão de terra batida, uma alpercata saltava-lhe do pé. Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Ria-me como um idiota. Provavelmente havia institutos históricos e geográficos por esses lugares. Certas pessoas empurravam outras nas escadas e diziam: – “Desculpe”! O cego dos bilhetes de loteria cantava o número, batendo com o cajado no cimento do café. Virava-me para o espelho. Por detrás das letras brancas, rostos medonhos arreganhavam os dentes e piscavam os olhos. As letras torciam-se, os caibros torciam-se, baixavam, brancos, moles, como cobras descascadas. 16. 384. O cajado batendo no cimento, avançando para mim, ameaçando-me com uma tira de papel, que engrossava e queria morder-me. Moisés aproximava-se, comprava a tira de papel, que se enrolava nos dedos dele, e lia em voz alta uma infinidade de vezes: – “16.384.” Eu ia fugir, mas Fernando Inguítai estava na calçada, esperando-me para vender uma volta de contas. – “Vai-te embora, Moisés.” Não queria voltas de contas nem queria ouvir a leitura daquele número. Não era número: eram palavras incompreensíveis, histórias da China. Moisés virava a página, que ficava mexendo-se. A cadeira mexia-se. Afastava-me, com medo da cadeira. No dia seguinte, quando viesse varrer o quarto, Vitória a poria no lugar do costume, junto à mala, mas durante uma noite inteira o móvel caprichoso não me deixaria descansar. Eu tremia e receava que Moisés se fosse embora. Voltaria o silêncio, a cadeira se chegara mais à cama. – “Continue, Moisés. É isso mesmo.” Não o entendia, mas aprovava-o com a cabeça e com palavras assim. A voz rolava, lenta e monótona, o dedo comprido virava a página e gesticulava diante da minha cara. Passavam chineses armados. E o dedo enrolava-se, dava um nó. A leitura era um zumbido, um enxame de carapanãs lia o livro difícil. Estava a balançar-se numa rede, ia acima e vinha abaixo. E quando subia, abria os olhos, via o dedo perto das minhas ventas; quando descia, ouvia o arranhar da vitrola. Os ratos do armário dos livros roíam o disco da vitrola, e a vitrola dizia baixinho: – “Fernando Inguítai.” A réstia sumia-se, Moisés levantava-se, puxava a correntinha da lâmpada, tornava a sentar-se. – “Obrigado, Moisés.” Ali perdendo tempo, lendo para me distrair. Excelente camarada. – “É preciso que dr. Gouveia mande limpar estas paredes.” Caía em mim, arrependia-me de ter falado. Certamente as paredes necessitavam limpeza, zangar-me-ia se alguém me dissesse que não, mas a necessidade exigia explicação, e não me poderia fazer compreender. Ao mesmo tempo temia que o judeu mangasse de mim por eu haver interrompido a leitura com*

*uma frase besta. Íamos discutir. Receava encolerizar-me e ser grosseiro com um visitante. Se ele concordasse comigo, seria por eu estar doente. Não me conformava com isto. Preciso da condescendência dos outros? Sou alguma criança? Porque tinha ele suspenso a leitura e esbugalhava para mim aqueles olhos de mal-assombrado? Seria melhor destampar logo e declarar francamente que as paredes não necessitavam limpeza. De qualquer modo seria fácil um rompimento entre nós. Cada qual para o seu lado, cada qual com as suas ideias. Moisés levantava-se, despedia-se. Eu escondia as mãos nas cobertas, enrolava o pano debaixo do queixo e tremia, pedia-lhe com os olhos que não me deixasse só entre aquelas paredes horríveis. Agora Moisés me havia abandonado, e eu batia os dentes como um caititu. As paredes cobriam-se de letreiros incendiários, de lágrimas pretas de piche. As letras moviam-se deixavam espaços que eram preenchidos. Estava ali um tipógrafo emendando composição. E o piche corria, derramava-se no tijolo. Ameaças de greves, pedaços da Internacional. Um, dois... Impossível contar as legendas subversivas. Havia umas enormes, que iam de um ao outro lado do quarto; umas pequeninas, que se torciam como cobras, arregalavam os olhinhos de cobras mostravam a língua e chocalhavam a cauda. As letras tinham cara de gente e arregaçavam os beiços com ferocidade. A mulher que lava garrafas e o homem que enche dornas agitavam-se na parede como borboletas espetadas e formavam letreiros com outras pessoas que lavavam garrafas, enchiam dornas e faziam coisas diferentes. A datilógrafa dos olhos agateados tossia, as filhas de Lobisomem encolhiam-se por detrás das outras letras, Antônia arrastava as pernas grossas cobertas de marcas de feridas, a mulher da Rua da Lama cruzava as mãos sobre o joelho magro e curvava-se para esconder as pelancas da barriga escura. Um choro longo subia e descia: – "Que será de mim? Valha-me Nossa Senhora." Um moleque morria devagar, mutilado, porque havia arrancado os tampos da filha do patrão. Fazia um gorgolejo medonho e vertia piche das chagas. 16. 384. O cego dos bilhetes batia com o cajado na parede. – "Afastem esta cadeira." Seu Ivo estava de cócoras, misturado às outras letras. A calça rasgada e o paletó sujo eram cor de piche. Cirilo de Engrácia, carregado de cartucheiras e punhais, encostava-se a uma árvore, amarrado, os cabelos cobrindo o rosto, os pés com os dedos para baixo. A sentinela cochilava no portão do palácio. Um ventre enorme crescia na parede, uma criatura malvestida passava arrastando a filha pequena, um brilho de ódio no olho único. Sinha Terta gemia: – "Minha santa Margarida..." O dono da bodega, triste, fincava os cotovelos no balcão engordurado. As crianças faziam voltas em redor da barca de terra e varas. A rapariga pintada de vermelho espalhava um cheiro esquisito. O engraxate escutava histórias de capueiras. O homem acaboclado cruzava*

*os braços, mostrando bíceps enormes. O mendigo estirava a perna entrapada e ensanguentada. As moscas dormiam, e o mendigo, com a muleta esquecida, bebia cachaça e ria. Passos na calçada. Quem ia entrar? Quem tinha negócio comigo àquela hora? Necessário Vitória fechar as portas e despedir o hóspede incômodo que não se arredava da sala. Mas Vitória contava moedas, na parede, resmungava a entrada e a saída dos navios. A placa azul de d. Albertina escondia-se a um canto, suja de piche. Todo aquele pessoal entendia-se perfeitamente. O homem cabeludo que só cuidava da sua vida, a mulher que trazia uma garrafa pendurada ao dedo por um cordão, Rosenda, cabo José da Luz, Amaro vaqueiro, as figuras do reisado, um vagabundo que dormia nos bancos dos jardins, outro vagabundo que dormia debaixo das árvores, tudo estava na parede, fazendo um zumbido de carapanãs, um burburinho que ia crescendo e se transformava em grande clamor. José Baía acenava-me de longe, sorrindo, mostrando as gengivas banguelas e agitando os cabelos brancos. – “José Baía, meu irmão, estás também aí?” José Baía, trôpego, rompia a marcha. Um, dois, um, dois... A multidão que fervilhava na parede acompanhava José Baía e vinha deitar-se na minha cama. Quitéria, sinha Terta, o cego dos bilhetes, o contínuo da repartição, os cangaceiros e os vagabundos, vinham deitar-se na minha cama. Cirilo de Engrácia, esticado, amarrado, marchando nas pontas dos pés mortos que não tocavam o chão, vinha deitar-se na minha cama. Fernando Inguítai, com o braço carregado de voltas de contas, vinha deitar-se na minha cama. As riscas de piche cruzavam-se, formavam grades. – “José Baía, meu irmão, há que tempo!” As crianças corriam em torno da barca. – “José Baía, meu irmão, estamos tão velhos!” Acomodavam-se todos. 16.384. Um colchão de paina. Milhares de figurinhas insignificantes. Eu era uma figurinha insignificante e mexia-me com cuidado para não molestar as outras. 16.384. Íamos descansar. Um colchão de paina. (Angústia, 1998, p. 218 a 227)<sup>7</sup>*

Luís da Silva adocece por quase dois meses. Levanta-se da cama e, após trinta dias, começa a escrever suas memórias ou suas confissões.

---

<sup>7</sup> Observe-se que, durante o delírio, Luís da Silva se refere à Marina e a Julião Tavares, como se eles tivessem sido eliminados de sua memória alucinada.

## 6. BREVE ANÁLISE DO ROMANCE *ANGÚSTIA*

Luís da Silva, narrador e personagem principal de *Angústia*, relata suas memórias numa tentativa de concretizar o desejo de escrever um romance de sua autoria. Assim, segundo Hélio Pólvora,

*O memorialismo enriquece Angústia de forma direta, sem subterfúgios. Alguns fatos da vida de Graciliano foram sem dúvida metidos no romance, e não se limitariam a recordações trazidas do interior de Alagoas. Cobrem também as impressões deixadas no romancista por sua experiência de burocrata e jornalista em Maceió, antes da prisão, em 1936, por motivos alegadamente políticos.* (BRAYNER, 1978, p. 129)

Ainda, conforme Massaud Moisés,

*Preso de suas memórias, Luís da Silva passará da inércia degradante para a mais brutal atividade, à cuja realização sucede o prestar de contas com o passado, de onde a tremenda luta que o atrai numa angústia miserável, obsessão e pesadelo intermináveis. Luís da Silva assume, quase hamleticamente, a figura triste de escravo de si mesmo, do caminhante à busca da própria sombra, já que todo seu mal de si foi derivado e em si continua germinando. A existência transforma-se num perene ato de dor, expiação sem par duma culpa voltada pelos juízes da consciência, que o ameaçam e perseguem inexoravelmente.* (BRAYNER, 1978, p. 225)

A necessidade da morte de Julião Tavares transforma-se numa obsessão para Luís da Silva, quase um processo catártico, pois seria uma maneira de o narrador livrar-se de todas as humilhações sofridas em sua vida. Embora Luís da Silva receie ser levado à prisão, ele necessita matar o rival para, psicologicamente, autoafirmar-se como indivíduo e, também, concretizar o desejo de escrever um livro que lhe dê reconhecimento no mundo das letras.

Para Brayner, no “romance trágico” *Angústia*,

*A necessidade da morte do Outro surge como um processo de catarsis, uma purgação para todas as humilhações e a vingança, ato clímax para o exorcismo do Mal.*

*A partir desse momento o desejo da morte passa a ser uma visualização alucinatória mais do que obsedante, de efeitos ritualísticos. A aceitação e a necessidade desse desejo racionalizadas mil vezes induzem o personagem a um caminho sem saída, no cumprimento de uma hamartia trágica. Seu erro é a confirmação de um passado e de um presente: a*

*purificação entrevista é puramente individual. Não é Luís da Silva o representante de nenhuma revolta coletiva mas apenas de seu estado pessoal. É exatamente esta falta de marca, o mergulho no cinzento da burguesia, a inútil mudança (peripeteia) de destino que lhe dão dimensões trágicas dentro da ficção moderna.* (BRAYNER, 1978, p. 212)

A ideia de morte aparece no romance *Angústia* desde o princípio da narrativa, em que se relatam violências, assassinatos, mortes naturais, com detalhes. Embora a vida nordestina seja marcada pela tragédia e consequente finitude de vidas, é o ciúme doentio de Luís da Silva que o leva a cometer o crime.

A princípio, o narrador ocupa-se no projeto de matar Julião Tavares com lentidão metafórica, desqualificando o bacharel com frequência. Mas isso não será o bastante, pois Julião Tavares deve sofrer, conforme o julgamento de Luís da Silva. Enforcar o adversário seria o ideal, já que tiraria dele o ar, tal qual a asfixia social que o narrador sente. Providencialmente, e sem nenhuma intenção maléfica, seu Ivo presenteia Luís da Silva com uma corda, que, ganha traços similares aos de uma cobra nos delírios do narrador. A tentação de usá-la torna-se constante e, também, de esticá-la ao máximo no pescoço de Julião Tavares, numa equivalência à tensão sofrida por Luís da Silva que vivia sempre com “a corda no pescoço”, em sentido conotativo.

A ideia de enforcamento fixa-se de tal forma na mente do narrador que vários outros objetos ganham contorno de uma corda: canos, fios elétricos, a corda do relógio, gravetos, tudo conduzindo Luís da Silva à certeza de que o melhor a fazer era enforcar Julião Tavares.

Um dos motivos do desequilíbrio do narrador, Julião Tavares, precisa ser eliminado, uma vez que Luís da Silva não consegue viver com a sombra existencial que o bacharel lhe faz. As frustrações e os desejos sexuais insatisfeitos espelham-se nas realizações e na vida cômoda de Julião Tavares. O reequilíbrio de Luís da Silva se faz necessário e urgente para que ele alcance a serenidade desejada.

Mas, o crime e a distância de Marina não trazem conforto e tranquilidade ao narrador, que entra em um estado psicótico, um desconcerto psicológico, motivador de uma atormentada releitura de uma série de acontecimentos que envolvem sua vida desde a infância. A instabilidade emocional de Luís da Silva altera a percepção dos fatos e a sua narrativa passa a refletir seus desejos insatisfeitos e suas angústias existenciais. As alucinações e o quase estado de



loucura associam-se, então, à orfandade familiar e social, às frustrações sexuais, à rejeição de Marina e à existência de Julião Tavares. Segundo Nelly Novaes Coelho, o narrador

*(...) debate-se inconscientemente para fugir às garras do isolamento interior, mas nada consegue. Produto do meio ignorante, bruto e grosseiro, Luís da Silva é uma presa da vida mesquinha e medíocre, onde a miséria e a ignorância parecem ser como muros invisíveis e espessos separando os homens.* (COELHO, 1978, p. 64)

Ao relatar, então, o que foi e o que se tornou sua vida, o narrador aproxima-se do caos e do grotesco, e, quase histérico, entrega-se ao desespero emocional, ultrapassando e deformando pelo exagero a realidade circundante. Desse modo, o processo narrativo passa a apresentar traços expressionistas, notáveis, principalmente, nas alterações desfigurativas que envolvem o íntimo de Luís da Silva, traduzindo sua dramática angústia.

Graciliano Ramos vale-se, portanto, magistralmente, do Expressionismo, vanguarda que busca reproduzir os sentimentos mais dramáticos do indivíduo, a partir da deformação do real e revelando, assim, o universo interior dos seres humanos, numa perspectiva pessimista em relação à sua função no universo.

Há uma espécie de convulsão interior na personagem Luís da Silva, que explode por meio de passagens distorcidas representativas do que envolvia sua existência inquieta. A representação emocional, por exemplo, dos objetos, como a corda, o poço, os canos da casa, e dos animais, as cobras, os gatos e ratos, altera-se intensamente a partir do estado subjetivo caótico do narrador.

As cobras, frequentemente transfiguradas na corda que Luís da Silva carrega no bolso, acompanham o narrador desde os banhos infantis no açude, vinculando-se à ideia de enforcamento. Destaque-se, também, a ocasião em que o avô Trajano quase morreu com uma cobra enrolada ao pescoço, imagem retomada constantemente pelo narrador em seu relato. O fantasma do sufocamento também se associa à figura do pai, Camilo, o qual, para ensinar Luís da Silva a nadar, deixava o menino sem ar no poço, quase o afogando.

Os ratos fazem barulho na casa do narrador, interrompendo-o na tarefa de escrever. Mas, esses animais, além de roerem os livros e os panos, metaforizam a degradação moral de Julião Tavares, e física, de Marina. Os bodes, animais usados para expiação dos pecados em rituais antigos, são evocados na memória do narrador, que os associa à maldição da sexualidade reprimida, já que o bode é tomado como símbolo da procriação, do vigor sexual, que Luís da Silva não

experimenta com Marina. Os gatos, por sua vez, gemem nos telhados em contínua atividade sexual e os cães atacam-se às fêmeas instintivamente, semelhantes a alguns homens, como Julião Tavares.

A associação homem/bicho também se destaca na história do Lobisomem, vizinho que, segundo a população local, envolve-se sexualmente com suas filhas e vive entocado em casa, ou, quando sai dela, evita o contato com as pessoas, como um bicho nada sociável.

A sexualidade reprimida de Luís da Silva espelha-se, várias vezes, na aproximação que faz entre comportamentos humanos e animais, retomando Graciliano Ramos um recurso amplamente empregado por autores naturalistas: a zoomorfização. Exemplo disso é encontrado quando Marina é comparada a uma ratuína; Julião Tavares, a um porco; e as mulheres, a formigas.

O narrador constantemente indica que as mulheres, transgressoras do comportamento considerado ideal feminino, deveriam ser castigadas, principalmente por se valerem da sexualidade e da falsidade para atraírem os homens e, por meio deles, conquistarem estabilidade financeira, como seria o caso de Marina e D. Mercedes. Para o narrador, mulheres que tivessem desejos, sobretudo sexuais, infringiam os códigos morais, vinculados à imagem da Virgem Maria e associados, portanto, à obediência, à submissão, à passividade, ao recato do lar e à sexualidade permitida apenas para a manutenção da família, equivalente ao que era preconizado pela Igreja. Cabiam aos homens as atividades externas ao ambiente doméstico, ao espaço social, à manutenção da ordem e às ações de poder e mando, tal como era a vida do avô Trajano.

No entanto, Marina estava muito distante da imagem idealizada que Luís da Silva desejava ver nela: pura, submissa, desinteressada e quase assexuada. A mulher ideal pretendida pelo narrador era a imagem inversa de Marina, que se comporta de forma contrária aos padrões estabelecidos pela sociedade da época.

Marina exala sexualidade por todos os poros, seduz Luís da Silva e Julião Tavares, deseja ascensão social por meio do casamento, rompendo, assim, com o modelo da mulher idealizada pelo narrador, mas é por essa figura feminina, símbolo do desejo e erotismo, que Luís da Silva se apaixona, contradição que angustia ainda mais o narrador.

Assim, Luís da Silva intensifica a imagem pecadora de Marina e, conforme o perfil religioso, ela é vista como a representação do delito e do mal, a desgraça do mundo desde o pecado original, e, como tal, cumpre o ditame bíblico: “Nenhuma maldade está mais próxima do que a maldade de

uma mulher (...) O pecado começa com a mulher e, graças a ela, todos nós devemos morrer” (Eclesiastes 25: 19,14). De acordo com Cunha:

*Na tradição cabalística, Lilith seria o nome da mulher criada antes de Eva, ao mesmo tempo que Adão, não de uma costela do homem, mas formada diretamente da terra. Ela se tornará instigadora de grandes conflitos e amores ilegítimos; a perturbadora de leitos conjugais. (CUNHA, 2010, p. 155-156)*

Marina é vista por Luís da Silva como a Lilith alagoana, justamente quando ele descobre o envolvimento dela com Julião Tavares, ruptura traumática para o narrador desejoso de ter uma mulher “padrão de conduta feminina, o oposto de Lilith, símbolo da liberdade, independência, igualdade, desejo, sensualidade, instituidade, opinião, rancor, vingança, inveja, solidão e morte (CUNHA, 2010, p. 157)

Portanto, Marina deve ser castigada, sendo o abandono de Julião Tavares e a gravidez prevista punições às quais ela está condenada. O aborto inevitável e a decepção amorosa levam Marina ao declínio físico e moral, consequência de sua transgressão, castigo divino para quem perdeu (ou vendeu) sua dignidade. Além disso, ao recusar a maternidade, ela contraria a teoria católica de que o pecado causador da expulsão do Paraíso, poderia resgatar a humanidade por meio da benção de gerar um filho. Marina torna-se o anjo caído, a condenação do pecado.

Considere-se, no entanto, que, naquele período, as mulheres haviam conquistado algum espaço, pois lhes era necessário o reconhecimento como ser social e político. Nesse aspecto, os comportamentos de D. Rosália, D. Mercedes e, até mesmo, de Marina, poderiam refletir um princípio de conquista feminina. Mas não. Todas as mulheres que afrontavam o código moral vigente eram consideradas desonradas, como, além das citadas anteriormente, ocorre com Antônia, as escravas de Trajano, e outras que se opunham à única mulher honrada que Luís da Silva enaltece: Sinha Germana, avó do narrador, submissa ao marido, procriadora sem revelar desejos sexuais.

Numa conversa com seu Ramalho, o qual compartilha com o narrador a visão conservadora, patriarcal e condenatória do comportamento libertino de Marina, Luís da Silva responsabiliza a influência do cinema pelas alterações dos valores femininos tradicionais, pois nos filmes prevaleciam enredos em que a “safadeza” era o centro das atenções:

(...) *Seu Ramalho, que meses atrás me olhava desconfiado, tornara-se um excelente amigo e dava-me conselhos:*

– *Não se case, seu Luís. Casamento é buraco. O mundo está perdido.*

– *Isso é por causa do cinema, seu Ramalho. O senhor nunca vai lá. É feliz. Nem calcula as sem-vergonhezas que há na tela.*

*Seu Ramalho baixava a cabeça, pensativo:*

– *Deve ser também por falta de religião.*

– *É. Deve ser também por isso.*

*Realmente a minha vizinha desconhecia as igrejas, e isto não me preocupava.*

– *O cinema é o diabo, seu Ramalho. O senhor não imagina. São uns beijos safados, língua com língua, nem lhe conto. Provavelmente as moças saem de lá esquentadas.*

– *Devem sair, concordava seu Ramalho. Por isso há tanta gente de rédea no pescoço.*

– *Que rédea! Hoje não há rédea. Um sujeito corre atrás de uma saia, pega a mulher, larga, pega outra, e é aquela garapa.*

– *Safadeza.*

– *É. Tudo é safadeza. Antigamente essa história de honra era coisa séria. Mulher falada não tinha valia. (Angústia, 1998, p. 107)*

O olhar machista e possessivo de Luís da Silva caracterizam-no como o típico homem que não acompanhou as mudanças do tempo e se mantém aprimorado em sua mente doentia, psicologicamente perturbada.

A perspectiva intimista do romance *Angústia* alicerça-se, portanto, na figura de Luís da Silva, intelectual frustrado e angustiado pelo crime que tinha praticado, motivado pelo ciúme possessivo em relação à Marina e, também, pela autoestima destruída por nada ter conseguido realizar positivamente em sua vida profissional, econômica e social e amorosa. Conforme Carlos Nelson Coutinho,

*Angústia é um caso inteiramente diverso: aqui o monólogo interior (em sua forma radical da stream of consciousness) substitui frequentemente, como técnica narrativa, a narração épica tradicional; ademais, o emprego de um tríplex tempo – o da narração do presente, o da recordação da infância e do passado e o dos devaneios subjetivos, o tempo subjetivo interior – nos introduz em um fantástico universo de fragmentação e estilhecimento. (BRAYNER, 1978, p. 101)*

Entregue aos vícios, álcool e cigarro, o narrador reconstitui, a partir de sua mente perturbada, motivos que o fazem confundir os fatos de sua trajetória existencial, a qual culmina com a prática do assassinato de Julião Tavares.

Luís da Silva inicia o relato de sua história após trinta dias de recuperar-se de um estado doente, justamente o que ele conta no desfecho do romance, tornando-se, dessa forma, circular a narrativa de suas memórias, isto é, o desfecho do livro encadeia-se com o princípio dele. Assim, tudo o que é narrado já ocorreu e Luís da Silva, embaralhando passado e presente, vai apresentando elementos que antecipam a concretização dos fatos expostos no desfecho de suas memórias, não havendo preocupação com a lógica cronológica dos acontecimentos. Sônia Brayner explica que

*(...) a única atividade que se apresenta como “real” e presente é a de escrever. Tudo subjaz na consciência que reinterpreta, revive. Esta reflexão sem interrupção configura toda a lucidez acerca do que aconteceu e o livro que escreve traduz a presença do sofrimento torturante, da angústia incontrolável de uma explicação que satisfaça o desejo de compreensão do mundo.* (BRAYNER, 1978, p. 210)

O tempo psicológico é dominante ao longo do romance *Angústia* e, por isso, a mecanicidade cronológica mistura-se de maneira embaralhada aos fluxos da memória do narrador. Assim, idas e vindas dos fatos passados e presentes organizam-se pelo vaivém da lembrança de Luís da Silva e, embora no início da narrativa o desfecho mortal de Julião Tavares já tenha se concretizado, o surgimento dessa personagem só vem a ser relatado muitas páginas depois.

Desse modo, os tempos cronológicos se misturam e ziguezagueia o narrador por períodos que vão de sua infância à maturidade, dos tempos áureos de domínio do avô Trajano à fase pós-Revolução de 1930, do período da Monarquia às manifestações populares de esquerda.

Notável, no entanto, é que Luís da Silva, escritor de suas memórias, não se encontra nem no passado, nem no presente temporal em que ocorreram os fatos, mas em um tempo indeterminado, que é o da memória perturbada pelo transe psicótico que vive. O conflito dos dois tempos, passado e presente, equipara-se também à questão espacial, ou seja, Luís

da Silva percorre ambientes distintos com a mesma rapidez em que viaja entre a infância e a maturidade.

Em sentido amplo, a história, fixa-se em Maceió, Alagoas, mas transita aleatoriamente entre a fazenda do avô Trajano, a casa da vila para onde a família muda-se após o declínio econômico, e, finalmente, para a residência de Luís da Silva, na Rua do Macena, hoje Rua Doutor Cincinato Pinto, no centro de Maceió. Mas, embora os espaços sejam diferentes, todos são apresentados como ambientes decadentes, podres, desagregados, de maneira semelhante ao estado psicológico da personagem principal.

Ao retomar o período infantil, Luís da Silva volta ao refúgio do passado campesino, onde a vida lhe era menos inquietante, rodeada por pessoas simples e para as quais não precisaria pôr a prova seus valores sociais. Embora o ambiente sertanejo fosse marcado pela violência, é na cidade que o narrador submerge, ao se ver obrigado a matar Julião Tavares.

Por um lado, Luís da Silva, ao praticar o crime, apresenta-se como herdeiro do avô, o qual se valia da força para manter a ordem nos seus tempos áureos, o que remete ao Determinismo de Raça, quando a hereditariedade violenta se manifesta inevitavelmente no narrador. Por outro lado, matar Julião Tavares faz de Luís da Silva um cangaceiro urbano, desejo anunciado por ele mesmo:

*(...) Se eu fosse um cangaceiro sertanejo e encontrasse Julião Tavares numa estrada, meter-me-ia com ele na capoeira e imprimir-lhe-ia no focinho, com ferro, algumas letras brancas que lhe apareciam na pele e na roupa (...) A minha raiva crescia, raiva de cangaceiro emboscado. Por que esta comparação? Será que os cangaceiros experimentam a cólera que eu experimentava? (Angústia, 1998, p. 154-188)*

Os comportamentos urbanos e rurais se equivalem, portanto, em circunstâncias motivadas por fatores diferentes. A cidade ganha características de personagem, já que é ela capaz de alterar os comportamentos humanos e, para Luís da Silva, seria uma das causas principais dos males que sofre. Na cidade, o narrador mora ordinariamente em uma casa pobre, representação do declínio dos herdeiros de coronéis do passado rural. Há, no entanto, no espaço urbano, as residências dos ricos, pessoas que amedrontam Luís da Silva:

*(...) Do lado esquerdo são as casas da gente rica, dos homens que me amedrontam, das mulheres que usam peles de contos de réis. Diante delas, Marina é uma ratuína. Do lado direito, navios. Às vezes há diversos ancorados. Rolam bondes para a cidade, que está invisível, lá em cima, distante. Vida de sururu. (Angústia, 1998, p. 10)*

Apenas o quintal da casa de Luís da Silva ganha, inicialmente, aspecto de refúgio, de tranquilidade, semelhante ao mesmo espaço na fazenda do avô, ambiente sem aflições para o pequeno menino. Em seu quintal de Maceió, o narrador avalia a vida cotidiana de seus vizinhos, os sons das famílias, as atividades rotineiras, mas também será nele que Luís da Silva conhecerá sua perdição, Marina.

Em três situações distintas, o quintal acompanha as fases da trajetória amorosa do narrador: ascensão, apogeu e declínio. Lá, ele vê Marina pela primeira vez e o ambiente é caracterizado, na ocasião, como um espaço tranquilo, onde ele passa horas lendo à sombra da mangueira. Depois, ao romper a relação com a noiva, o quintal passa a representar a turbulência da vida de Luís da Silva, onde ele chega a praticar o delito imperdoável de furtar o dinheiro da empregada Vitória, enterrado perto da horta. Finalmente, após o assassinato de Julião Tavares, o quintal torna-se um ambiente de horror, de medo e de violência para o narrador.

Da infância aparentemente calma, sob a proteção do poder de Trajano, ao declínio galopante em que o avô se entrega ao vício e caduca ao lado do filho Camilo, homem inerte e também alcoolizado, Luís da Silva chega à maturidade que, também vai de um estágio de sossego à tormenta. Em qualquer um desses períodos da vida, no entanto, o narrador encontra-se solitário, isolado e experimenta sua condição de decrepitude e homem humilhado, em decorrência das afrontas que sofre de Marina e Julião Tavares, numa medida, embora por circunstâncias diferentes, que o aproxima da trajetória do avô e do pai.

Para recuperar-se do sentimento de fracasso e inferioridade, Luís da Silva encontra na literatura, na confecção de memórias, a única tentativa viável de superar seu declínio social e pessoal, bem como de conquista da realização artística que deixara para trás. Para Hélio Pólvora,

*O complexo de inferioridade vem de longe, juntamente com os terrores. A monotonia – ou o desespero monótono – da vida de Luís da Silva facilita a personalização de uma angústia coletiva. O romancista repete, como se cravasse prego mole em madeira dura, a imagem medíocre e*

*apagada dos anônimos: o homem triste que enche dornas, a mulher que lava garrafas. Uma paisagem pobre e repetida, dentro e fora de Luís da Silva, convida certamente ao paroxismo de suas piores frustrações.* (BRAYNER, 1978, p. 130)

O narrador, que já escrevera poesias, sonetos que foram vendidos para seu sustento econômico, desencaminhou-se do percurso artístico da literatura ao passar a escrever artigos sob encomenda, de poderosos locais, para jornais. Agora, a redação de sua confissão canaliza uma realização íntima, a partir de uma escrita que se distancia dos padrões da linguagem estereotipada dos discursos formais da imprensa.

A literatura jornalística é vista como instrumento para propagandar e enaltecer poderosos, numa representação dos interesses mercantilísticos dos meios de informação. Esse tipo de jornalismo é desacreditado por Luís da Silva, embora ele precise, muitas vezes, disso para sobreviver:

*Trabalho num jornal. À noite dou um salto por lá escrevo umas linhas. Os chefes políticos do interior brigam demais. Procuram-me, explicam os acontecimentos locais, e faço diatribes medonhas que, assinadas por eles, vão para a matéria paga. Ganho pela redação e ganho uns tantos por cento pela publicação. Arrumo desaforos em quantidade, e para redigi-los necessito longas explicações, porque os matutos são confusos, e acontece-me defender sujeitos que deviam ser atacados. Além disso recebo de casas editoras de segunda ordem traduções feitas à pressa, livros idiotas desses que Marina aprecia.* (Angústia, 1998, p. 45)

Além da referência à linguagem jornalística, em *Angústia* também há crítica à forma como os advogados se comunicam, numa verborreia repleta de palavras elegantes, citações frequentes, construções verbais engenhosas, o que é notável na alusão de Luís da Silva à forma de Julião Tavares se comunicar, deixando seus ouvintes enebriados, mas sem compreenderem claramente aquilo que ouvem.

Graciliano Ramos vale-se do plurilinguismo ao elencar a linguagem de grupos sociais, que vão desde os intelectuais aos vagabundos, da forma comunicativa diversa do homem rural e do cidadão, dos integrantes da classe média aos indivíduos de extratos sociais menos prestigiados.

Mas, a literatura e os romances não escapam ao olhar agudo do autor e, metalinguisticamente, Graciliano Ramos desenrola uma série de referências aos estilos literários em voga no século XIX.



A partir da preocupação com o real e sua documentação, Graciliano Ramos distancia-se do rebuscamento desnecessário da linguagem literária para estabelecer uma abordagem focalizada no meio social e nos conflitos existenciais humanos, espelhados em Luís da Silva que se vale da escrita de suas memórias como válvula de escape para a angústia em que vive e, também, concretizar o desejo de ser um romancista e de se encontrar com seu próprio eu: o autor de *Angústia*.

A fidedignidade à verdade dos acontecimentos pode ser colocada muitas vezes em dúvida, já que Luís da Silva vive em constante pesadelo existencial, mas é inegável a habilidade de Graciliano Ramos ao criar um narrador que vive entre a consciência e a inconsciência dos fatos, misturando passado, presente, futuro, delírio e realidade, alucinação e lucidez, em um bloco quase único de um relato neurótico em que o mecanismo de escrita de Luís da Silva é angustiante ininterruptamente:

*(...) Quando a corja estivesse na sala vizinha, bebendo, nós conversaríamos sobre literatura. Moisés atacaria os livros feitos com frases bem arrumadas. A arte deveria estar ao alcance de todos, a serviço da política. – "Que diz, seu Pimentel?" Pimentel responderia estirando o beijo. Escrevendo, é capaz de demonstrar qualquer coisa. Diante da folha de papel, em mangas de camisa, trabalha como um carroceiro, os dedos grossos pegando a caneta com força. Depois fecha o cérebro e desenruga a testa. – "Que diz, seu Pimentel?" Não diria nada. Para que um homem discutir, se não é obrigado a isto? Do outro lado da parede, risos, tinir de copos. Nós continuaríamos a conversa tranquilamente. (Angústia, 1998, p. 97)*

O estilo refinado de escrita, criticado por Graciliano Ramos, contraria a forma do autor escrever, caracterizada pelo vocabulário econômico, evitando adjetivações excessivas e diálogos desnecessários à compreensão da narrativa, mas mantendo o respeito à sintaxe.

O autor reúne em *Angústia* o universo social e cultural em que a ordem vigente não permite democraticamente alterações e, por isso, Luís da Silva conforma-se, de certo modo, com seu destino sem dignidade, um “pobre-diabo” sem futuro promissor. De acordo com Carlos Nelson Coutinho,

*Toda aquela carga de frustração e de agressividade, que Luís da Silva recalcará e disfarçará através de uma vida mesquinha e “acomodada”, agora volta à tona: Julião Tavares lhe aparece numa contraditória dialética psicológica, como aquilo que no fundo ele ambicionara ser e, ao*

*mesmo tempo, como tudo o que ele despreza e repugna. Nesta sua atitude, Graciliano retrata magistralmente a psicologia típica do pequeno burguês: a luta por atingir a condição de grande burguês, para subir na hierarquia social, e profundo recalque que decorre da constatação de que é impossível esta ascensão (salvo em casos cada vez mais raros), o que o conduz à revolta e à frustração agressiva. Esta revolta se acentua na luta que o personagem empreende por não cair nas esferas mais baixas, por não se proletarianizar inteiramente: o seu passado de mendicância e a presença decadente de “seu” Ivo estão na face dele, permanentemente, como possibilidades ameaçadoras.* (BRAYNER, 1978, p. 97)

Sendo rejeitado pelos dois grupos sociais entre os quais circula, uma vez que os mais pobres consideram Luís da Silva um homem bem posto, isto é, com casa, emprego, salário, cultura; e os mais ricos desclassificam-no como um redator útil aos interesses de alguns poderosos, pobre, habitante de submoradia, o narrador mergulha num profundo isolamento.

O panorama socioeconômico da época, fase de crise capitalista, que culmina com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, e o período de mudança em relação ao poderio nordestino, em que o coronel concentrava a autoridade de mando, metaforiza-se na trajetória da família de Luís da Silva, antes rica e poderosa; agora, reduzida e fragilizada.

Portanto, o deslocamento das relações econômicas e de poder da família do avô Trajano simbolizam o princípio da crise íntima do narrador, obrigado a conviver com as lideranças sociais, econômicas, políticas e, até, sentimentais que Julião Tavares representa, por um lado, e, por outro, ser perseguido pelo fantasma do mendigo simbolizado em seu Ivo.

Luís da Silva precisa ser reconhecido socialmente, resgatar privilégios do passado familiar, provar que não é medíocre e tem direito aos mesmos privilégios de que Julião Tavares desfruta. Mas, o narrador sente-se massacrado pelo abandono de Marina e volta-se para pensamentos doentios, mórbidos e repletos de obsessões sexuais (há diversos símbolos fálicos no romance *Angústia*, como cobras, galos, pés). Segundo Candido,

*(...) a tensão causada pela repressão ao sexo, somada ao recalque e à frustração tem sua representação em três símbolos fálicos: as cobras da fazenda do avô, os canos de água de sua casa e a corda que enforca Julião Tavares.* (CANDIDO, 2006, p. 52-53)

As frustrações sexuais de Luís da Silva projetam-se em sua obsessão por Marina e ampliam-se gradativamente, até a redução da mulher em objeto a ser consumido e descartado, o que, de certa forma, faz Julião Tavares com a noiva do narrador. Marina é a imagem do desequilíbrio final de Luís da Silva que, ao mesmo tempo deseja-a e repele-a, até entregar-se às profundezas de seu inconsciente. O narrador, entorpecido pela desgraça da traição da noiva, chega a caminhar pelas ruas sem se sentir nelas e confunde-se entre fatos passados e momentos presentes, enlouquecido pelo ciúme e humilhado por Marina e Julião Tavares.

Alternam-se, então, o instinto assassino e o erótico em Luís da Silva, ambos reflexos de desejos reprimidos. A necessidade de agir com violência é intensificada a partir do envolvimento sexual frustrado com a noiva, situação que determina a consciência perturbada do narrador com sua vida cotidiana insatisfeita. Segundo estudos freudianos, a sexualidade é grande e forte produtora de energia, a qual, não sendo devidamente aproveitada, resulta numa crise de angústia que se associa à loucura ou à ideia frequente de morte.

Mas, o que acontece à Marina, engravidar e abortar o filho de Julião Tavares, parece purgar o sofrimento de Luís da Silva, pois a ruína dela é vista como castigo justo a quem destruiu a vida do narrador, enlouquecido e humilhado pelo abandono da noiva. No entanto, a angústia vivida pelo narrador ultrapassa o limite do suportável, fazendo Luís da Silva sentir-se mutilado e incompleto, faltando-lhe tudo: recursos, dinheiro, prestígio, amigos, família, lar, esposa, dignidade, equilíbrio, paz.

Assim, o discurso retrospectivo, aliado às lembranças alternadas entre o passado distante da infância e o passado recente do crime, associa-se a uma espécie de confissão em que Luís da Silva justifica-se das atitudes praticadas. O abismo em que ele mergulha desencadeia todo o percurso desse romance introspectivo, aos moldes da influência da obra de Dostoiévski.

Em *O homem do Subterrâneo*, Dostoiévski aborda a inércia do homem moderno associada à sua consciência comportamental. Em *Crime e Castigo*, Fiódor Dostoiévski apresenta Raskolnikov, um estudante que assassina uma agiota de idade avançada para ficar com o dinheiro dela. Após o crime, Raskolnikov tem crises de consciência e é corroído pelo remorso, desestabilizando-se e sendo conduzido ao subterrâneo psicológico. Luís da Silva, embora não apresente arrependimento por ter assassinado Julião Tavares, também é desestabilizado emocionalmente após o delito cometido e condenado ao poço interior em que, isoladamente, parte para a autoanálise possibilitada pela escrita de suas memórias.

Antes de *Crime e Castigo* (1866), Dostoiévski publicou *Memórias do Subsolo* (1864), obra em que um homem de 40 anos, aposentado funcionário do governo, escreve sua confissão a partir de um monólogo íntimo e revelador de forte amargura. A consciência contraditória das personagens de Dostoiévski ganha reflexo nas obras de Graciliano Ramos<sup>8</sup>, além da posição anti-idealista e da introdução de anti-herói irregular, assassino, mergulhado na necessidade de se autojustificar, elementos comuns, dentre outros fatores, aos dois autores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Angústia* é um romance em que o Realismo objetivo, tão caro aos autores do século XIX, passa a perder espaço para a perspectiva intimista, pois, a partir de um relato subjetivo e perturbado, Graciliano Ramos pode expor a trágica forma de existência de um indivíduo em meio a uma sociedade hostil e repleta de valores tradicionais, alguns, até mesmo, ultrapassados.

Mergulhando em um poço real na infância, Luís da Silva, quando adulto, encontra-se em outras água profundas: o silêncio, a solidão e o desejo não realizado. Mas, desse poço conotativo, o narrador não encontra saída que o contente e permita-lhe respirar livremente.

Romance de foco narrativo de primeira pessoa, o relato de *Angústia* gira em torno da lente distorcida do olhar do narrador, que aproxima passado e presente, realidade e delírio, vividos por um náufrago social, eternamente sem ar, asfíxiado pela angústia de uma existência vazia.

A partir de diversas influências literárias, como Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha, Eça de Queirós, Balzac, Émile Zola, Tolstói, Dostoiévski, Graciliano Ramos destaca-se pela brevidade narrativa, estilo claro e econômico da escrita, que contrasta com a profundidade da análise do perfil psicológico de suas personagens, de seus heróis problemáticos.

Luís da Silva é um indivíduo infeliz, degradado numa sociedade moderna que não consegue compreender, ou aceitar, e, por isso, fecha-se em sua autoestima quase inexistente. Sua dificuldade de socialização decorre de ele não se achar pertencente a nenhum meio, pois não é rico, nem é totalmente

---

<sup>8</sup> Recomenda-se a leitura do anexo de fragmentos de *Ficção e Confissão* – Ensaio sobre Graciliano Ramos, de Antonio Candido, no final deste trabalho.

pobre. Assim, acreditando-se diferente do comum e sem encontrar seu espaço de sobrevivência, o narrador isola-se em seu mundo, aceitando a ordem social vigente.

A solidão de Luís da Silva é física, moral e temporal, até ele descobrir a vizinha que lhe desperta os desejos e a possibilidade de satisfação. Mas, o ciúme, a insegurança e as suposições quanto à traição de Marina, levam o narrador à execução de Julião Tavares, o qual antes de ser morto por enforcamento, é executado por meio da palavra que o desqualifica, assim como ocorre também com Marina.

Essa visão distorcida da realidade de Luís da Silva faz Graciliano Ramos desfilar pelo Expressionismo. Por exemplo, a voz de Julião Tavares é oleosa, suas palavras são gordas; Marina uma sujeitinha vermelha, de boca, sapatos e roupas vermelhas; Antônia também sempre colorida de vermelho e branco; as luzes do farol têm essas mesmas cores; o rosto do pai de Luís da Silva apresentava uma nódoa vermelha e preta.

As emoções, distorções do real, deformações subjetivas, cores associadas a tons vermelhos, que remetem à força e agressividade, confirmam os ingredientes expressionistas, frequentes no retrato dramático feito pelo narrador de tudo que o rodeia, colaborando no registro da angústia existencial de Luís da Silva e na complexidade em que se encontra a ponto de alterar o real, filtrá-lo apenas a partir de seu olhar de vítima social.

Após a tentativa de se unir à Marina (e até presenteá-la com um anel e um relógio-pulseira, ícones de algemas, pois o casamento manteria Marina presa a um homem de visão possessiva e dominadora) e a morte de Julião Tavares, uma forte instabilidade emocional acomete Luís da Silva: a alucinação final. Imagens, personagens, situações do passado, lembranças mórbidas, cordas, canos, poços, cobras, tudo é apresentado numa simultaneidade que caracteriza a confusão mental de Luís da Silva após a morte de seu adversário.

O suicídio de seu Evaristo, a cobra enrolada no pescoço do avô, os sons que vinham do banheiro da casa vizinha, o corpo e o fantasma do bacharel, Moisés comentando os jornais, seu Ivo e a corda, um grande emaranhado de elementos configuram o período de transe, de instabilidade emocional após o momento de suposta autoafirmação que seria conquistada com o assassinato de Julião Tavares.

O número do bilhete da loteria anunciado pelo cego, 16.384, assombra Luís da Silva, lembrando-o constantemente de que é um homem pobre, que matou um bacharel rico. Se aquele bilhete estivesse premiado, o narrador teria conquistado Marina com o desejado enxoval. Mas não ocorreu a premiação e a borboleta, Marina, fugiu do avestruz de cabeça baixa, Luís da Silva, para entregar-se ao touro, Julião Tavares. Embora aspectos místicos e simbologias mágicas não sejam traço dominante na obra de Graciliano Ramos, percebe-se que o milhar 16.384 pode estar vinculado à representatividade animal do jogo do bicho, sendo o número 16 equivalente à borboleta; 3, avestruz; e 84, ao touro. Note-se que o número 3 está entre as duas dezenas que representariam Marina e Julião Tavares, simbolizando a dependência de Luís da Silva aos dois ícones de suas maiores frustrações: desejo sexual e a ambição social.

## 7. APÊNDICES

### 7.1 Carta de Graciliano Ramos a Antonio Candido

*Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1945*

*Antonio Candido:*

*Só agora, lido o último artigo da série que V. me dedicou, posso mandar-lhe estas linhas e conversar um pouco. Muito obrigado. Mas não lhe escrevo apenas por causa dos agradecimentos: o meu desejo é trazer-lhe uma informação ajustável ao que V. assevera num dos seus rodapés.*

*Arriscar-me-ia a fazer restrições ao primeiro e ao segundo, se isto não fosse considerado falsa modéstia. E impertinência: com as vivas atenções dispensadas ao meu romance de estreia, foram apontados vários defeitos, o que de certo modo atenua a parcialidade otimista.*

*Onde as nossas opiniões coincidem é no julgamento de Angústia. Sempre achei absurdos os elogios concedidos a este livro, e alguns, verdadeiros disparates, me exasperaram, pois nunca tive semelhança com Dostoiévski nem com outros gigantes. O que sou é uma espécie de Fabiano<sup>9</sup>, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente, como V. muito bem reconhece.*

*Por que é que Angústia saiu ruim? Diversas pessoas procuraram razões, que não me satisfizeram. Olívio Montenegro usou frases ingênuas e*

---

<sup>9</sup>Fabiano é o herói problemático personagem de *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

*pedantes, misturando ética e estética. João Gaspar Simões afirmou que o americano é incapaz de introspecção – e com esta premissa arrasou-me. Veja só. Nada há mais falso que um silogismo. Álvaro Lins veio com aquele negócio de tempo metafísico. Mas isso diz pouco, não é verdade? Se eu constituísse uma exceção à regra de João Gaspar Simões e contentasse Olívio Montenegro e Álvaro Lins, Angústia não deixaria de ser um mau livro, apesar de haver nele páginas legíveis.*

*Por que é mau? Devemos afastar a ideia de o terem prejudicado as reminiscências pessoais, que não prejudicaram Infância<sup>10</sup>, como v. afirma. Pego-me a esta razão, velha e clara: Angústia é um livro mal escrito. Foi isto que o desgraçou. Ao reeditá-lo, fiz uma leitura atenta e percebi os defeitos horríveis: muita repetição desnecessária, um divagar maluco em torno de coisinhas bestas, desequilíbrio, excessiva gordura enfim, as partes corruptíveis tão bem examinadas no seu terceiro artigo. É preciso dizermos isto e até exagerarmos as falhas: de outro modo o nosso trabalho seria inútil.*

*E aqui vem a informação a que me referi. Forjei o livro em tempo de perturbações, mudanças, encrucas de todo o gênero, abandonando-o com ódio, retomando-o sem entusiasmo. Matei Julião Tavares em vinte e sete dias; o último capítulo, um delírio enorme, foi arranjado numa noite. Naturalmente seria indispensável recompor tudo, suprimir excrescências, cortar pelo menos a quarta parte da narrativa. A cadeia impediu-me essa operação. A 3 de março de 1936 dei o manuscrito à datilógrafa e no mesmo dia fui preso. Nos longos meses de viagens obrigatórias supus que a polícia me houvesse abafado esse material perigoso. Isto não aconteceu – e o romance foi publicado em agosto. Achava-me então na sala da capela. Não se conferiu a cópia com o original. Imagine. E a revisão preencheu as lacunas metendo horrores na história. Só muito mais tarde os vi. Um assunto bom sacrificado, foi o que me pareceu.*

*Esta explicação tem apenas o fim de exhibir-lhe o prazer que me causou o seu juízo. Quando um modernista retardatário e pouco exigente me vem seringar amabilidades a Angústia, digo sempre: – “Nada impede que seja um livro pessimamente escrito. Seria preciso fazê-lo de novo.”*

*Permita-me que apenas toque nos seus estudos relativos a São Bernardo<sup>11</sup>, Vidas Secas e Infância. Ser-me-ia difícil estender-me sobre eles. O que faço é agradecer. Por muito vaidoso que sejamos, às vezes certas opiniões nos amarram: diante delas ficamos atrapalhados e sem jeito.*

*Adeus, Antonio Candido. Abraços do admirador e amigo*

Graciliano Ramos  
(CÂNDIDO, 2006, p. 9-12)

<sup>10</sup> Romance de Graciliano Ramos de caráter autobiográfico.

<sup>11</sup> Romance de Graciliano Ramos, publicado em 1934.

## 7.2 Fragmentos de *Os bichos do subterrâneo* de Antonio Candido

*Têm garras, têm enormes perigos  
De exércitos disfarçados  
Milhares de gatos escondidos por detrás da noite incerta.*

MÁRIO DE ANDRADE

*A obra de Graciliano Ramos mostra três aspectos distintos, embora vinculados pela unidade de concepção da arte e da vida que podemos encontrar em todo grande escritor.*

*Em primeiro lugar a série de romances escritos na primeira pessoa – Caetés, São Bernardo, Angústia – que constituem essencialmente uma pesquisa progressiva da alma humana, no sentido de descobrir o que vai de mais recôndito no homem, sob as aparências da vida superficial. Poderíamos dizer, usando linguagem dostoiévskiana, que essa pesquisa tenta descobrir o homem subterrâneo, a nossa parte reprimida, que opõe a sua irredutível, por vezes tenebrosa singularidade ao equilíbrio padronizado do ser social.*

*Em segundo lugar, as narrativas feitas na terceira pessoa – Vidas Secas, os contos de Insônia – comportando visão mais destacada da realidade, estudando modos de ser e condições de existência, sem a obsessiva análise psicológica dos outros. Em terceiro lugar encontramos as obras autobiográficas – Infância, Memórias do cárcere –, nas quais a subjetividade do autor encontra expressão mais pura e ele dispensa a fantasia, para se abordar diretamente como problema e caso humano.*

*Nos três setores encontramos obras-primas, seja de arte contida e despojada, como São Bernardo e Vidas secas; seja de imaginação lírica, como Infância; seja de tumultuosa exuberância, como Angústia. Em todas elas estão presentes a correção de escrita e a suprema expressividade da linguagem, assim como a segura da visão do mundo e o acentuado pessimismo, tudo marcado pela ausência de qualquer chantagem sentimental ou estilística. De modo geral, há nelas uma característica interessante (a cujo estudo consagrei um ensaio: FICÇÃO E CONFISSÃO): à medida que os livros passam, vai se acentuando a necessidade de abastecer a imaginação no arsenal da memória, a ponto de o autor, a certa altura, largar de todo a ficção em prol das recordações, que a vinham invadindo de maneira imperiosa. Com efeito, a um livro cheio de elementos tomados à experiência de menino (Angústia) sucede outro, de recordações, é verdade, mas apresentadas com tonalidade ficcional (Infância); e, depois desta ponte, a narrativa sem atavios dum trecho decisivo da sua vida de homem (Memórias do cárcere).*



*Isto permite supor que houve nele uma rotação de atitude literária, tendo a necessidade de inventar cedo o passo, em certo momento, à necessidade de depor. E o mais interessante é que a transição não se apresenta como ruptura, mas como consequência natural, sendo que nos dois planos a sua arte conseguiu transmitir visões igualmente válidas da vida e do mundo.*

*Concluímos daí que no âmago da sua arte há um desejo intenso de testemunhar sobre o homem, e que tanto os personagens criados quanto, em seguida, ele próprio são projeções desse impulso fundamental, que constitui a unidade profunda dos seus livros.*

*Caetés decorre numa cidade do interior. O narrador, João Valério, empregado duma firma comercial, apaixona-se pela mulher do patrão e tem com ela um caso amoroso, que, denunciado por carta anônima, leva o marido ao suicídio. Arrependido e, aliás, arrefecido nos sentimentos, Valério acaba afastado de Luísa, mas sócio da firma. Esta é a espinha do enredo, a cuja roda se organiza a vida da cidade, descrita em cenas e retratos de perfeita fatura realista. São capitais a importância do ambiente, a descrição minuciosa das cenas, o uso realista do diálogo – de tal modo que o papel das circunstâncias é quase tão grande quanto o do protagonista.*

(...)

*Com São Bernardo, escrito quatro anos depois, estamos em plena maturidade literária. É a história de um enjeitado, Paulo Honório, dotado de vontade inteiriça e da ambição de se tornar fazendeiro. Depois de uma vida de lutas e brutalidade, atinge o alvo, assenhoreando-se da propriedade onde fora trabalhador de enxada, e que dá nome ao livro. Aos quarenta e cinco anos casa com uma mulher boa e pura, mas como está habituado às relações de domínio e vê em tudo, quase obsessivamente, a resistência da presa ao apesador, não percebe a dignidade da esposa nem a essência do seu próprio sentimento. Tiraniza-a sob a forma de um ciúme agressivo e degradante; Madalena se suicida, cansada de lutar, – só e, tarde demais, clarividente. Corroído pelo sentimento de frustração, sente a inutilidade da sua vida, orientada exclusivamente para coisas exteriores, e procura se equilibrar escrevendo a narrativa da tragédia conjugal.*

(...)

*Sob o ponto de vista da análise da personalidade, focalizada de preferência neste ensaio, Angústia completa a pesquisa de Graciliano Ramos.*

*É a história de um frustrado, Luís da Silva, tímido e solitário, dotado de um poder mórbido de autoanálise, que o faz, em consequência, desenvolver um nojo impotente de outros e de si mesmo. Certo dia entabula amizade*

*com a moça vizinha, acaba apaixonado, pede-a em casamento e lhe entrega as parcas economias para um enxoval hipotético. A essa altura se intromete Tavares, que tem tudo o que falta ao outro: ousadia, dinheiro, posição social, euforia e tranquila inconsciência. A fútil Marina se deixa seduzir sem dificuldade, e Luís, espezzinhado, confirmado no abismo interior pela derrota, vai nutrindo impulsos de assassínio que o levam, de fato, a estrangular o rival. Após uma longa doença causada pelo abalo nervoso, conta a própria história.*

*Tecnicamente, Angústia é o livro mais complexo de Graciliano Ramos. Senhor dos recursos de descrição, diálogo e análise, emprega-os aqui num plano que transcende completamente o Naturalismo, pois o mundo e as pessoas são uma espécie de realidade fantasmal, colorida pela disposição mórbida do narrador. A narrativa não flui, como nos romances anteriores. Constrói-se aos poucos, em fragmentos, num ritmo de vaivém entre a realidade presente, descrita com saliência naturalista, a constante evocação do passado, a fuga para o devaneio e a deformação expressionista. Daí um tempo novelístico muito mais rico e, diríamos tríplice, pois cada fato apresenta ao menos três faces: a sua realidade objetiva, a sua referência à experiência passada, a sua deformação por uma crispada visão subjetiva. Se, por exemplo, está andando de bonde, o narrador registra em atropelo a percepção do exterior, quase delira com as agruras por que vem passando, foge na imaginação para certo período da mocidade, recua por um mecanismo associativo até a infância, volta à obsessão presente e à visão deformada da rua. Deste modo, a narrativa oscila incessantemente nos três planos, ganhando intensidade dramática e alucinatória.*

*A caracterização psicológica de Luís da Silva é igualmente mais complexa, levando ao extremo, como disse, certas constantes dos personagens anteriores; ele é por excelência o selvagem, o bicho, escondido na pele dum burguês medíocre.*

*Quando a clarividência e o senso de análise, em relação a nós e aos outros, atingem o máximo, dá-se na personalidade uma espécie de desdobramento. Passam a colidir no mesmo indivíduo um ser social, ligado à necessidade de ajustar-se a certas normas convencionais para sobreviver, e um ser profundo, revoltado contra elas, inadaptado, vendo a marca da contingência e da fragilidade em tudo e em si mesmo. Daí a incapacidade de viver normalmente e o nascimento do senso de culpa, ou autonegação.*

Tudo provém da circunstância de eu não ter estima por mim; mas quem se conhece pode lá estimar-se – ainda que seja um pouco?

*Este conceito terrível é enunciado pelo narrador das Memórias escritas num subterrâneo, de Dostoiévski, cuja invocação ajuda a conhecer o protagonista de Angústia. Ambos são homens acuados, tímidos, vaidosos, hiper-críticos, fascinados pela vida e incapazes de vivê-la, desenvolvendo um modo de ser de animal perseguido. Como tudo lhes parece voltado contra eles (e tudo neles parece insatisfatório, mesquinho), sentem um desejo profundo de aniquilamento, abjeção, catástrofe; uma espécie de surda aspiração à animalidade, à inconsciência dos brutos, que libertaria do mal de pensar e, ao mesmo tempo, levaria ao limite possível o sentimento de autoabjeção,*

Declaro solenemente que tentei várias vezes tornar-me um inseto, mas não fui considerado digno

*diz o mesmo personagem dostoiévskiano. O processo chega ao fim no Gregório Samsa, de Kafka, que certa manhã acorda metamorfoseado numa sevandija enorme.*

*Luís da Silva não segue este rumo lógico, mas vive cercado de animais que simbolizam a sua natureza conturbada: cobras, ligadas a recordações infantis, a impulsos de morte, sexo oprimido; ratos, que povoam a sua casa, roem os seus manuscritos e se identificam, em certos trechos, aos movimentos torpes, nele e nos outros. Em tudo sentimos crescer um homem das profundezas, parente do de Dostoiévski, perseguido por um senso demasiado agudo dos "subterrâneos do espírito", mencionados nas Memórias do cárcere.*

*Avultando sempre na obra de Graciliano Ramos, a preocupação com a análise do Eu culmina pois em Angústia, onde atinge, simbolicamente, a materialização do homem dilacerado, – isto é, a duplicação, a formação de uma alma exterior que adquire realidade e projeta o desdobramento do ser. Sob certos aspectos, Julião Tavares, como observou Laura Austregésilo, é uma espécie de duplo de Luís da Silva; encarnando a metade triunfante que lhe falta, é suscitado pelo vulto que o sentimento de frustração adquire na sua consciência. É um ente de superfície, ajustado ao cotidiano, que Luís odeia e secretamente inveja; mas que vem agravar, por contraste, a sua desarticulação. Por isso é necessário matá-lo, esconjurando a projeção caricatural dos próprios desejos, que o reflete como um espelho deformante. Depois de lentamente amadurecido no espírito, o assassinio surge como ato de reequilíbrio, descrito magistralmente num dos passos mais belos da nossa prosa contemporânea, onde convergem todas as constantes da obra: devaneio, deformação subjetiva, associação de ideias trazendo o passado, visão fragmentária e nebulosa da realidade presente.*

*Depois de seduzir e abandonar Marina, Julião passa a novas aventuras. Uma noite, o narrador vai esperá-lo à saída de uma delas, no arrabalde.*

A escuridão esbranquiçada feita pela neblina aumentava, escuridão pegajosa em que os postes espaçados abriam clareiras de luz escassa.

*Caminhando atrás do rival, Luís vai vendo a sua transfiguração na noite, deformado pelo próprio medo, pelas recordações:*

Julião Tavares fluuava para a cidade no ar denso e leitoso. Estaria longe ou perto? Aparecia vagamente nos pontos iluminados, em seguida o nevoeiro engolia-o, e eu tinha a impressão de que ele ia voar, sumir-se. Um balão colorido em noite de São João, boiando no céu escuro.

*Ainda não sabe o que vai fazer, desvaria, recolhe-se às lembranças e encontra no bolso a corda que lhe dera seu Ivo, o vagabundo. A ideia das humilhações sofridas cresce nele, o sentimento da sua vida subalterna e esmagada pede uma compensação. A recordação do manso assassino José Baía volta com insistência e ele, com um salto e um gesto rápido, estrangula o rival desprevenido.*

A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos perladas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejar, uns braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para a frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me. Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes. Tinha-me enganado. Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros. Os mergulhos que meu pai me dava no Poço da Pedra, a palmatória do mestre Antônio Justino, os berros do sargento, a grosseria do chefe de revisão, a impertinência macia do diretor, tudo virou fumaça. Julião Tavares estrebuchava. Tanta empáfia, tanta lorota, tanto adjetivo besta em discurso – e estava ali, amunhecado, vencido pelo próprio peso, esmorecendo, escorregando para o chão, coberto de folhas secas, amortalhado na neblina.

*Morto Julião Tavares, esconjurado o duplo, o narrador se reintegra no seu ser profundo e irremediável; condena-se em definitivo a permanecer com a frustração e o desespero. Mas o que não podia era continuar a*

*luta desigual com o outro, que acabaria por expulsá-lo da vida, como a projeção de Goliadkin no romance de Dostoievski (O duplo).*

*Esta passagem de um realismo nutrido pelo senso objetivo do mundo exterior para um realismo trágico, que sobrepõe os problemas do Eu à própria integridade do mundo, deformando-o, é característica de Graciliano Ramos, e faz da sua obra uma caminhada sob certos aspectos inversa, por exemplo, à de um José Lins do Rego.*

*Isto se manifesta em vários aspectos da sua escrita, como, para citar um caso, a técnica seletiva, a composição por meio de fragmentos. João Valério constrói os caetés, um pouco humoristicamente, com pedaços de conhecidos; Paulo Honório explica que o seu método consiste em extrair o sumo dos acontecimentos e pôr fora o acessório, como bagaço; mais tarde, em Vidas Secas, a visão se elabora por meio de uma justaposição de ângulos parciais, enquanto Infância acompanhará a natureza episódica da memória infantil. Mas em Angústia estes processos culminam, dando uma visão quebrada – um mundo reconstituído com fragmentos de lembranças, englobados arbitrariamente no devaneio, graças à percepção falha e incompleta. Resulta uma realidade deformada, nebulosa, tremendamente subjetiva, projetando um Eu em crise permanente. Luís da Silva guarda dos acontecimentos certos pormenores neuroticamente fixados, geralmente os que permitem uma interpretação deprimente ou brutal, assim como guarda das cenas de rua pedaços descosidos e incompletos. Quando caminha, bate nos outros e não percebe os obstáculos, que lhe chegam à percepção em partes destacadas do todo: um olho, uma perna, uma pedra. As pessoas são vistas segundo a cor da sua própria alma, tatuadas de maneira selvagem pelas letras brancas de um espelho de café, esganadas pela imaginação, bestializadas por suspeitas delirantes. E, para culminar este banho de introjeção, o autor recorre aqui, pela primeira vez na sua obra, a certos dissolventes das formas nítidas: escuridão, névoa, sons percebidos através de um anteparo, círculo estreito em volta das lâmpadas. Na narrativa – idas e vindas, desvios, coleção de fragmentos.*

*Sentimos que a sua firmeza é devida em parte à experiência prévia do mundo objetivamente descrito. A deformação de tonalidade expressionista a que chega em Angústia, no limite da sua pesquisa da personalidade, tem como base um conhecimento seguro da realidade*

*normalmente percebida e das técnicas destinadas a exprimi-la. Só quem havia ordenado as confissões de João Valério e Paulo Honório seria capaz de desajaímar o "homem subterrâneo" de Angústia, com essa infinita capacidade de experimentar, própria da literatura.*

*A partir deste livro, a sua investigação literária se bifurca. O lastro de observação do mundo, segundo a narrativa direta, vai decantar-se (num alto nível de depuração) em Vidas secas, sem falar nos contos reunidos em Insônia, acessórios na sua obra. A preocupação com os problemas da análise interior se transfere para a autobiografia, primeiro em tonalidade fictícia, depois em depoimento direto. Graciliano não se repete tecnicamente; para ele uma experiência literária efetuada era uma experiência humana superada.*

(...) Aurélio Buarque de Holanda chamou-me a atenção para a circunstância de representar cada uma das obras de Graciliano Ramos um tipo diferente de romance (...) Graciliano Ramos faz experimentos com a sua arte; e como o "mestre singular" não precisa disso, temos aí um indício certo de que está buscando a solução de um problema vital.<sup>12</sup>

*Daí a variedade da sua obra, relativamente parca, e o esgotamento de filões que o levou a passar da invenção ao testemunho.*

(...)

*O fato de ter (Graciliano Ramos) consagrado os últimos anos da vida a relatar uma experiência dessas prende-se, evidentemente, ao desejo de testemunhar, e é consequência lógica da marcha da sua arte, cada vez mais atraída pelo polo da confissão. Mas é necessário juntar uma terceira componente, para avaliar o significado pleno deste esforço e, sobretudo, a sua integração numa certa ordem de pesquisa profunda do homem, que o presente ensaio procura focalizar. Ele aparece como testemunho sobre uma realidade que complementou a visão do mundo, aprofundada desde a intuição dos caetés recônditos e culminada em Angústia. É a consequência duma concepção de homem encurralado, animalizado agora pelo "universo concentracionário" que se abateu tragicamente sobre o nosso tempo – não como exceção fortuita, segundo pensaria o liberalismo do tempo em que abrir escolas dava a esperança de fechar prisões, mas como dimensão própria do século dos totalitarismos. Acompanhando a intuição psicológica, os acontecimentos fizeram Graciliano Ramos passar do mundo como prisão à prisão enquanto mundo.*

---

<sup>12</sup> Otto Maria Carpeaux. Visão de Graciliano Ramos. In: *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943, p. 341.

*Mas (é curioso) ao passo que fora das grades, no espaço aberto, a vida se amesquinha e aparecia, refractada na ficção, como teia de capitulações e desajustes sem saída, aqui, no exíguo universo em que o amontoam como bicho, o homem preso pode se humanizar estranhamente. Aumenta a capacidade de compreender e perdoar; da atrofia dos palavrões convencionais podem surgir outros, mais lídimos; decanta-se o genuíno do falso, e dos brutos esmagados chega a filtrar por vezes uma límpida componente humana. A experiência do pior permite, assim, discernir o melhor; e, paradoxalmente, o sujo viveiro do cárcere propicia, na obra desse pessimista, lampejos de confiança na vida,*

... que é santa,  
 Pesar de todas as quedas, –

*como diz o verso de Manuel Bandeira, e como teria sentido porventura Graciliano Ramos, todas as vezes em que não apenas analisou-a, mas aceitou a íntegra impureza da sua força de luz e treva.*

### 7.3 Cartas<sup>13</sup> de Graciliano Ramos à esposa Heloísa de Medeiros Ramos

#### Carta 74

*Rachel falou várias vezes em v. Sempre encantada com as meninas, especialmente com a Clarita, por causa da lembrança que ela tem da Clotildinha. De vez em quando dizia-me uns desaforos por não me resolver a meter a cara no Angústia, que ela acha melhor que os outros dois. Falta de entusiasmo. Sapequei uma folha ontem à noite, mas frio, bocejando. De volta da casa dos nossos amigos, encontrei no bonde o Teixeira de Carvalho, que me falou a respeito de um telegrama chegado à tarde. Eu não sabia de nenhum telegrama, que tinha passado o dia fora da cidade. O Teixeira tinha ouvido que o Osman ia transmitir o governo ao Edgar e embarcar para o Rio, tudo por ordem do Ministro da Justiça. Ao passar pela Boa Vista, quis ir ao Jornal de Alagoas, pedir informações, mas não fui. Amanhã saberei se a história é verdade ou mentira. Quando saí dos Martírios, antes do meio-dia, tínhamos sido exonerados: os atos já estavam na Imprensa Oficial. Agora à noite seu Américo me disse que à tarde José Soares tinha vindo informa-me de que a publicação havia sido suspensa. Nota sentimental: a datilógrafa que empreguei este ano veio pela segunda vez ao meu gabinete, com os olhos pisados, oferecer-me para copiar os meus livros, à noite. Adeus, Ló. Beijos nos pequenos e abraços em minha*

<sup>13</sup> Foram selecionados apenas fragmentos em que há menção ao romance *Angústia* e suas personagens.

*mãe e no pessoal de casa. Fique boa. São dez e meia: vou ver se consigo arranhar uma folha do Angústia. Abraços do Graciliano. 23 de março de 1935 (RAMOS, 1994, p. 133)*

Carta 75

*Mando-lhe alguns recortes de jornais de hoje. Como v. vê, parece que ainda ficamos uns dias a roer os ossos da repartição. Ontem, depois que lhe escrevi ainda arranjei uma página regular sobre os amores de sinha Germana com o velho Trajano. Creio que hoje amanheci com a munheca desemperrada: já fiz um pedaço de capítulo. E são nove horas da manhã. Há um grande silêncio na casa, a gente escreve que é uma beleza. Ainda há dias o Osman me perguntava: “Como diabo v. pode escrever com tanto filho?” Julgo que agora concluirei o livro. Diga a Júnio e a Múcio que tenham muito cuidado com os esqueletos. E v. tenha também cuidado com o seu. Adeus. Novos abraços. Vou conversar com a Marina e com a d. Germana. Beijos nos pequenos. Graciliano. 24 de março de 1935. Maceió. (RAMOS, 1994, p. 134)*

Carta 77

*(...) Há pouco seu Américo pediu-me para ler uns capítulos do Angústia. Li, sem entusiasmo, e como ele me dissesse que alguém gostava dos meus livros e entendia de literatura, passei uma hora convencendo-o de que isto não era possível. Somos uns animais diferentes dos outros, provavelmente inferiores aos outros, duma sensibilidade excessiva, duma vaidade imensa que nos afasta dos que não são doentes como nós. Abraços de Graciliano. Maceió, 3 de abril de 1935. (RAMOS, 1994, p. 137)*

Carta 79

*Ló: Apenas um bilhete, para aproveitar a visita do Panta, que segue para aí hoje. Como vai a saúde? Hoje é possível que meta a cara no capítulo 24, a história da companhia lírica, que será notável, presumo. Zéllins embarcará para o Rio amanhã. Anda triste, por deixar Alagoas. Nenhum artigo novo do Sul, nem do Boletim de Ariel, que recebi ontem. Apenas quatro ou cinco de que lhe falei. Creio que vou transcrever tudo no Jornal: um cabotinismo horrível. Abraços. Graciliano. 10 de abril de 1935. Maceió. (RAMOS, 1994, p. 139)*



## Carta 81

*Ló: Hoje, dia da morte de Judas volto a escrever-lhe. Anteontem, Endoenças (é um nome brabo, mas está ali na folhinha), foi um dia de grande trabalho. Ontem escrevi menos, mas ainda assim fiz o resto dum capítulo e outro quase todo. Falei muito com seu Américo e por isso a história não se adiantou como eu desejava. Terminei o espetáculo da companhia lírica. O primeiro ato é no Farol, como já disse, o segundo aqui no fundo do quintal, ao pé da mangueira, que nunca existiu. Marina continua em vergonhosa atracação com o Julião Tavares. O ciúme de Luís da Silva é uma doença horrível. O marido de d. Rosália apareceu ultimamente, creio que já lhe disse. Depois castrou-se um moleque nos paralelepípedos. Surgiram uns vagabundos tocando violão e matando o bicho numa bodega. Ontem à noite Luís da Silva tirou da raiz da mangueira dezesseis mil-réis em prata e duas libras esterlinas que Vitória tinha enterrado. Aí apareceu um gato que deve ser da família do diabo: creio que nessa história de botija o diabo aparece sempre. Nunca vi nenhum, mas é o que dizem. O meu diabo tem olhos de gato e veio numa sexta-feira da Paixão. Suponho que ele fica bem com olhos de gato. Seu Américo me deu umas informações sobre os olhos dos gatos, mas sem imaginar que eu estava preparando um diabo num dia santo como o de ontem. Quinta-feira passei o dia numa excitação dos pecados. Terminei a sua carta às dez horas. Pois daí até meio-dia, e das quatro da tarde à uma da madrugada, escrevi com uma rapidez que me espantou. Nunca trabalhei assim, provavelmente um espírito segurava a mão. Vou perguntar a d. Luísa. A letra era minha, embora piorada por causa da pressa, mas é possível que aquilo fosse mesmo feitiçaria. Ou efeito de aguardente. O que é certo é que não vi espírito nenhum. Ontem, como já disse, o que vi foi o diabo, mas um diabo doméstico, com os olhos de gato. Não é possível reduzir mais o sobrenatural. Estou em grande atrapalhão para matar Julião Tavares. Cada vez me convenço mais de que não tenho jeito para assassino. Ando procurando uma corda, mas, pensando bem, reconheço que é uma estupidez enforcar esse rapaz, que não vale uma corda. Enfim não sei. Estou atrapalhado. Se hoje e amanhã eu estiver como nos dois primeiros dias, talvez encontre uma solução para este caso difícil. Estou aqui escrevendo com uma pressa dos demônios, porque preciso voltar à papelada. Felizmente não temos tido jornais. Assim, não perco tempo lendo telegramas e notícias políticas. Ignoro completamente o que se passa da porta do corredor para fora. Presumo que não houve nenhum terremoto. Pelo menos seu Américo não me disse nada a este respeito. Mas se houve algum aqui na Rua do Macena e não quiseram trazer-me uma notícia assim desagradável, espero tomar conhecimento do desastre na segunda-feira. Por enquanto pretendo*

*entregar-me inteiramente a este desastre que preparo e que terá, se aparecer um editor maluco, cinquenta leitores do Amazonas ao Prata, talvez nem tanto. Em seguida o Lívio Xavier, e os outros comunistas amigos da Rachel me arrasarão. Adeus, Ló. Abraços. Beijos nas meninas. Até a semana vindoura. Graciliano. Sábado, 8h da manhã. Maceió, 1935. (RAMOS, 1994, p. 141)*

## Carta 82

*A Heloísa de Medeiros Ramos*

*Uma proposta do José Olímpio, que se oferece para editar o Angústia, ainda não escrito*

*Ló: Fiz viagem regular e cheguei em paz, com muita poeira, muito sono e lembrança das conversas chatas do trem. Felizmente ontem amanheci melhor. Tomei quatro banhos para livrar-me da poeira e escrevi duas folhas do romance terminei um capítulo e comecei outro. Hoje é que não pode escrever nada. Na repartição encontrei, com um expediente enorme que encoivarei depressa, uma carta do Zélins. Recados para a Rachel, que ainda não voltou do Recife, e uma proposta do José Olímpio, que se oferece para editar o Angústia, ainda não escrito. Edição de três mil exemplares. Acabo de escrever ao Zélins dizendo que o livro só estará terminado lá para o fim do ano, se estiver. Marina está grávida, creio que já lhe disse. Agora vou ver se é possível matar Julião Tavares. Difícil. A morte desse homem vai demorar muito. Creio que vou terminar este bilhete, Ló. A encrenca política ainda continua sem solução. Júnio se mudará daqui amanhã ou depois. É melhor, que ele volta para a casa sempre muito tarde. Clarita, Lulu e Tatá não me saem do pensamento. O bilhete de Tatá a Helena está ótimo.*

*Adeus, Ló. Muito cuidado com as crianças. Abraços. Vou trabalhar no Angústia. Graciliano. Segunda-feira. Maceió, 1935. (RAMOS, 1994, p. 143)*

## Carta 87

*(...) O Angústia vai indo. estão emendadas duzentas e quatro páginas. Dentro de um mês estará concluído e datilografado. Recebi novas cartas do Zélins e do Jorge pedindo-o. Ainda não dei resposta, mas vou dizer que mandarei os originais quando o editor enviar os cobres. Não tenho confiança nos editores, uns ratos. Estou projetando outro conto para o argentino, mas isto não tem importância e será arrumado quando o romance estiver concluído. Tenho andado meio doente. Aquela queda me escangalhou. Ainda sinto uma dores e medo de que a coisa se complique*

*e me leve ao hospital, como a outra. Enfim, deixemos de ideias tristes. Por enquanto é trabalhar no livro e esperar que o outro, o de Maria Antônia, apareça. Adeus. Beijos para as crianças. Abraços para você. Graciliano. 17 de janeiro de 1936. Maceió. (RAMOS, 1994, p. 147)*

#### Carta 91

*(...) Oswald pediu-me o Angústia, que ainda não conhecia. Quarta-feira dei-lhe, na livraria do José Olympio, o volume que aqui havia. Quinta-feira tive na Avenida uma prova do exagero e da insinceridade dos paulistas. Oswald de Andrade afirmou-me que Angústia havia abafado a banca (uma frase da Nise) e que agora era um trabalho sério escrever no Brasil. Para não fazer coisa que se assemelhasse àquilo, não valia a pena escrever. Comparou o troço com obras grandes da Europa e dos Estados Unidos. Quis saber a minha maneira de trabalhar e perguntou quantos anos tinha gastado para fazer o livrinho. Enfim uma série de conversas que, se fossem levadas a sério, me encheriam de vaidade. Não foram nem encheram, graças a Deus, mas é possível que o romance não seja mal recebido em S. Paulo. Rio, 14 de fevereiro de 1937. (RAMOS, 1994, p. 183)*

#### 7.4 Os bilhetes da prisão – (1936)

*(...) Demiti-me em 1931. No começo de 1932 escrevi os primeiros capítulos de S. Bernardo, que terminei quando saí do hospital. As recordações do hospital estão em dois contos publicados ultimamente, um em Buenos Aires, outro aqui. Em janeiro de 1933 nomearam-me diretor da Instrução Pública de Alagoas – disparate administrativo que nenhuma revolução poderia justificar. Em março de 1936, no dia em que me afastavam desse cargo, entreguei à datilógrafa as últimas páginas do Angústia, que saiu em agosto do mesmo ano, se não estou enganado, e foi bem recebido, não pelo que vale, mas porque me tornei de algum modo conhecido, infelizmente. (RAMOS, 1994, p. 163)*

## 8. EXERCÍCIOS

1. (UFAM-2018) – Assinale a afirmativa **incorreta** sobre o enredo de *Angústia*:
- a) A história do romance é contada por seu protagonista, Luís da Silva, último filho de uma família rural decadente.
  - b) O narrador é um homem atormentado pelas lembranças do tratamento rude recebido na infância, pelas figuras do avô e do cangaceiro José Bahia, migra para a cidade, passa também ali por misérias e humilhações, mas termina conseguindo um emprego como jornalista.
  - c) O narrador é um homem culto, funcionário público e jornalista, de vida urbana, mas de origem rural, de modo que o romance é narrado com brutalidade da linguagem e, em alguns momentos, em linguagem erótica.
  - d) O narrador é um homem atormentado que tem as visões do seu passado recobradas na memória. *Angústia* é, portanto, a história contada após o abalo nervoso que o assassinato lhe provocara.
  - e) Luís da Silva, o narrador de *Angústia*, ao fim da vida, busca na memória os eventos que possam esclarecer as causas da sua infelicidade, do noivado com sua vizinha, Marina, até a morte de Julião, em uma narrativa linear do passado para o presente.
2. (Unicamp-SP) – Leia o seguinte trecho extraído do romance *Angústia*.

*Onde andariam os outros vagabundos daquele tempo? Naturalmente a fome antiga me enfraqueceu a memória. Lembro-me de vultos bisonhos que se arrastavam como bichos, remoendo pragas. Que fim teriam levado? Mortos nos hospitais, nas cadeias, debaixo dos bondes, nos rolos sangrentos das favelas. Alguns, raros, teriam conseguido, como eu, um emprego público, seriam parafusos insignificantes na máquina do Estado e estariam visitando outras favelas, desajeitados, ignorando tudo, olhando com assombro as pessoas e as coisas. Teriam as suas pequeninas almas de parafusos fazendo voltas num lugar só.*

(Graciliano Ramos. *Angústia*, Rio de Janeiro: Record, 56. ed. 2003, p. 140-1.)

- a) No momento da narração, a posição social do narrador-personagem difere de sua condição de origem? Responda sim ou não e justifique.
- b) Na citação, o termo ‘parafusos’ remete ao verbo ‘parafusar’ que, além do significado mais conhecido, também tem o sentido de ‘pensar’, ‘cismar’, ‘refletir’, ‘matutar’. Como esses dois sentidos podem ser relacionados ao modo de ser do narrador-personagem?
- c) De que maneira o segundo sentido do verbo “parafusar” está expresso na técnica narrativa de *Angústia*?
3. **(UFPR)** – A respeito de *Angústia*, de Graciliano Ramos, é correto afirmar:
- 01) Este é um volume do famoso ciclo da cana-de-açúcar, em que se narra a vinda de um rapaz do engenho falido do avô, onde fora criado, para a cidade.
- 02) O crime de Luís da Silva nos é apresentado como passional, mas é possível dizer que ele também representa uma desforra social.
- 04) Trata-se de um romance regionalista típico, já que sua ação, passada no sertão alagoano, gira em torno de um crime político muito comum no Nordeste brasileiro.
- 08) Luís da Silva, oriundo de uma família de proprietários rurais, sente-se isolado na cidade, não se enquadrando bem em nenhum círculo social.
- 16) O narrador onisciente em 3ª pessoa permite a exploração psicológica de um crime tanto por parte do assassino, Luís da Silva, quanto da vítima, Julião Tavares.
- 32) Em várias ocasiões, a forma escolhida por Luís da Silva para cometer o assassinato – o enforcamento – é antecipada. Exemplo disso é a semelhança que ele vê entre um cano exposto na cozinha de sua casa e uma corda.
- 64) A personagem principal, Luís da Silva, deseja uma revolução socialista, pois essa revolução pode transformá-lo em alguém mais importante que Julião Tavares.

4. **(UDF)** – Aponte o item que melhor conceitua a obra *Angústia*, de Graciliano Ramos.
  - a) Essa obra complementa *Memórias do Cárcere*, do mesmo autor, relativamente às suas memórias, mas sem o seu envolvimento político.
  - b) Narrativa ficcional de forte tendência psicológica, seguindo o fluxo do pensamento do narrador em 1ª pessoa.
  - c) A exemplo das narrativas de Jorge Amado e Érico Veríssimo, em *Angústia*, Graciliano Ramos privilegia a ação, de forma a registrar o universo das tradições nordestinas.
  - d) Em *Angústia*, o autor movimentava as personagens em ações que lhe permitem registrar as relações exteriores entre pessoas de diferentes crenças e origens, como num painel ou palco teatral.
  - e) Os contos reunidos no volume *Angústia*, de interação psicológica, assemelham-se aos de *Insônia*, do mesmo autor, e a algumas coletâneas de Clarice Lispector.
  
5. **(F. C. CHAGAS-SP)** – O romance regionalista nordestino que surge e se desenvolve a partir de 1930, aproximadamente, pode ser chamado “neorrealista”. Isso se deve a que esse romance
  - a) retoma o filão da temática regionalista, descoberto e explorado inicialmente pelos realistas do século XIX.
  - b) apresenta, através do discurso narrativo, uma visão realista e crítica das relações entre as classes que estruturam a sociedade do Nordeste.
  - c) tenta explicar o comportamento do homem nordestino, com base numa postura estritamente científica, pelos fatores raça, meio e momento.
  - d) abandona todos os pressupostos teóricos do Realismo do século passado, buscando as causas do comportamento humano mais no individual que no social.
  - e) procura fazer do romance a anotação fiel e minuciosa da nova realidade urbana do Nordeste.

6. **(PUC-CAMP)** – A leitura de romances como *Vidas Secas*, *São Bernardo* ou *Angústia* permite afirmar sobre Graciliano Ramos que
- a) sua grande capacidade fabuladora e o tom lírico de sua linguagem servem a uma obra dominada pelo impulso, em que se mesclam Romantismo e Realismo, poesia e documento.
  - b) sua obra transcreve as limitações do regional ao evoluir para uma perspectiva universal, ao mesmo tempo que sua expressão parte para o experimentalismo e para as invenções vocabulares inovadoras.
  - c) sua obra, preocupada em fixar os costumes e as falas locais do meio rural e da cidade, é um registro fiel da realidade nordestina, quase um documentário transfigurado em ficção.
  - d) sua obra, toda condicionada pela realidade humana e social de uma árida região de coronéis e cangaceiros, apresenta uma narrativa linear, mas de linguagem exuberante, própria dos grandes contadores de histórias.
  - e) tanto o enfoque trágico do destino do homem ligado às raízes regionais quanto a análise dos conflitos existenciais do homem urbano conferem uma dimensão universal à sua obra.
7. **(UC-MG)** – Graciliano Ramos é autor que, no Modernismo, faz parte da:
- a) fase destruidora, que procura romper com o passado.
  - b) segunda fase, em que se destaca a ficção regionalista.
  - c) fase irreverente, que busca motivos no primitivismo.
  - d) geração de 45, que procura estabelecer uma ordem no caos anterior.
  - e) década de 60, que transcendentaliza o regionalismo.

## 8. 1 Respostas dos exercícios

1. O relato elaborado por Luís da Silva segue o zigue-zague de sua memória atormentada pelo ciúme e pelo assassinato de Julião Tavares, portanto, não corresponde a “uma narrativa linear do passado para o presente”  
Resposta: E
2. a) Luís da Silva representa a decadência da oligarquia agrária nordestina. Neto de proprietário rural, arruinado com a Abolição da escravatura, em 1888, e filho de pequeno comerciante pobre e estagnado, a orfandade atirou o protagonista à quase miséria. Socorreram-no alguns conhecidos, também eles muito pobres. Até estabilizar-se como pequeno funcionário público, em Maceió, foi mestre-escola, serviu ao Exército, pediu esmolas nas ruas, foi revisor e escrevia sonetos que “vendia” a estudantes. Tem-se por “intelectual” deslocado socialmente e ressentido. Recusa e é recusado pela pequena burguesia local; por outro lado, também não é proletário. Homem “de esquerda” também não acredita na revolução. Assim, a resposta é afirmativa, no sentido de que a condição de origem e a atual são diferentes, quer como história de vida, quer como inserção nas categorias sociais (oligarquia rural decadente, pequena burguesia estagnada).
- b) A aproximação entre o protagonista (e outros de sua condição) e a imagem do parafuso insignificante na máquina do Estado, que o texto explicita, remete-nos à redução do homem à coisa, a objeto, à peça de uma engrenagem, despersonalizado ou “coisificado”; no jargão da crítica sociológica: vítima da “reificação” do homem. No sentido a que alude o enunciado do quesito (“pensar” e correlatos), parafusar remete-nos à natureza introspectiva, tensa e reflexiva de Luís da Silva, dolorosamente voltado para sua interioridade, para os desajustes do ser humano permanentemente agredido pelas condições adversas, atormentado pelo ressentimento, pela culpa e pelo ódio.
- c) *Angústia* é um romance de confissão no qual o “eu” narrador e protagonista, reconstrói através da memória sua experiência de vida, a partir de um fato crucial que funciona como “ideia-parafuso”: o assassinato do rival, Julião Tavares. A técnica narrativa é a da introspecção, através de associações mentais, imagens de sonho e



pesadelo (alguns recorrentes, como cobras, cordas, mortes), como um solilóquio obsessivo, excessivo, “doido”; uma escritura tensa, compulsiva, como se a consciência esfacelada e a predisposição mórbida do narrador projetassem em seu modo de narrar o movimento de um “parafuso”, girando em torno de um eixo, aprofundando-se na escavação de uma subjetividade dilacerada.

3. São corretas as afirmações apresentadas nos itens 2, 8 e 32.
4. O romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, é uma narrativa pautada nas lembranças confusas do personagem-narrador, Luís da Silva, que busca relatar os acontecimentos de sua vida a partir de sua memória embaralhada e entorpecida pelas agruras sociais e envoltimentos amorosos, resultando num relato condicionado por fatores psicológicos que envolvem o narrador.

Resposta: B

5. Thiago Mio Salla assim define o romance de 1930: *No caso específico do romance nordestino, pautado pela crítica social, ao invés de censurar obras, passava-se a procurar nelas apenas a porção de realidade que lhes coubesse (e que conviesse ao poder). Nesse cenário, abordar o sertão miserável, tal como realizado por Graciliano em Vidas secas, não se constituía numa ameaça, muito pelo contrário, pois o próprio Estado, ancorado em sua máquina propagandística, se colocava como o suposto iniciador do movimento de descida aos “porões da realidade nacional”, num processo de tomada de “consciência” do país. O mesmo ocorreria com o tratamento do autoritarismo em S. Bernardo (ainda no âmbito da obra do referido escritor alagoano). Ao tratar do tema, o artista teria descrito um problema social e político, cujas origens residiam no caráter antidemocrático das oligarquias liberais, em fase de superação, tendo em vista a aparente atuação do regime, convenientemente pautada pelo combate ao liberalismo da Primeira República. Em outras palavras, a onívora retórica oficial punha-se a converter a “pós-utopia” dos romancistas de 1930 numa utopia conservadora, tecnicista e totalizadora.* (Thiago Mio Salla. “Literatura, política e legitimação institucional: o romance de 1930”. In: *Teresa: revista de literatura brasileira*; Área de

Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São  
Paulo – n.º 16 (2015). São Paulo, 201)

Resposta: B

6. A obra de Graciliano Ramos caracteriza-se pelo estilo enxuto, pela objetividade e pela análise psicológica de personagens que vivenciam conflitos de ordens diversas, mas, principalmente, por fatores sociais e existenciais que marcam, muitas vezes, o caráter universal de seus romances.

Resposta: E

7. Graciliano Ramos é classificado pelos manuais de literatura como um autor da segunda geração modernista brasileira, destacando-se pela perspectiva regional e denúncia dos conflitos característicos dos anos de 1930.

Resposta: B

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEL, Carlos A. dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernadini. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BASTIDE, Roger. Graciliano Ramos. In: *Teresa: revista de literatura brasileira*. USP. Número 2 (2001). São Paulo: Editora 34, 2001.
- BORIS, Fausto. *A revolução de 30: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 39 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BRAYNER, Sônia. “Graciliano Ramos”. In: *Graciliano Ramos*; coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- \_\_\_\_\_. Organização e direção de Afrânio Coutinho. *Graciliano Ramos: Seleção de textos*. Coleção Fortuna Crítica. Vol. 2. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BÍBLIA SAGRADA. 43ª Ed. São Paulo: Paulus, 2001.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão – ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 2000.
- CARPEAUX, Otto M. “Visão de Graciliano Ramos”. In: RAMOS, G. *Angústia*. 49ª ed. São Paulo: Record, 1998.
- CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1983.
- COELHO, Nelly Novaes. “Solidão e luta em Graciliano”. In: *Graciliano Ramos*; coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. Vol. 5.
- COUTINHO, Carlos Nelson. “Graciliano Ramos”. In: *Graciliano Ramos*; coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

- CUNHA, Maria de Lourdes da Conceição. *Camilo Castelo Branco: amores e personagens femininas*. São Paulo: Factash Editora, 2010.
- DIAS, Maria Helena M. *A estética expressionista*. São Paulo: Íbis, 1999.
- DÔSSIE CULT. Graciliano Ramos. *Revista brasileira de literatura*, Cult 42, Ano 4, janeiro/2001, p. 43-63.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Notas do subterrâneo*. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- FARIA, Octavio de. “Graciliano Ramos e o sentido Humano”. In: FELINTO, Marilene. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GLEDSON, John. *Influências e impasses*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.
- LIMA, Yêdda Dias. REIS, Zenir Campos (coords). *Catálogo de manuscritos do arquivo de Graciliano Ramos*. São Paulo, SP, Ed. EDUSP; IEB. 1992.
- MARINHO, Maria Celina Novaes. *A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances Angústia e Vidas Secas*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2000.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: UFMG, 1992.
- MOISÉS, Massaud. “A gênese do crime em *Angústia*, de Graciliano Ramos”. In: *Graciliano Ramos*; coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MORAES, Denis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MOURÃO, Rui. “Angústia”. In: *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*. Curitiba: UFPR, 2003.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. Posfácio de Ruy Espinheira Filho. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- PÓLVORA, Hélio. “Retorno a Graciliano”. In: *Graciliano Ramos*; coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

- \_\_\_\_\_. *Angústia: (75 anos)*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Conversas*. Organização Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Garranchos*. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1994.
- RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- SANTIAGO, S. Posfácio ao romance. In: Ramos, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 2004.
- SALLA, Thiago Mio. *Graciliano Ramos e a cultura política: mediação editorial e construção do sentido*. São Paulo: EDUSP, 2016.
- SARAMAGO, Victoria. *Campo, quintal e cidade em Angústia*, de Graciliano Ramos. Cadernos do CNLF, v. 13, n. 4, 2009.
- TEIXEIRA, Ivan. Construção da intimidade em *Angústia*. *Revista USP*, São Paulo, n. 61, p. 196-209, 2004.
- TERESA. *Revista de literatura brasileira*. USP, nº 2 (2001), São Paulo: Editora 34, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Expressionismo*. In: \_\_\_\_\_. *Literatura Alemã*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- VALE, Fabiano Ferreira Costa. *Angústia, de Graciliano Ramos: uma narrativa de tempos sombrios*. Tese de doutoramento. Brasília: UNB, 2016.

